Gustavo Barroso

HERÓIS e BANDIDOS

Os cangaceiros do Nordeste





Capa e ilustração:
Heron Cruz

Editoração Eletrônica:
Luiz Carlos Azevedo

Revisão:
Francisco J. Carvalho

Pedidos:

Rua Eduardo Salgado, 156 – Bairro: Aldeota
Fone: 3264-3648
CEP: 60150-140 – Fortaleza – Ceará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B 277 h Barroso, Gustavo (1888-1959).
Heróis e bandidos: os cangaceiros do Nordeste / Gustavo Barroso.- Rio - São Paulo - Fortaleza: **ABC Editora**, 2012.

197 p.: il.

(Coleção Nosso Brasil)

1. Lampião – 1990-1938 2. Cangaceiros I. Título.

ISBN:

CDD: 920

Impresso no Brasil — Printed in Brazil

Ao meu amigo

Afrânio Peixoto

I – AS CAUSAS

II – OS TIPOS

I

AS CAUSAS

"La Moderna, Itália, nell'apice della sua viltà e nulllità, mi manifesta e dimostra ancora agli enormi e sublimi delitti che tutto di vi si van commettendo, ch'ella, anche, adesso, più che ogni altra contrada d'Europa, abbonda di caldi e ferocissimi spiriti a cui nulla manca, per fare altre cose, che il campo e i mezzi."

Alfieri — *"Il Príncipe e le lettere"*.

HEROIS E BANDIDOS

Gustavo Barroso

A grande região compreendida entre o rio São Francisco e o vale do Cariri , estendendo-se da serra do Quicuncá à do Martins, dai às faldas da Borborema, aos contrafortes da Baixa Verde e dos Dois Irmãos, é o *habitai* do banditismo. Ali se encontram e se aproximam as fronteiras de sete Estados, tendo nesgas de territórios que se enfiam umas nas outras, como cunhas. O meio, a cumplicidade do habitante e a facilidade de fugir dum Estado para outro oferecem guarida segura a todos os criminosos.

Para o sul do Ceará, a grande planura do sertão ressequido alonga-se com as várzeas e campos ermados ao sol. O gado faminto rompe, destramando garranchos, caatingas e carrascos sem folhas. Serrotas escuras, pedrentas, áridas, avultam à luz. Uma alta barra mais azul que o céu demora no recuado horizonte. É a chapada do Araripe com oitenta e muitos quilômetros de largura, calçada de lajes calcárias, atapetada de pasturas, onde, à sombra dos piquis, se aprumam os "tombadores". Ao pé, se estende o vale do Cariri. Nele não se sente mais o rescaldo da planície crestada nem se avistam somente agruras e pastagens amarelas se desfazendo em pó. Há sombras. Roças capinadas verdejam. Tem-se a alegria de ver coisas verdes depois que se atravessou a extensão comburida e maninha, africana e ardente, que o português apelidou "sertão de Mombaça". Vale relativamente fértil, destinado a sofrer menos nas secas, alcança as raias do Pereiro e se espraia até Guaribas, Brejo Secco, Nova Roma, Missão Velha e a Serra de S. Pedro.

O Cariri é célebre por sua historia. Nele se deram os motins de Filgueiras e Pinto Madeira, de Belém e do Padre Cícero.

Lá, quando foi da república do Equador, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe guardava as melhores reservas de homens. É imensa a herança de lutas e guerrilhas. Até hoje, houve ali quinze rebeldias! Eternizam-se as questões intestinas e repetem-se amiudadamente ataques e incêndios de povoações. Sua fartura convida os cangaceiros errantes. Seus núcleos de fanatismo os acolhem e geram uma ociosidade perniciosa.

No interior da Paraíba, esse papel é exercido pela vila do Teixeira e terras circundantes, cortadas pela estrada que, partindo do São Francisco, atravessa a bacia do Piranhas, por onde transita o maior comércio daqueles lugares. Os baluartes da Borborema impedem a marcha dos elementos civilizadores que vêm do litoral e as suas alfurjas dificultam as perseguições. Os mais afamados cantadores sertanejos documentaram a celebridade do Teixeira. Essa tradição oral é uma das mais sinceras fontes para a historia do cangaço. O velho Nicandro dizia em 1877:

"Que fim levaram os cangaceiros,
Que malhavam[1] no Teixeira?"

Ugolino cantava também:

"Goyana é para ladrão
E Teixeira pr'a valentão!"

Os sertões de Triunfo e Pajeú de Flores são os maiores valhacoutos de bandidos, em Pernambuco. Todo o grande cri-

[1] Malhar, ação do gado reunir-se e deitar-se para ruminar, repousadamente, em lugar sombrio e agradável. Empregado por extensão "que malhavam", isto, que estadeavam, demoravam, viviam.

minoso matuto passou por ali. Saint-Adolphe, baseado em documentos oficiais, afirma que já em 1750, existiam no Pajeú trezentos e cinquenta criminosos em liberdade!

Se, atualmente, no sertão baiano, à margem do Vasa Barris ou de outros rios, não estadeiam nem se homiziam milhares de bandoleiros, não se deve esquecer que ali fizeram frente a um exercito inteiro, dando exemplo duma resistência poucas vezes registada pela historia.

No conjunto das zonas apontadas vivem os bandidos sob a proteção do terror que inspiram, das autoridades politicantes ou dos chefes de partido e mandões da terra, atravessando as fronteiras, quando precisam fugir a perseguições policiais ou vinganças particulares, mutuamente se ajudando nas evasões, rapinagens e matanças. Tudo isso relembra a Albânia com a eterna quizília de seus beys, as lutas dos clãs gaélicos, as partidas mexicanas do Chihuahua, as pelejas sem tréguas de todos os povos anarquizados e retardados.

Não somente nessas zonas sertanejas existem cangaceiros. Ai surgem em maior número e continuadamente, enquanto noutras paragens rareiam, dispersam-se e causam danos tanto menores quanto lhes falta a força derivada do número e do mútuo esforço.

As causas do banditismo – o mais importante fenômeno da rude vida do sertão – são complexas e o seu estudo oferece sérias dificuldades.

Agrupamentos de muitas causas primárias e secundárias formam, com a ausência de umas, com o conserto de outras ou com a reunião de todas, a razão da existência do tipo social do

cangaceiro, alma feita de contrastes, anormalidade quase normal na primitiva e estiolada sociedade sertaneja.

Emaranham-se causas e efeitos, os fenômenos resultam de tantos antecedentes e geram tantas consequências que seria temeridade falar das leis que os regem e produzem a criminalidade no interior do nordeste brasileiro. As leis que concatenam as causas e fatos e pelas quais se manifestam aqueles de que vamos tratar, certamente existem, mas são ainda desconhecidas. Não se segue que não atuem só porque as ignoramos. Cabem aqui as frases de Taine e Stendhal. "Se no tempo de Kepler não podíamos explicar o movimento dos planetas é porque ignorávamos a gravitação. Ela, entretanto, já existia".[2] "Nossos grosseiros antepassados não sabiam ver a eletricidade. Ela só por isso não existia?" Na impossibilidade de apontar com segurança as leis que governam os fenômenos sociais, resta, unicamente, a quem os estuda, expor dados gerais, esmiuçar os moveis, examinar o meio físico e moral, mostrar causas aparentes ou remotas, alinhar episódios e comentá-los.

Fatos observados amiudadamente, considerações nascidas da constância de certos motivos, circunstâncias de ordem empírica, minucioso estudo de acontecimentos periódicos, do meio, da raça, da formação social, são as únicas bases para um sistema de ideias que nos dê as razões explicativas do banditismo sertanejo. Os seus crimes não devem ser encarados somente sob o aspecto jurídico ou humano.

Acompanhando as modernas correntes sociológicas e criminalistas, somos obrigados a estudá-los nas suas manifestações psicológicas e a passar em revista as causas que os produzi-

---

[2] Taine — "Da Inteligencia".

ram, quer na ordem física, quer na social, causas mais importantes do que eles em si próprios, porque não passam de consequências lógicas e resultantes fatais. "O crime sob todos os aspectos e formas, da mais equívoca à mais evidente, da mais perdoável à mais infame, passa integralmente da vida à ciência, que o submete ao bisturi da anatomia física ou moral e à lente da sociologia, a fim de procurar em seguida, por indução, os remédios positivos da higiene e da medicina sociais.[3]

Os bandidos não são produtos exclusivos das terras brasileiras de nordeste. Em todos os povos têm existido com denominações diversas. O jagunço não é criminoso por mero acidente de seu caráter; não é criminoso, às mais das vezes, por si próprio. Ele termina uma série de antecedentes os mais variados ou é um elo na seriação de causas as mais diversas. "Cada qual moraliza ou desmoraliza por sua conduta os descendentes, porém já foi, em maior grau, moralizado ou desmoralizado pelos ascendentes"[4]. Necessário, portanto, se faz estudar as modalidades da vida matuta, tanto as de agora, como as do passado, desfiar causa e causa, motivo e motivo, razão e razão; destramar os usos e costumes e analisar formas do viver, procurando filiações históricas; esgaravatar a existência vagabunda do selvagem e rastrear os filhos pelos pais até o outro lado do oceano.

Só se conhecerão as tendências do homem do nordeste, remontando a ação dos elementos étnicos e sociais que o formaram. Chateaubriand achava que a sociedade medieval se constituirá com a ruina de muitas sociedades. A sociedade sertaneja é o resultado da ruina de três raças, cada qual com diver-

---

[3] E. Ferri — "Os criminosos".
[4] Letourneau – "Physiologia das Paixões".

sa natureza moral e física, com expansões diferentes e manifestações contrárias. Elas se derruíram no caldeamento da mestiçagem baralhada. Aniquilaram-se quase desdobradas em produtos híbridos e, como os mestiços não se fixam[5], largo tempo continuarão a misturar os sangues até que se destruam ou regressem, pela adesão constante de um dos tipos iniciais, aos estalões de onde vieram. Do marasmo em que vivem decaídas, certo um dia sairão forte legadas e aptas.

Domingos Sarmiento, estudando a barbárie dos pampas argentinos, demonstrava o valor dos antecedentes históricos na eterna anarquia dos povos hispano-americanos e na sua falta de capacidade dirigente. Já em mais remotas eras o grande Lucrécio deixava estas interrogações nas paginas do "*De Natura Rerum*": "Por que a raça funesta dos leões gera a insolência e a das raposas a astúcia? Por que o instinto de fuga passa nos veados de pais a filhos? Por que, em tudo e por tudo, desde os primeiros dias da vida, se transmitem a forma do corpo e a forma do caráter?"

Os sociólogos afirmam que o homem, de origem e pela própria organização, tem todas as necessidades e inclinações da animalidade de que proveio, certo prazer mental, inerente à mesma animalidade, em fazer sofrer os entes mais fracos e que só a força da civilização consegue modificar esses instintos primevos, contudo sem os extirpar de vez.

Carlos Letourneau diz que o prazer mental de torturar o inimigo é mesmo uma condição de vida. Audubon narra a voluptuosidade, que presenciou, duma águia branca devorando um cisne e compara esse fato com outros idênticos pratica-

---

[5] Letourneau – "Sociologia.

dos por homens. Houzeau cita, em apoio da mesma afirmativa, o caso dos macacos antropomorfos maltratarem os quadrúpedes inferiores. "A bondade é rara entre os camponeses", afirma Stendhal[6]. Para Spencer, nas sociedades primitivas, rapinantes e guerreiras, a piedade quase não existe. Num meio assim, toda criatura boa e, portanto, fraca será destruída. É necessário ser mau para viver. Segundo a interessante observação dum sociólogo moderno, as raças inferiores, especialmente as sensitivas e volúveis, são cruéis quase inconscientemente, à semelhança das crianças com quem se parecem. "A necessidade de odiar precedeu de muito a de pensar"[7]. Alix afirma que o homem criado à lei da natureza demonstra o poder das inclinações primitivas, porque não sabe disfarçar as paixões e entrega-se à sua violência. "Se se pode e se deve muitas vezes resistir mais ou menos vitoriosamente ao desejo, não se pode impedi-lo de nascer nem abafa-lo depois de crescido"[8]. Tanto mais inculto o homem, tanto mais atos violentos pratica, cedendo às paixões de momento, às impressões da ocasião. Para dominá-las, são precisas longa educação e regular herança de inclinações e sentimentos bons[9]. É muito do sertanejo o prazer de arrostar a opinião e o gozo de sentir-se diferente do comum dos mortais.

O clima sertanejo tem a máxima culpa na produção da cangaceiragem. Strabão, descrevendo a Europa Ocidental, dizia: "Acontece, com efeito, que, nas regiões férteis, as populações são sempre de gênio pacífico, sendo belicosas e enérgicas nos países pobres". Letourneau exprime-se deste modo na

"6 Stendhal – "Roma, Nápoles, Florença", página 228.
7 Letourneau – "Physilogia das Paixões".
8 Id. op. cit.
9 Id. op. cit.

"*Physiologia das Paixões*": "A ferocidade dos sentimentos de certos povos talvez se origine da fome, porque esta torna o homem não um ser sociável, inteligente e mais ou menos moralizado, porém um indivíduo mergulhado na animalidade de onde mui verossimilmente proveio". A deficiência da alimentação gera a miséria orgânica com um cortejo de perturbações fisiológicas e desequilíbrios nervosos, que se transmitem, às vezes mais se acentuando, de pais a filhos.

A fome, porém, não é a causa única de guerras, matanças e crimes. Mil outros motivos concorrem. "Viver é satisfazer todas as suas necessidades quaisquer que sejam"[10]. Ela é, entretanto, uma das causas primordiais. A Calábria, a Córsega, a Serra Morena, os desertos da Síria e da Mauritânia, todos esses coutos de salteadores, nunca foram gabados por sua abundancia. Dutrochet fazia os fenômenos vitais derivarem das condições físicas. Para Victor Hugo, a alma da terra passava para o homem e fora a alma da Bretanha que produzira os chuans. Foi a alma do sertão que moldou e fundiu a do cangaceiro. A fim de viver nessa região agreste, batida de sol, é demasiadamente sóbrio. O eterno combate contra o meio inóspito desenvolve-lhe a coragem e a resistência. A ameaça continua de perecer dá-lhe o fatalismo e estoica resignação para todos os males.

Um fato mostra a importância das condições climáticas. Ribeiras houve regadas longos anos seguidos por invernos fecundos e abastecidas por abundantes colheitas. Durante o período de fartura, não surgia um bandido. Os enxotados das vizinhanças não pousavam, porque lhes davam caça. Vieram secas. Os seareiros fugiram para os povoados, emigraram para a Ama-

---

[10] Le tourneau – "Sociologia".

zônia, ou, de agricultores, se tornaram míseros cabreiros. As terras amaninharam-se abandonadas. O cangaceiro veio de fora e domiciliou-se ou irrompeu da própria gente arruinada.

Perquirindo o recesso da alma do bandido sertanejo, encontram-se as mesmas asperezas que à face do solo onde nasceram e em cuja aridez medram os vegetais espiculantes. O caroá, o gravatá, a cubeba e a palmatória enchem o respaldo dos chapadões. A coroa de frade vermelheja entre umburanas, juremas e facheiros. As macambiras entremeiam-se às unhas de gato, à sombra dos rompe-gibão, dos sabiás, dos juás e das favelas. O mandacaru e o xique-xique agrupam-se em touceiras.

Todos esses espinhos, cada qual com sua forma e sua maneira de ferir, ele os têm na alma para atirar contra o inimigo!

No sertão, a população dedica-se mais à vida pastoril do que à agrícola. A primeira é mais intensa e melhor organizada que a segunda. Todos os costumes e tradições se basearam na vida do pastoreio. O povo tem em si o nomadismo natural das raças pastoras. Nos raros lugares onde a vida agrícola aparece mais desenvolvida, esse progresso é tão diminuto, as relações que produz tão sem valor, que a agricultura não se destaca da posição inferior de auxiliar da pecuária.

Como povo pastoril, não tem vida em sociedade. Contrai hábitos de insulamento. Falta a confiança nas garantias que emanam da associação, o que gera a coragem pessoal, desenvolve os ódios e aumenta os instintos de defesa própria. Em todas as manifestações da vida sertaneja, campeando o gado, caçando, caminhando dias inteiros sem topar uma casa, o homem adquire o costume de viver longe da comunidade e de somente contar consigo em qualquer luta. As privações o endurentam e

tal hábito lhe dá desprezo pelas seguranças que a sociedade oferece, fortalecendo seu amor próprio.

Os trabalhos agrícolas dificultam a ociosidade, porque obrigam a muitas horas de labor e ocupam grande número de braços. A criação do gado requer menores cuidados. O gado procria à solta. Durante o inverno, um vaqueiro dá conta de duzentas rezes com facilidade. Sobra-lhe muito tempo, que emprega em preguiçar, jogar ou beber, porquanto não há o menor rudimento de vida social e nenhum divertimento que desentedie. Eis um trecho de profunda observação a respeito, escrito por um homem do sertão, no começo do século passado, prova completa da asserção feita acima: "Rara é a pessoa que não puxa a *orelha da sota*; muitos aqui fazem do jogo sua ocupação ordinária... assim é, porque a esterilidade do lugar não permite o uso da agricultura em que esses homens possam achar ocupação"[11]. Das emoções da jogatina e da beberrona, nas vendas e tavernas que marginam os caminhos, para a caça de aventuras maiores e emoções mais fortes, vai somente um passo. "Dos bandidos sertanejos aos caudilhos das cidades a linha é reta"[12].

Sarmiento refere-se à importância da taverna no banditismo dos pampas com estas palavras: "Saem os homens sem saber bem para onde. Uma parte do dia gastam numa volta, a fim de ver o gado, visitar uma cria ou a querência dum cavalo predileto. O resto do tempo passam na reunião duma venda ou *pulpéria*. Ali se encontram uns tantos moradores da vizinhança, dão-se e recebem-se notícias de animais perdidos, riscam-se no chão as marcas do gado, sabe-se onde se caçam tigres e rastreiam

---

[11] "Memórias do Professor Manoel Ximenes de Aragão."
[12] Afrânio Peixoto – "Maria Bonita" (Notas).

pumas, combinam-se os pareôs das corridas, escolhem-se os melhores cavalos; enfim, ali está o cantador e todos fraternizam pelo circular do copo e as prodigalidades dos mais abastados. Naquela vida tão sem emoções, o jogo desperta os espíritos enervados, o licor acende as imaginações entorpecidas. Essa associação acidental, quotidiana, consegue formar pela sua repetição uma sociedade mais estreita e íntima do que a de onde proveio cada indivíduo. E nessa assembleia sem objeto público, sem interesse social começam a se esboçar as reputações que mais tarde, com os anos, aparecerão na vida política"[13].

Esse flagrante da vida pampeana é um instantâneo da vida sertaneja, porque no interior do centro-norte a cena é a mesma, os motivos idênticos, as razões iguais e muita vez das bodegas matutas saem os maiores criminosos e os caudilhos inferiores, que ameaçam subverter com a jagunçada o próprio meio social de que vieram.

O homem ali vive primitivamente como os povos que demoram no mesmo estágio de civilização: gaúchos, beduínos, esclavonios, tártaros ou *cow-boys.* O acesso do sertão é difícil. Está longe das cidades e portos de mar, dos recursos e ideias que lhe poderiam fornecer. Os poderes públicos criminosamente o deixam entregue à miséria áspera do clima, alimentado deficientemente, pasto de oftalmias e sapirangas (tracoma), de anemias, sarampos, fleimões e nevroses, minado em algumas partes pela ancilostomíase, a opilação, as doenças do fígado, a leishmaniose e até a lepra. O interior do Brasil não é um vasto hospital como afirmou o ilustre Dr. Miguel Pereira; mas a falta de higiene é grande e há regiões onde grassam as piores molés-

[13] Sarmiento – "Facundo"

tias. Quando uma epidemia cai sobre o sertão, devasta as gentes como às foiçadas o capinzal acama. Não se conhecem cuidados higiênicos, não se acreditam em preventivos. As autoridades sanitárias nada podem fazer, porque são leigas na matéria e lhes faltam meios. O poder central nem chega a saber quando a varíola dizima um povoado. No meio do século passado, as pestes de cólera e outras matavam 60% da população!

O habitante do sertão está, assim, murado num ambiente onde não há o menor desenvolvimento, ignorando quase por completo a civilização moderna, em contato diário com as tradições únicas da raça e do meio, revendo o passado em todas as manifestações da vida, enchendo-se de preconceitos doutros tempos, procurando imitar os antepassados e praticar hoje ações compatíveis com o estado social de séculos atrás. Demais, a luta feroz desse homem desprezado pelo poder público, insulado, contra a natureza armada com todas as armas dá-lhe grande pretensão de superioridade e torna indomável a altivez do caráter, poucas vezes mau e sempre pessimamente educado. Foi a vida triste, solitária e forte dos pastores que formou sempre as maiores multidões de bandidos. Ela reuniu os massagetas, agrupou os hyksos, arrastou os hunos sobre a Europa, deu poderio aos derviches da Nubia e ao senussi tripolitano.

Houzeau fez notar que os animais reunidos em casais ou pequenos bandos são mais cruéis e guerreiros do que os agrupados em comunhões mais ou menos disciplinadas. Citava o exemplo das formigas, que faziam guerra com estratégia e tática, raramente tendo duelos de rivais furiosos. O movei do interesse era mais alto ou, melhor, mais disfarçado. Guerreavam nações, não disputavam indivíduos. Saber disfarçar os motivos interesseiros já é grande passo para a civilização. Enquanto isso,

os gorilas se batem à pedra e a pau, matando-se em combate singular "á maneira dos homens"[14].

Como admirar-se alguém do jagunço saquear, violar, e chacinar, se a mesma coisa fazem os povos superiores? O mais virtuoso dos imperadores de Roma mandou massacrar os judeus. Foi a Espanha opulenta e culta do século dezesseis que afogou em horrores as rebeldias flamengas. A França, quando em situação de cultura pouco maior que o sertão, mal respirava sob a feroz pressão dos armagnacs, dos borguinhões, das "companhias brancas" e dos "esfoladores".

Mais tarde, teve Mandrin e Moneuse, os "chauffeurs", as companhias de Jehu e do Sol.

Na produção do cangaceirismo, muito influem as distâncias e a falta de comunicações. Estudando o extremo sul do continente americano, Head mostrou a influência das grandes extensões sem transportes, que vão "das palmeiras tropicais às neves quase polares". O sertão vive à parte do convívio nacional pelas grandes distancias a percorrer e falta quase absoluta de meios de comunicação. As estradas de ferro de penetração são poucas e ainda não completadas. As de rodagem estão em projeto ou em estudos. Existem somente velhos caminhos coloniais, estragados pelas invernias e o passar das tropas e boiadas, veredas torcicolosas nas terras particulares e raras vias abertas pelos retirantes, durante as secas do século passado.

Sarmiento afirma que uma das maiores causas do banditismo nos pampas é a extensão deserta que rodeia os pequenos núcleos de população, separando-os de qualquer con-

[14] Houzeau — "É tudes sur les facultés mentales des animaux".

vívio. As povoações matutas ficam a enormes distancias do litoral. Somente este acolhe os elementos da civilização exterior, tendo, assim, maior riqueza e maiores gozos, e podendo transmitir ao interior influencia e emoções que receba. Não pode, porém, fazer a transmissão com rapidez e energia, porque a carência de transporte demora iniciativas e impede a imediata ação dos elementos recebidos. O sertão solitário estiola-se na luta silenciosa contra a natureza.

Fortes obstáculos naturais dificultam as comunicações. Os transportes se fazem em burros como no Egito, a seis mil anos, no Sudão e no Kordofan, ainda boje. Os rios não são barreiras de custosa passagem, porque estão sempre secos. As cheias, apesar de enormes, rapidamente se escoam. Mas as montanhas impedem o transito nas zonas onde é mais necessário. Os mestres da sociologia asseguram que as cordilheiras mantêm o insulamento dos povos, fazendo-os conservar os característicos primitivos. Os montes Grampians demoraram a chegada da civilização latina aos Pictos e Galedões. O planalto do Tibet guardou séculos os mistérios do Dalai-lama. Luiz XIV, julgando a Espanha jungida à influencia francesa, sentenciara: "Não há mais Pirineus". As serras mantiveram quase puras a língua, a raça e as usanças do país de Gales, dos Vasconços e Cantabros. Os Alpes garantiram a liberdade e os usos dos suissos. Os píncaros do Tcherna-gora conservaram os costumes patriarcais do Montenegro. Os Apeninos deram audácia aos bandos de Gasparone. A Borborema mantém as dissenções do sertão paraibano. Os Cariris, o Araripe e o Pereiro param a marcha dos elementos de cultura, defendendo as tradições do banditismo.

As estradas de ferro ficam ainda a caminhos dos verdadeiros focos do crime. Em muitos Estados nem tentam penetrar

no sertão. Beiram a costa. Tão decisiva sua influencia nas condições de vida daqueles ermos que o próprio sertanejo diz em tom de provérbio: "Onde chega o "vapor de terra"[15] desaparece o cangaço"[16].

Faltando-lhe transporte, o matuto é obrigado a restringir gozos e sopitar inclinações. Supre-se a si mesmo. Produz quase tudo de que carece. Importa algumas fazendas, muitas armas e munições. De mais nada precisa. A dureza da existência solitária e triste não permite devaneios nem certas ambições. É de inigualável sobriedade. O general Couto de Magalhães diz na "Viagem ao Araguaia": "O gado dá-lhes em abundancia carne, leite, coalhada, queijo. Plantam em roda da casa a mandioca... . fazem roupa com o algodão que lhes cresce nas roças e é fiado pelas mulheres; de modo que a não ser o bocado de ferro para arma ou freio, tudo mais lhe é fornecido pela natureza com tão pouco trabalho que mete inveja a nós outros civilizados". A mesma coisa no nordeste, sendo que lá até o freio e o estribo são batidos ou moldados pelo ferreiro da terra.

A falta de trocas, desde as do comércio às do espírito, predispõe aquelas populações aos maus instintos do homem bárbaro. Dai a facilidade dos alevantes que dão a impressão de surgirem espontaneamente. Para mostrar o estado de anarquia em que se debate a sociedade sertaneja durante e após as rebeldias, bastará ler um trecho das "Memórias" do professor Ximenes de Aragão: "Neste mesmo ano (1829) principiou a girar a moeda de cobre em número nunca visto entre nós, o que deu lugar

---

[15] "Vapor da Terra" é o trem, o contrário do "Vapor do Mar".
[16] Armamento; de canga, porque o bandoleiro antigo sobrecarregava-se de armas, trazendo o bacamarte passado sobre os ombros como uma canga. Andava debaixo do cangaço. Empregado aqui no sentido mais lato da ação de banditismo.

ao desaparecimento da moeda de prata. Foi, com efeito um dos males mais terríveis o aparecimento desse cobre, porque ao princípio corria moeda de grossura ordinária, e, à medida que ia aumentando o seu número, faziam-na tão fina que qualquer pessoa, com a maior facilidade, dobrava um vintém entre os dedos como se fosse feito de folha de Flandres. Em muitas partes havia fabricantes dessa moeda, mesmo pelo mato, trabalhando quase publicamente. Eram tão mal feitas que muitas nem letras tinham e outras não eram inteiramente redondas. Viamse pelos sertões comboios e mais comboios de dinheiro em surrões de couro cru à maneira de comboios de sal. .." Até hoje o sertão não conseguiu libertar-se do dinheiro falso. Em todas as feiras de gado, o criador que julgou ter feito ótimo negocio, vendendo uma boiada por elevado preço, descobre dias ou meses depois que lhe pagaram em notas falsas. Antonio Silvino viveu sempre passando dinheiro falsificado. Foi preso com uma cédula falsa de duzentos mil réis no bolso. No interior da França exaurida e semianarquizada em consequência das guerras de Luiz XIV, os grandes salteadores das estradas reais acumulavam essas funções com as de moedeiros falsos[17].

O Rio Grande do Norte é, do nordeste brasileiro, o Estado menos assolado pelo banditismo. Basta olhar a sua carta e logo se verá a razão. O oceano banha-o a norte e nordeste. As costas se encontram quase em angulo reto. O território pouco se estende para o centro. As cidades e zonas mais populosas ficam a menor distância do mar. A penetração de energias civilizadoras é fácil. Paraíba e Pernambuco ao contrário, têm pequena faixa costeira e se alongam e alargam sertão adentro, além das fileiras de serras que os separam do litoral. O Ceará,

---

[17] "Causas Célebres".

embora tenha grande linha de costas, estende-se muito para o interior. E o cangaceirismo nele não é tão forte quanto na Paraíba.

Estudando a questão do cangaço, o jornal paraibano a "União" clamava contra a falta de comunicações de maneira a corroborar tudo quanto afirmamos: "Ai está a civilização de todo o interior a pedir meios de transportes e outros melhoramentos, a fim de que lá penetre o progresso e as nossas populações sejam mais alguma coisa do que imensa tribo apenas acabada de passar da vida nômade à sedentária".

Para Sarmiento[18], as populações do litoral argentino alcançavam o décimo nono século, mas as do interior tinham ficado no décimo segundo. No nosso sertão, o século dezessete não transcorreu e olha das pirambeiras e caatingas para o século vinte, que, parado à beira mar, se espanta por vê-lo ainda ali. O mesmo fenômeno que na Itália, quando Napoleão tentou forjar sua grandeza. Diz Stendhal que sobre um país do século dezesseis o Imperador atirava a civilização do século dezenove. Esse choque produziu o desmoronamento da obra. No sertão, dele resultam sempre manifestações guerreiras.

A sociedade sertaneja não evoluiu. Há civilizações que chegam a uma culminância e depois declinam. Outras nada atingem. Esgotadas pelos próprios esforços para subir, embora pequenos e dispersos, degeneram e caem em marasmo ou anarquia. A gente do sertão ficou o que era na época das bandeiras aventurosas, das primeiras mestiçagens e das primeiras lutas. Já no tempo colonial uma carta régia mandava os capitães-mores

[18] "Facundo" — Isto no meio do. Século passado.

tomarem sérias medidas, porque no sertão se faziam mortes por quatro vinténs![19].

A fisionomia social é a da época da colônia em todos os aspectos, desde o plantio da mandioca aos singelos versos dos troveiros. Armas, expressões de linguagem, sentimentalismo rude, susceptibilidades pundonorosas, as mesmas de três séculos passados. Ainda há pouco tempo, o cangaceiro usava o trabuco, o bacamarte boca de sino, o "lacambeche" de pederneira, a granadeira reiuna de munição. O "rifle" Winchester foi introduzido pelo emigrante escapo às moléstias da Amazônia, que o trouxe de torna viagem, para a terra-mater, como grande novidade [20].

Um francês, nosso amigo, que jamais penetrara no interior do Brasil, escreveu-nos do Piauí, o seguinte: *Les négociants de Therezina sont* "atrazadissimos". *Ce n'est pas du retard, c'est l'ignorance des individus do seizième siècle*". Nessa sociedade retardada, a moral é unicamente mantida pelos usos. Os de boa índole procuram seguir uns tantos ditames: respeito aos velhos e mulheres, às mal interpretadas normas da religião e a certos costumes. Nada mais. Ouvindo-se uma palestra sertaneja ou poesia de pé de viola, julgar-se-á ter entrado no seio duma sociedade de outras eras, do tempo em que os padres educavam e instruíam os matutos.

[19] V. Pereira da Costa – "Notas para a História do Piauhy". — Sobre instrução pública, de que mais adiante tratamos, seria bom ler, para nos dar razã o, Liberato Barroso — "A instrução pública no Brasil"; Almeida Oliveira — "O Ensino Público" e Ruy Barbosa — "A Reforma do Ensino Primário".

[20] Atualmente, o sertão está armado a Mauser pelas revoluções e pela chamada legalidade...

Porque, depois que o jesuíta foi expulso, ninguém ensinou mais coisa alguma ao sertão. Ao tempo da monarquia, eram pouco numerosas escolas públicas. As da República não são também em grande número e a politicagem impede que produzam benefícios reais, removendo professoras, a fim de servir antipatias de potentados, pagando-as mal e com atraso, quase não provendo os estabelecimentos de material escolar e não fiscalizando o ensino. Os Estados, chamando a si as rendas dos municípios, obrigaram-nos a fechar as escolas municipais. Algumas de menos. A frequência das classes é difícil; as distâncias grandes e exíguas as conduções. Os meninos dos povoados aproveitam alguma coisa. Os dos arredores, pobres, precisando ajudar os pais da labuta diária ou madraçando, porque não os obrigam a aprender, impedidos de frequentar a aula todo o dia pela extensão da caminhada, pouco ou nada adiantam. Há sem exagero uma proporção de 97 % de analfabetos!

Na linguagem e nas paupérrimas manifestações de arte, se nota o reflexo do domínio da Companhia, que fanatizou, mas ensinou muito. Junto de cada igreja, havia uma escola. As ruínas desses edifícios, das *casas dos padres,* ainda se veem nos adros dos povoados. Daqueles casarões brancos, quadrados, severos, derramaram-se grandes benefícios, tanto para a lavoura e a pecuária, como para os espíritos com as luzes dos livros clássicos. Raro era o sertanejo de melhor categoria que não soubesse, regularmente, rudimentos de latim e retórica, filosofia e historia.

Analogia da vida sertaneja com a da idade media. Nesta o culto das armas e o amor da guerra repeliam as letras, que se refugiaram nos conventos. Naquela, o apanágio do cangaceiro é o analfabetismo e o pouco e único saber que possuiu foi o que se originou nas mansões religiosas.

O estado intelectual do sertanejo é tão primitivo que ele não pôde sentir todas as sensações que sentimos. Sem o menor defeito visual, não distingue bem as cores. Poucas cores conhece. Confunde outras. Muitas não percebe. É incapaz de ver gradações e esbatidos. Não tem o sentimento da perspectiva, nem clara visão das figuras. A sua vida meio selvagem somente desenvolve certas sensibilidades, o que é peculiar aos povos primitivos. O "Rig-Véda", o "Zend-Avesta" e os poemas de Homero não têm expressões próprias para designar certas nuanças [21]. O pele-vermelha da América do Norte, de vista aguda, penetrante, não consegue distinguir o cinzento do azul. Nos dialetos da América Central uma única expressão designa o cinzento e o azul [22]. Os lapões são o único povo que não canta. O árabe delicia-se com o trebelho bárbaro e não suporta a musica Italiana. Os mongóis não possuem meios tons, nem na pintura, nem na música. Há povos que não conhecem toda a escala musical e em maior número que não conhecem a escala cromática. O australiano escuta o passo dum cavalo a uma milha de distancia e não tem o menor instrumento de música[23]. O sertanejo confunde o verde com o azul e este com o cinzento e chama vermelho todas as gradações que vão do alaranjado ao rubro [24]. Segundo a teoria de Magnus sobre as cores, o homem primeiramente teve a sensação luminosa e somente começou a perceber as variações do colorido com a educação consecutiva da vista. Um sábio, especialista na matéria, diz que, sendo as ideais produzidas pela reflexão aplicada às sensações, para que o indivíduo faça pela vista ideia exata dos objetos é necessário e impres-

[21] Letourneau – "Sociologia".
[22] Waitz – "Anthopologia".
[23] Letourneau – "Sociologia".
[24] Gustavo Barroso – "Terra de Sol".

cindível que as faculdades de seu espírito estejam completas e tenham livre ação [25]. As faculdades espirituais do sertanejo são incompletas e rudimentares. É a dolorosa verdade.

A opinião sertaneja não pôde ter a noção do aperfeiçoamento, porque lhe faltam instrução e incentivos. Sua única base é a rotina. Dai a grande obediência aos costumes locais. Não cuida em melhorar nada. Aplica qualquer meio ou ideia como os antepassados aplicavam. Planta e colhe, cria e monta, fala e vive como os avôs faziam. Progredir, modificar é atentar contra a memória da ascendência e os desígnios de Deus. Não se rega o roçado na seca para se não ir contra os castigos da Providencia, do mesmo modo que o campônio italiano não punha para-raios em casa para se não opòr aos desejos da divindade[26]. Reage-se, portanto, contra as inovações. Quando o governo decretou o sistema métrico decimal, rebelou-se. Então, poderiam consentir que se trocassem as medidas de seus avôs, terças, onças, covados e varas por medidas novas que se não sabiam de onde vinham nem quem inventara — litros, quilos e metros? E a guerra dos "quebra-quilos" foi uma epopeia de horrores. Ignorantes e brutais, temendo a ação da justiça, para extinguir os processos, incendiavam os cartórios. Com o mesmo fito, Antonio Silvino destruía os arquivos das câmaras municipais e queimava as malas dos Correios. Emilio Gebhart conta que os sicários romanos libertavam os criminosos e rasgavam os pergaminhos judiciários. Na rebeldia da Balaiada, um cabecilha mandou incendiar o cartório do tabelião duma vila conquistada, sem lançar os olhos sobre um papel, porque não sabia ler. O escrivão suplicou-lhe que não destruísse os arquivos de que ti-

---

[25] Franz - "On the eye".
[26] Stendhal - "Roma, Nápoles, Florença".

rava meios de subsistência e em que assentavam os direitos de família e propriedade, as obrigações dos habitantes do termo. Riu e ordenou friamente: "Queimem! Aí dentro é que está a velhacada!" [27]. Nessa revolta, originada no Maranhão, nas lutas dos partidos *cabano* e *bem-tevi*, que atravessou o Parnaíba e veio até o norte do Ceará, os chefes eram os expoentes da ignorância e atraso do meio. Faziam dos oficiais da tropa de linha, que caíam prisioneiros, secretários dos seus corpos de Exército. Chegaram a ter mais de seis mil homens em armas! Andavam de camisa e ceroulas pretas, a fim de se confundirem com a noite e com o escuro das caatingas. O seu maioral, Francisco dos Anjos Ferreira Balaio, antigo fabricante e vendedor de cestos ou balaios, era analfabeto e brutal. Raymundo Gomes, outro caudilho, não sabia ler. Tinha sido vaqueiro e gostava de castrar homens como outrora castrara bezerros! Jytirana, chefe dos mais cruéis, descendente de índios e tão ignorante e selvagem como esses, admirara tanto os simulacros de tribunais marciais que Balaio arranjava para condenar os inimigos, que vivia a berrar, de espadão arrastando: "Quero hoje *fazê um conseio militá!*" Outro cabeça era o negro Cosme, evadido das cadeias, único que sabia ler. Este terminou a vida feito chefe de um quilombo, onde fundara uma escola, contraste interessante num reduto de pretos fugidos, que viviam de depredações, rapinas e mortandades, cujo ditador assignava com orgulho as cartas em que exigia resgate de póvoas e fazendas — *Dom Cosme, tutor e Imperador das liberdades bem-tevis!* Um ex-sargento de Murat, rei de Nápoles, transformado em bandido, denominava-se "Chefe da Independência Napolitana". Um cantor matuto chama Antonio Silvino — "Rifle de Oiro, Governador do Sertão".

---

[27] J. Brígido — "O Ceará". Veja-se o mesmo fato na "Maria da Fonte", de Camilo Castelo Branco.

Entre as repetidas jacquerias sertanejas, a dos Balaios é um tipo clássico. Todas começam pela reação contra medidas políticas ou administrativas, a imposição de novos sistemas, de nova lei eleitoral, de novo imposto.

O bandido sertanejo é muita vez um produto do espírito de oposição a que faltam outros meios de revide e polêmica, que não a luta armada. Na Itália, o salteador era quase sempre oposição aos governos atrozes que sucederam às repúblicas antigas[28].

Armam-se alguns homens para resistir a uma imposição. A eles se agregam cangaceiros desejosos de tirar partido da anarquia que vão fomentar. Todas as queixas de casta, de família, de interesses prejudicados fermentam, aproveitam a ocasião de vindita e reivindicação que se oferece. Os descontentes de toda a espécie se achegam. Os nevrosados se exaltam. Os sacomardos põem as garras de fora. Começa a alastrar-se o movimento e a desaparecerem os motivos primeiros, surgindo ambições, cupidez de roubar, ódio dos mestiços aos que são *brancos, amarelos* como chamam, necessidades vingativas. O fogo e o sangue correm pelo sertão. O comércio para. Vem a penúria. Há fome. A insegurança campeia por toda a parte. Os cadáveres ficam insepultos nas ruas das vilas e pelas estradas, com sentinelas à distância, para que ninguém os enterre, cães famintos e urubus os devorem. Abre-se o ventre dos anciãos diante das famílias, sem ofender os intestinos, e cose-se ali um leitão vivo! [29]. Já na Calábria se cozinhou um homem num caldeirão de leite, obrigando os fâmulos a comer esse manjar. Degolam-se pessoas lentamente a fim de que enlanguesçam e morram devagarinho!

---

[28] Stendhal – "A Abbadessa de Castro".
[29] Gonzaga Duque – "A Balaiada".

Na Toscana, houve assassinos que derramavam chumbo derretido no ouvido dos camponeses que dormiam, para rir das suas caretas de agonizantes!

É o domínio da cólera e da malvadez sobre o homem besta, primitivo, de *psyché* quase idêntica à do pitecantropos. Facundo Quiroga matava a patadas, esmigalhando os miolos dum sujeito por simples disputa; abria a cabeça de um filho com uma machadada, para fazê-lo calar!

O campônio português, aterrorizado com as crueldades dos soldados de Junot, o Sargentão Tempestade, compusera umas trovas que terminavam com as frases do Pelo Sinal:

— Comadre, você conhece o Junot?

Eu nunca o cheguei a ver,

— Pois o podia conhecer, Pelo Sinal.

Em tais épocas de misérias, roubo e assassinato, o povo sertanejo diz com o mesmo modo de versejar:

— Quando aparece um caudilho,
Ameaçando o sertão,
Só temos a proteção
Do Espírito Santo!

Dos fenômenos econômicos em que Ihering assentou sua doutrina social se originam as maiores causas do banditismo. Já falámos da fome e suas consequências. A atividade econômica diminui desde muitos anos com os prejuízos da pecuária e a impossibilidade de aumentar as lavouras decorrentes das crises climáticas repetidas, a falta de braços produzida pela pouca

densidade de população nuns lugares, não fixação dos habitantes noutros, péssima remuneração decorrente das condições de pobreza, sestro, hábito adquirido de emigrar para o Amazonas em todas; com a má direção dos negócios públicos e particulares, a carência de transportes, que *ankylosa tentamens* comerciais e industriais, a decadência social, que exaure recursos de vida e as vexações tributarias. Estas têm impelido muitos povos não só às rebeldias, mas aos piores crimes. Uma das maiores associações de bandidos que têm existido no mundo foi a Bagaudia, que floresceu na Gália romana, formada pelos campônios fugidos às ex- ações do fisco, devastadores de terras e saqueadores de cidades[30]. Nenhuma miséria e nenhuma anarquia são comparáveis às do sertão infeliz durante as grandes secas periódicas, que torram os campos e dizimam os gados, enxotam as gentes famintas para o litoral, ceifando-as com a fome, a sede, a varíola, os vômitos de sangue, as inchações, enchendo os cemitérios dos lugarejos pobres de cadáveres mal sepultados, que os cães esqueléticos desenterram e devoram!

Um escritor espanhol enumerava as seguintes causas do banditismo no sul da península ibérica: o hábito adquirido na guerra da independência de viver com as armas na mão, o caráter belicoso do povo, os abusos das autoridades, o espírito de liberdade inato na raça, os desejos de ter umas onças a mais na algibeira, de ser o ídolo das mulheres e de infundir terror[31]. Diz Stendhal: "as raparigas das aldeias italianas preferiam a todos os rapazes, os que tivessem andado na "machia" com os bandidos, depois dum ato imprudente. Idênticos motivos agem no sertão, onde se respeita a memória dos que tomaram parte

---

30 Augustin Thierry – "Histore des Gaules".
31 R. d e Sarta — "El bandolerismo andalús".

nas antigas jacquerias matutas, pronunciamentos cruéis que levaram por toda a parte o rumor das armas e o desejo da luta. Depois deles, os nomes geográficos ficam, atestando os seus horrores: Várzea da Morte, Várzea dos Ossos, Várzea dos Defuntos, Riacho do Sangue.

O sertanejo aconselha ao filho: "Você nunca apanhe, que seu pai nunca apanhou". Há muita gente que se vangloria dos crimes de sua raça e dos seus próprios. Cria a descendência na crença da sua valentia e lhe desenvolve o pundonor. Head dizia que o gaúcho com toda a sua pobreza tinha um luxo — a liberdade. O homem de nordeste no seio da sua miséria tem um apanágio — "não aguentar desaforo!"

A tradição mantém o culto pela bravura e mesmo pelo crime. Ferri fez notar com vigor que os crimes são aproveitados pela arte popular e celebrizados especialmente nas canções. Na época atual, estamos a ver a feitura dum verdadeiro romanceiro dos "apaches", isto é, dos gatunos e rufiões. Feitos de bandidos sanguinários ou românticos, combates e lutas dos "corcundas" e "patriotas" [32], dos "Chapéus Grandes", a matança dos bisonhos "cabeças chatas" pela metralha do Fidié no campo do Retiro do Jenipapo, em 1823, a vida vagabunda e feroz dos Silvinos e Brilhantes, são os assumptos prediletos dos cantadores nos sambas e enluarados terreiros de vendas. O matuto vive dentro de um ciclo de canções de gestas, que reproduzem, aumentando-os, os feitos ancestrais. Desde a infância, lhe predispõem o espírito, para lutas e heroísmos, a repetição das lendas dos doze pares carlovingios, que todos sabem de cor, as valentias contra monstros e feiticeiros, as façanhas do Gonçalo Valente e

[32] "Corcunda" — brasileiro partidário dos portugueses na Independecnia. "Patriotas" — republicanos.

historia, inventada por ele próprio sob a influência das leituras de cavalaria, duma giganta, que, na guerra do Paraguai, disparava contra os "voluntários" um canhão com cada braço!

Inspirados e cheios de emoção guerreira como os bardos celtas e os escaldes normandos, os cantadores sertanejos estão dia a dia fazendo o vasto cancioneiro heroico do banditismo, igual pelas causas e efeitos, senão também pelo encanto natural de certas expressões, ao dos antigos povos da península ibérica com as suas trovas e xacras; análogo às sagas escandinavas, que narram as proezas dos wikings e piratas, todo o heroísmo dos ladrões do mar, que, nos seus drakkars compridos, devastavam as costas europeias. Não trepidamos em afirmar que os versos produzidos pela efervescência das paixões guerreiras no sertão rude e abandonado se identificam com as trovas militares da idade média, não lhes sendo inferiores.

Podemos comparar as poesias que guardam a memória dos fastos do cangaço ao Romance de Roncesvales, aos cantos dos troveiros da língua d'oil, aos poemas de Rollão é de Brut, por Eustachio e Roberto Wace; ao ciclo do rei Arthur, da Távola Redonda e dos cavaleiros do Saingral. Neles há belezas de expressão comparáveis às do Lancelote do Lago por Zazichoven, do Persival, do Cavaleiro do Leão, de Amadis de Espanha e Tristão o Leonez por Christão de Troyes. Correspondente às aventuras de Tristão e Isolda, existem às de Alonso e Marina. Os objetos do elogio das gestas que comparamos são, porém, diferentes. Eginhardo ou Girardo de Viena cantavam as façanhas da nobreza e dos reis, dos condes e pares, de Carlos Magno e Theodorico o Grande. O pobre menestrel sertanejo só tem a entusiasmá-lo na exiguidade do seu meio os feitos guerreiros dos cangaceiros. Mas, nas linhas gerais, seu ciclo de canções

épicas é tão espontâneo e belo quanto os ciclos épicos dos Francos e Bretões, dos Longobardos e Saxônios, dos Godos e Burgundos.[33]

Vejamos alguns exemplos:

Canta Francisco Baptista, troveiro popular do sertão, sobre o maior dos seus bandoleiros:

"Admira todo o mundo,
Quando chego num lugar,
Os matos afastam os ramos,
Deixa o vento de soprar,
Se perfilam os passarinhos,
Os montes dizem aos caminhos:
— Deixai Silvino passar!"

No mesmo grau literário de sentimento épico e de emoção guerreira diante duma alta fama de valor, está o seguinte trecho da "*Chronica do monge de São Gal*": "Quando virdes os trigais se agitarem e curvarem como ao sopro do furacão, o Pó e o Tessino, de assombro, inundarem os muros da cidade com as aguas enegrecidas pelo ferro, então, podereis crer que Carlos Magno passa!"

Ragnar era um terrível pirata norueguês, que depredava praias e rios da França e da Inglaterra, tendo até ameaçado Paris. Preso pelos Anglo-Saxões, foi encerrado numa torre cheia de víboras, cobras, osgas, lacraus, sapos, caranguejos e lagostas

[33] Consulte-se a propósito E. G. Eichoff – "Tableau de la littérature du Nord au Moyen-Age".

morrendo devorado por esses bichos. O seu canto guerreiro é uma das mais típicas canções dos fortes povos da Escandinávia. Sempre com o estribilho marcial "nós ferimos com a espada" — diz ele: "As altas cimeiras dos elmos retiniam aos golpes das lâminas, as vagas se elevavam de todos os lados e o corvo nadava no sangue!... Ergui a lança com altivez, avermelhei a espada aos vinte anos de idade, combati oito chefes no oriente, na embocadura do Duna. Demos farto jantar aos lobos!..."

Dadas as diferenças de meio e época, são quase iguais as descrições das lutas sertanejas:

"Era uma luta medonha
Todo esse povo atirando!
As balas perto de mim
Passavam no ar silvando;
O tiroteio imitava
Um tabocal se queimando!"

"Abracei aos vinte anos
A profissão de matar."
"Do Monteiro os urubus
Estão gordos de comer gente!"

"Logo ao primeiro tiro
Dois sargentos derrubei,
Com uma bala certeira
Ambos duma vez matei!"

Um cronista medieval assim exprime seus ardores guerreiros:

"Grande e viva a minha alegria, quando vejo castelos sitiados, muros derruídos e o Exército acampado sobre a margem do rio, rodeado de fossos e paliçadas"[34]. Esse prazer diante dos preparativos bélicos e das lutas humanas está registado nestes versos do sertão:

— "Ali se aprecia muito
....
Um homem que mata onça
Ou, então, um cangaceiro."

Victor Hugo traça a psicologia dos piratas e aventureiros do Mediterrâneo na sua maravilhosa *"Ghanson des Aventuriers de la mer"*. Depois de mil vicissitudes, cada qual a mais épica e espalhafatosa, o rei oferece a um deles a sua filha em casamento e este a recusa:

"J'ai ma Faënzette à Fiesone,
C'est là que mon coeur est resté.
Ó roi, ta fille a la couronne
Mais Faênzette a la beauté!"

Esse espírito de *panaché*, de aventura, cyranesco pundonoroso, é o mesmo duma trova matuta, embora a ign rância do trovador que a compôs. As formas diferem. O func é igual:

---

[34] Villemain – "Curso de Literatura".

"O rei mandou-me chamar
P'ra casar com sua *fia*,
O dote que o rei me dava
Europa, França e Bahia

.. ..

Eu fui e lhe respondi
Que era pouco e não servia!
Que eu voltava ao sertão,
Mode casar com a Maria"



Um grande escritor francês diz, na descrição duma viagem à Itália, que, de dez em dez anos ali surge um ladrão célebre, cuja historia aventurosa faz palpitar os corações vinte anos depois de sua morte. Transmitidas pelos cantadores, as vidas dos bandidos das cantigas fazem o povo de nordeste palpitar de entusiasmo cem anos mais tarde. O sertão jamais esquece os seus cangaceiros célebres. Ainda hoje, ele se embevece com as façanhas dos Quebra-Quilos e dos Brilhantes!

A força da tradição vai até o sebastianismo. Não se acredita que um grande bandido esteja morto. Diz-se como o gaúcho dizia de Facundo:

— "Ele não morreu! Ele voltará!"

O sertanejo tem na alma estuo de muitas raças: do lusitano, do moiro, do tapuia, do zíngaro vadio[35], do negro e do flamengo. Essas três contribuições últimas foram as menores. Não foi grande o número de ciganos que a metrópole expul-

---

[35] Antônio Bezerra – "O Ceará e os Cearenses".

sou e remeteu para as ribeiras sertanejas. O negro não existiu ali em quantidade, porque a criação do gado não pedia tantos escravos quanto a agricultura. O holandês teve pouco tempo e muita luta para se misturar.

Do português antigo e seus elementos mauritanos vieram, talvez, o fatalismo muçulmano do brasileiro do centro-norte e as inclinações cavalheirescas que se integram num falso pundonor, que cega todo e qualquer outro sentimento, "num excesso de brio, numa compreensão às vezes errônea, às vezes incompatível com a atualidade, dos princípios de dignidade e honra"[36]. Sob este aspeto, o cangaceiro é igual ao bandoleiro andaluz. Ambos têm demasiado conceito da honra pessoal e "selvática fidalguia". Para certas ofensas, o único prêmio é a morte. Não conhece meio termo, nem o conheceram as incultas sociedades similares. Este episódio mostra a soberba e o orgulho, o pundonor exagerado e a irritabilidade vingativa do homem do sertão: Manoel Martins Chaves, coronel de milícias, de Ipueiras, nos tempos coloniais, mandou matar o juiz de fora Antonio Barbosa Ribeiro, porque este o vencera num páreo de corridas de cavalos[37].

À susceptibilidade pundonorosa alia-se, por vezes, o preconceito da raça, a pretensão de não ter mestiçagem cabocla ou africana. Koster[38] conta dum fazendeiro que chicoteou um cabra, porque, à sua chegada, sendo ele branco, não se levantara de chapéu na mão. Outro vivia havia muito tempo com uma

---

[36] Coriolano de Medeiros – "Os Sertões Paraybanos".
[37] João Brígido – "Traços Biographicos de João Carlos de Oeynhauzen Grevenburg", "Unitá rio", Fortaleza, 7, Setembro, 1911.
[38] Kostner – "Viagens no Brasil".

mulher e dela tivera vários filhos, porém não se casava, para legitimá-los, porque ela não era muito branca e ele descendia de nobres![39].

O índio contribuiu com inclinações para a ferocidade, emboscadas e vinganças, estas quase iguais no modo de se executarem às "vendettas" da Córsega. Dutertre afirma que, entre os caraíbas e tupinambás, o indivíduo tinha obrigação de vingar-se pessoalmente das afrontas sob pena de ser votado a completo desprezo. Segundo Catlin, a opinião pública entre os pele-vermelhas fazia da vingança o maior dever. O índio astucioso e cruel, vivendo entre si em continuo estado de guerra, tinha o desprezo pela vida peculiar à maioria dos povos selvagens, tanto da raça vermelha como da negra. A ferocidade e perfídia estão comprovadas por todos os que os têm estudado ou a eles se referem, ferocidade e perfídia de que não são culpados e que lhes deu o seu estado moral atrasadíssimo. Carrilho de Andrade[40] conta fatos comprobatórios de sua fereza. O general Burdett O'Connor documenta de modo insofismável a perfídia dos índios da Bolívia e do Peru muito semelhantes aos nossos[41]. É do índio a maneira de fugir do cangaceiro. O Rufino Lemos, do Piancó, escapuliu-se da escolta mergulhando numa lagoa, onde passou horas cercado por todos os lados. Só o tapuia poderia fugir assim.

Numa sociedade eivada de usos semibárbaros e preconceitos de eras mortas, pouco vinculada à escravidão, porém muito à caça do índio, conforme as cartas régias ordenavam, dizendo que se perseguissem "os de corso" e se lhes fizesse guerra

[39] J. Porto Carrero – "O Pais do Sertão", artigo publicado no "Jornal do Commércio".
[40] Tavares de Lyra – "O Domínio holandês no Brasil".
[41] "Independência Americana".

até ficarem "sujeitos aos brancos"[42]; numa sociedade acostumada ao sangue das matanças e capações do gado, ao fumegar de carnes da ferra, ao doidejante cavalgar das vaquejadas, que recordam as proezas das "argolinhas" no tempo de Maurício de Nassau, segundo refere Calado; aos crimes quotidianos e às guerrilhas; vinda das companhias de assalto da guerra holandesa, mas sem a penúria de armas desse tempo[43], das aguerridas companhias de ordenanças, de milícias, de cavalaria auxiliar, dos antigos passadores de gado, capazes de tudo, nada mais natural que alevantes e "razzias" à maneira de árabes, charrúas e araucanos. Tais movimentos se alastram com a maior ligeireza, lembrando a "anarquia espontânea" de que fala Taine. Logo após a derrota dos republicanos, em 1824, a população mestiça do sertão amotinou-se dum momento para outro e, sob pretexto de prender e matar os "patriotas", saqueou, violou e matou. Não foram poupados nem os padres[44]. Esse fenômeno recorda a revolta que devastou, no reinado de Constantino, as províncias romanas da África, onde com propósitos de lutas religiosas os campônios se agruparam em bandos de salteadores apelidados "circumcelions"[45] e pilharam dezenas de cidades[46]. No sertão, assim se estatuiu o predomínio dos mais fortes, dos mais audazes e dos mais valentes, que se apoderam duma autoridade tanto maior quanto não é limitada por qualquer responsabilidade ou por uma outra. "Em todas as sociedades que chegam a esse ponto, os grandes dotes individuais vão perder-se no crime"[47].

---

[42] Carta de Felix José Machado de Mendonça, governador de Pernambuco, ao capitão-mor do rio S. Francisco.
[43] "Castrioto Lusitano".
[44] "Memórias do Prof. Ximenes de Aragão".
[45] Que rondam as cabanas.
[46] Augustin Thierry – "Histoire des Gaules".
[47] Sarmiento – "Facundo".

Na maioria dos casos, os rancores não consentem que a justiça decida litígios ou questões. Nenhum pai abençoa o filho que lhe chegar à casa desfeiteado sem ter tomado crua vingança. Tudo que pode ofender ou prejudicar se repele com a boca do bacamarte, desde os raptos às divergências eleitorais. Os atritos são terríveis, porque em torno de cada ofendido se agrupam parentes e fâmulos, estes quase sempre cangaceiros de profissão[48].

As lutas se alastram. O meio obriga o indivíduo a vingar-se. Stendhal conta que, em Bergamo, um fidalgo foi impelido a matar um esbirro, que o provocara, por estar sendo desprezado pelos amigos. No sertão, quem se não vinga está moralmente morto.

Quase impossível determinar com segurança todos os produtos decorrentes da mestiçagem no interior. Sobre o assumto, Euclides da Cunha assim se exprime: "Abstraiamos de inúmeras causas perturbadoras e consideremos os três elementos de nossa raça em si mesmos, intactas as capacidades que lhes são próprias. Vemos, de pronto, que, mesmo nesta hipótese, deles não resulta o produto único, imanente às combinações binárias, numa fusão imediata em que se justaponham os seus caracteres unificados e convergentes num tipo intermediário. Ao contrario, a combinação ternaria, inevitável, determina, no caso mais simples, três outras, binarias. Os elementos iniciais não se resumem, nem se unificam; desdobram-se; originam número igual de subformações — substituindo-se pelos derivados, sem redução alguma, em mestiçagem embaralhada onde se destacam como produtos mais característicos o *mulato,* o *mameluco* ou

[48] Coriolano de Medeiros – "Os sertões paraybanos".

curiboca e o *cafuz*. As sedes iniciais das indagações deslocam-se apenas mais perturbadas, graças a reações que não exprimem uma redução, mas um desdobramento. E o estudo destas subcategorias substitui o das raças elementares, agravando-o e dificultando-o, desde que se considere que aquelas compor-tam, por sua vez, inúmeras modalidades consoantes às dosa-gens variáveis de sangue"[49]. Predominam nessa mistura étnica o português e o índio. Destes se originaram os curibocas ou mamelucos, vulgarmente chamados caboclos. Do branco mes-clado ao africano, que existiu ali em pequena quantidade, de-correu o mulato.

Do negro e do índio veio o cafuz ou, melhor, o cabra. Agora, vá alguém destecer as mestiçagens complicadas que re-sultaram, nas gerações subsequentes, do mameluco com o mulato, deste com o cafuz, do mameluco com o cafuz. Das três raças iniciais, saíram três e assim a seguir, havendo de permeio, modificações dos componentes, regressões aos tipos iniciais pela agregação de sangue índio, negro ou branco puros.

Euclides nos diz que o sertanejo forma já uma sub-raça e é este o sonho de Graça Aranha no "Cauaã", desejando um tipo mestiço que seja a expressão das qualidades médias dos que o formaram e elimine os extremos geradores. Não se pôde ainda, acreditamos nós, determinar a existência de tal sub-raça ou de tal tipo. Jean Finot[50] assegura que nas veias dos america-nos do sul corre o sangue de todas as raças. Como ficou dito nas veias do matuto correm sangues os mais diversos, luso e tapuia, mouro e cigano, africano e flamengo, uns em grande quantidade, outros em diminuta, embora. Acrescendo a difi-

[49] "Os Sertões".
[50] "Le préjuge des races".

culdade ou impossibilidade de fixação dos tipos mestiços, após três séculos[51] de caldeamento ainda nos parece cedo para qualquer afirmativa.

O pruridó eterno da aventura veio para o sertanejo de três gentes, do luso, do cigano e do indígena. O amor pela terra natal, que o faz remigrar contente, que o faz saudoso todas as vezes que parte ou por desejo de ver novas coisas ou por necessidade de fugir à fome, este porventura lhe deu o flamengo, que saía ao mar para pesca, pirataria ou conquista, mas não perdia a entranhada amizade ao pântano nativo conquistado às aguas amargas, lentamente. E o sertanejo vai conquistando, vagaroso, o sertão à seca.

O sangue índio contribuiu para a cangaceiragem com a sua ferocidade nativa. Às vezes, o civilizado julga o bandoleiro com severidade e injustiça, porque não reflete que seus avós moravam nas cidades europeias, com os primeiros rudimentos do progresso é o luxo do oriente que Veneza e depois Portugal carreavam nos seus galeões, Enquanto os avós do curiboca e do *cabra* viviam na selva, de arco e flecha, antropófagos e miseráveis, ou andavam de azagaia nos piamos tostados d'África. Não desfiguremos o cangaceiro e apresentemo-lo ao público com o espírito de seu meio. Pascal tinha esta opinião: "Não há nada justo ou injusto que não mude de qualidade, mudando de clima". O criminoso matuto é digno de lastima e dos socorros da educação, não de ódio ou desprezo. A gente do seu *habitat* não o odeia, embora os roubos de quando a quando. No fundo, o coração do povo está com eles[52].

---

[51] O Brasil comemorou já o quarto centenário do descobrimento, porém a colonização portuguesa no interior do nordeste demorou pelo menos um século. O Ceará, por exemplo, somente foi explorado em 1603.

[52] Veja-se Stendhal – "A Abadessa de Castro".

O selvagem deu aos descendentes que enveredam pelo crime amor de liberdade absoluta, impulsos de vaguear e guerrilhar, fermentos de vingança, manhosidades necessárias às tocaias e fugas. Um episódio mostra nuamente o espírito vingativo do indígena: "Os índios *sucurús*, que ocupavam os territórios dos municípios de São João, Monteiro e Teixeira dividiram-se pelo motivo de ter um moço índio raptado a filha dum chefe, que tinha sua taba no atual município de São João. O cacique reuniu os seus arcos e foi vingar a afronta. O combate travou-se bem próximo ao local onde agora está o açude Poços. Durou dois dias a refrega, sendo vencidos os índios do Teixeira. O chefe apoderou-se do raptor e da raptada, e queimou-os ali mesmo, sobre uma grande laje de granito, que ainda hoje mostra os vestígios do suplício"[53].

Idênticos os episódios atuais do banditismo, que infesta especialmente a referida zona do Teixeira. Em todos os tempos, as famílias "brancas", ciosas da pureza de raça, combateram acompanhadas por bandos de mestiços acaboclados. A escolta dos Mourões eram os Capuxús; a dos Montes e Feitosas, os Cariús e Capixabas. Os que se consideravam verdadeiramente brancos timbravam em conservar o apelido português, deixando aos mestiços os nomes indígenas: os Guabirabas se con trapunham aos Liberatos. Quando foi das revoluções patrióti cas, os diretores dos movimentos acrescentaram um nome ín dio aos seus cognomes, a fim de mostrar amor às coisas verda deiramente brasileiras. Tristão Gonçalves de Alencar, tornou-s Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Foi, então, que surgirar Carapinimas, Mororós e Ibiapinas.

[53] Coriolano de Medeiros – "Os sertões paraybanos".

Outra inclinação do aborígene que ficou nos bandidos mestiços foi a do duelo, a fim de dirimir uma questão pelo valor pessoal de dois contendores, mesmo diante das *cabildas* ou bandos prestes ao combate. Toda civilização incipiente tem essa paixão. Em frente dos Exércitos de Roma e de Alba a Longa, bateram-se Horácios e Curiacios. Na presença dos dois partidos rivais, os selvagens da Tasmânia e da Nova Zelândia desafiam-se para o duelo cavalheiresco que dará a vitória a um com pouco derrame de sangue. No nordeste, são incontáveis os exemplos.

Em 1832, Francisco Pereira de Menezes, apelidado "Capitão", mui valente e forte, apesar de maior de sessenta anos, cercado numa casa pelos Mourões, seus inimigos, propôs-lhes que mandassem embora os "*cabras*", pois sairia só para bater-se com eles, seus iguais, de espada ou faca. Os adversários tiveram medo e recusaram[54].

Repitamos: o tipo mais comum, no sertão, é o provindo do português e do tapuia, nascido "dum amplexo forçado e feroz de vitoriosos e vencidos, criado numa sociedade revolta, aventurosa e sonhadora"[55]. Todos os sonhos, volições e devaneios da aventureira alma lusitana com a nostalgia do índio escorraçado dos campos de seus maiores deram ao sertanejo essa tristeza que se manifesta na lamentosa voz arrastada, na maneira bamba de se apresentar, no encurvamento dos ombros resignados, nas danças, nas músicas e nos cantos. Entre os mestiços da Venezuela os cantos são como "vozes lamentosas do deserto!"[56]. O Gaúcho pampiano chama a melopeia de seus

---

[54] "Memórias do Professor Ximenes de Aragão".
[55] Euclydes da Cunha – "Os Sertões".
[56] General José Antônio Paez – "Memórias".

cantadores *el triste*[57]. O matuto tem um toque de viola — o *chorado*. A própria tribo que habitou a região mais infestada pelo cangaceirismo, a tribo dos Cariris, devia ser uma gente melancólica, porque *cariri* na sua língua quer dizer *tristonho*.

O homem do sertão pratica atos inesperados por todo o mundo e por ele próprio. Abatido, responde torvamente às inquirições sobre os motivos do delito: "Sei lá! Foi uma coisa que me deu!".

Despertaram na oportunidade imprevista, de chofre, instintos latentes. Forças físicas ignoradas por ele mesmo fizeram-no agir. Arrepende-se e até se penitencia. Oferece-se igual ocasião. Pratica o mesmo ato. Não tem forças para resistir ao poder da tara ancestral. Dai a fascinação de muitos pela vida do cangaço. Muita vez um chefe de bandoleiros narra façanhas, cometimentos e ardis, pavoneando-se. De súbito, um dos ouvintes estende-lhe a mão e se oferece para *trabalhar* em sua companhia. As fisiopatias hereditárias acordaram à determinante súbita daquela conversa[58]. Foi um efeito repentino da emoção num terreno físico preparado pelo meio. "Do mesmo modo que uma corda, vibrando, determina a vibração duma corda vizinha, podendo dar a mesma nota, assim coramos com a vergonha de outrem, sofremos a sua dor ou nos exaltamos com o seu entusiasmo. Deste modo, se propagam moléstias nervosas, manias e monomanias[59].

Stendhal diz que certas paixões vêm lentamente, insensivelmente, e outras se declaram de modo brusco, fulminante.

---

[57] Sarmiento – "Facundo".
[58] Gustavo Barroso – "Terra e Sol".
[59] Letourneau – "Physiologia das Paixões".

Do negro veio a ignorância, e o espírito selvagem, resistente, que animou os quilombos de escravos fugidos, homiziados em alfurjas inacessíveis nas serras mais desertas. Atrás do sertanejo há toda uma ascendência de lutas, escapulas e emboscadas.

Um fazendeiro ignorante deu-nos, uma feita, prova cabal da influencia mesológica sobre o banditismo. Falando da proteção que as pessoas influentes do interior prestam aos cangaceiros, estranhamos que homens de bem empregassem criminosos nos serviços das fazendas, sonegando-os à ação da justiça. Apontamo-lo até como um dos protetores. Sorriu e respondeu-nos com a maior calma: "Não sei por que se espanta. Se vivesse aqui, procederia da mesma forma, como eu e como os outros".

Em certos indivíduos, os excessos de vitalidade geram energias descomunais. Numa sociedade organizada teriam derivativos, seriam aproveitados em manifestações úteis. Ali convergem para o crime.

Aos excessos de vida contrapõem-se os de ociosidade. O habitante do povoado é mais propenso ao banditismo que o vaqueiro ou o seareiro, mais quebrados pelo trabalho. Nas vilas, reinam a madraçaria, a falta de limpeza, a inveja e a intriga.

Tempos há que a vida do sertão se torna impossível por causa da anarquia decorrente do desenvolvimento espantoso da cangaceiragem. Há quatro anos passados, um jornal da Paraíba pintava assim esses horrores: "A insegurança por toda parte, as feiras desertas, os campos sem semeadura, os rebanhos descurados, as rendas públicas por arrecadar e em pé de guerra um pequeno Exército [60]!"

---

[60] "A União".

Jamais se apagam naquele meio as intrigas entre famílias poderosas, perpetuadas através dos séculos e celebradas pelos cantadores. A herança do crime e da guerrilha passa de geração a geração. As inimizades nascem das questões de terras, das recusas de casamento e raptos consequentes, dos ciúmes, das cercas que o gado alheio derrubou, da rês que o vizinho maltratou porque roubava no seu roçado, e principalmente do desejo de influenciar, dominar politicamente um povoado ou uma ribeira. Couto de Magalhães diz que a maior praga no sertão é a luta por causa da indiscriminação dos limites das terras. Vezes, umas se aliam contra as outras. A maioria dessa gente possui fortuna. Faltam-lhe estímulos que a desviem do cangaço, mostrando-lhe tentames mais nobres e mais úteis. Sem necessidade do aparato e do luxo que a vida urbana exige, confinam-se num insulamento feudal que aumenta todas as inclinações para as agitações armadas.

O velho hábito das sociedades primitivas de cada aldeia hostilizar à vizinha faz com que o fazendeiro só pense no vizinho para desprezá-lo. Tudo isso vem da desconfiança gerada na falta de convívio.

Essa existência rememora a vida medieval com as guerras entre famílias fidalgas e as mesnadas rompendo os olaias à cata da hoste adversa. Os bandos de cangaceiros rompem os carrascais em busca do inimigo com a mesma fereza e a mesma coragem. Ainda uma analogia guardada na língua retardada do sertanejo: a hoste medieva tinha a benguarda ou dianteira, a batalha ou centro, as costaneiras ou alas e o coice ou reguarda. Os vaqueiros, quando tangem gados ou andam em grupos, chamam os que vão na frente "dianteiras", os dos flancos "costaneiras" e os últimos "vaqueiros do coice". Um oficial de

polícia tomou em 1868, dum cangaceiro, em Missão Velha, uma enorme espada, de copo em cruz e concha, obra do século XVI!

Os barões solarengos residiam nos insulados castelos roqueiros, salteavam os bufarinheiros nas estradas e hostilizavam as comunas. Os potentados do sertão moram em fazendas afastadas e durante as "guerras," como eles próprios chamam, fecham caminhos onde saqueiam quem passa, entopem cacimbas, rasgam paredes de açudes, incendeiam casas e atacam as povoações. O meio social não lhes permite os mesmos direitos que ao fidalgo antigo, porém quase sempre têm tanto prestigio e força que os filhos herdam o poder ditatorial e a influencia incontestada. Nada maior que "a prepotência exercida por esses homens chamados ricos no sertão"[61]. É um feudalismo bárbaro comparável ao da Etiópia, tão bem estudado por Abade, onde os príncipes escuros mantêm, como os chefes de família poderosa do interior, acostados armados e subsidiam, para as guerrilhas e rapinas, os profissionais do crime. No meado do século dezenove, um dos homens que melhor observaram as regiões de nordeste, escrevia o seguinte: "Ao meu pensamento apresentava-se a época em que o feudalismo imperava na Europa e não me podia impedir de compara-la com o estado atual do interior do Brasil. A autoridade dos grandes proprietários não só sobre os escravos, mas sobre as pessoas livres das classes inferiores, o respeito que aqueles barões do novo mundo exigem dos moradores de suas terras, o auxilio que esperam de seus vassalos e rendeiros, no caso de ofensa da parte dum vizinho, seu igual, a dependência dos campônios e o desejo que nutrem de ter a proteção dum proprietário

---

61 "Memórias do Professor Ximenes de Aragão".

rico que os possa abrigar da opressão e falar em seu favor às autoridades, tudo isso tende a fazer notável a semelhança"[62]

As questões sangrentas entre famílias surgem e proliferam nas sociedades abaladas, corrompidas, retardadas ou decadentes. A Itália fragmentada da Renascença legou-nos centenas de exemplos como os Colonna, Orsini e Medicis, os Montecchi e Capuletti, os Cenci, os Branciforte e Campireale. A Argentina das dissenções riojanas teve dezenas de casos idênticos aos Ocampos e Dávilas. Não é de estranhar que o sertão tenha Montes e Feitosas, Cunhas e Patacas, Mourões e Moquecas, Viriatos e Calangros, Ricartes e Contendas.

A mulher sertaneja conserva os característicos de honestidade e bravura das mulheres de antanho, companheiras dos exploradores e dos bandeirantes. Meninas e moças se encontram de clavinote em punho ao meio das refregas. Uma criança de quinze anos, filha do bandido Amando, fuzilava os assaltantes da casa, com o pai agonizando sobre os joelhos! Num tiroteio, meteram uma bala na perna de Adolfo Meia Noite. A esposa carregou-o aos ombros, fugindo sob uma chuva de balas![63]. Umas gastam o ultimo vintém para vingar o marido, o pai ou o irmão. Ricardina de Lavras, a cangaceira, mandou matar o padre Victor, vigário de Campo Grande, na Paraíba. Helena Maciel, irmã de Antonio Conselheiro, subsidiou o bandido Estácio José da Gama. Anna do Bomfim, mãe do cangaceiro João do Bomfim, matava à faca. Outras, como a negra Xica Barrosa, dão-se até à vida de cantadoras de desafio e, exceção raríssima, assombram o sertão como se foram Sapos degeneradas e obscuras.

---

[62] Henry Koster – "Viagens no Brasil" – Paris – 1845.
[63] Coriolano de Medeiros – "Os Sertões paraybanos".

Os erros da colonização não deram ao sertanejo meios de progredir. A Monarquia deixou-o em abandono, porque a organização do trabalho, no seu tempo, unicamente se baseava no alicerce falso da escravidão. A República até hoje quase nada fez para instrui-lo ou melhorar-lhe a sorte. Antes tem explorado o banditismo para fins políticos. O jagunço é, às vezes, a *ultima ratio* do governo federal a fim de dominar num Estado rebelde. Para a nação, são perniciosas as consequências desse abusivo modo de agir como do descuido em impedir a formação de núcleos de bandidos, consequências que dificilmente se apagam. Durante anos, um agrupamento de fanáticos rapina e mata. Pedem-se providencias. Os governos fazem-se surdos ou enviam soldados às dúzias. Os bandoleiros chacinam os pequenos destacamentos e ficam com as armas e munições. Essas vitórias prestigiam o bando perante as populações locais. Seu poder material aumenta com o armamento conquistado. Mais indivíduos se agregam ao arraial primitivo. O fanatismo os encouraça. Fazem-se entrincheiramentos. As coisas chegam ao ponto de serem precisos um Exército, artilharia, o sítio, a fome e a degola! São muito recentes tais crimes na nossa historia. Quando os governos aproveitam os jagunços para quais quer fins ou com eles transigem, fica péssima impressão entre o povo sertanejo, que toma esse modo de agir como prova de fraqueza, o que contribui ainda mais para o desprestigio das autoridades, já tão rebaixadas pela politicagem. Juízes, prefeitos, delegados são, na maioria, meros joguetes dos mandões de aldeia. Segundo as alternativas dos partidos e o resultado dos conchavos, são demitidos, renomeados e transferidos. Para auferirem alguns proveitos, sujeitam-se à vontade dos poderosos. Prendem os criminosos desprotegidos ou adversários e protegem os cangaceiros amigos. Já em tempos idos, quando os poderes centrais os prestigiavam, distinguiam-se por cruéis e

autoritários. Perseguindo os republicanos vencidos, após a revolução de 1824, para "os que proclamaram e imprimiram, os que pegaram em armas contra o Imperador e os que mataram os soldados imperiais", Juízes de direito e Juízes de paz não cansavam de aplicar o chicote, o fuzil e a forca. Nesse tempo, um juiz da Uruburetama, Andrade, fuzilava em pessoa os presos![64]. Para os quebra-quilos aprisionados, havia os coletes de couro molhado que se lhes cosiam, ficando os braços ao longo do corpo. Ao sol das caminhadas, o couro encolhia, engilhava, tolhia a respiração. Os homens caíam arroxeados, resfolegantes. Eram levantados a aguilhão e a pau! Koster[65] relata que uma autoridade mandava buscar as cabeças dos indivíduos que devia prender. Isto em 1830!

A falta de estabilidade dos representantes da lei torna instável no espírito dos roceiros a crença na defesa que exerçam e criam os fatos a convicção de que não repartem justiça. "Quando a autoridade anda dum lado para outro, custa muito a criar raízes"[66].

O júri, que já na faixa civilizada do litoral vai em acelerada decadência, de há muito no sertão se roja aos pés dos potentados. Não mais infunde respeito; provoca remoques: uma cançoneta do vulgo conta dum tribunal de animais em que o urso é juiz e o macaco escrivão... As mesmas estrofes ridicularizam outras autoridades: a preguiça é o coletor e o delegado, um cachorro terrível, governado pelo tigre-coronel e chefe político!.... Tão bem feitas as trovas e os sarcasmos que para eles só achamos comparação no célebre "Romance da Raposa".

---

64 "Memórias do Professor Ximenes de Aragão".
65 "Viagens ao Brasil".
66 Sarmiento – "Facundo".

Os senhores da terra sempre utilizaram nas lutas os serviços dos "pajens" e "camaradas". Faltando estes com a abolição da escravatura e a pouca sujeição dos *cabras* forros, dispensam proteção aos delinquentes que se acolhem às fazendas e aproveitam seus serviços para o que der e vier. São exigências do meio.

Vezes, o criminoso acolhido é forçado a duros trabalhos. Mais comumente, porém, chega a ter voz altiva e exercer pressão. Velho costume dos cangaceiros. Ao tempo da guerra dos "patriotas", os mestiços açulados por especuladores políticos que lhes contavam as matanças dos brancos em São Domingos, para que não tivessem piedade dos republicanos foragidos, escolhiam para os comandar homens de certa representação, aos quais fingiam pedir ordens a fim de justificar seus excessos e eles as lhe davam, ora por vontade e ora à força[67]. Um homem, que parara numa fazenda onde se achava um potentado e o seu cangaceiro de confiança, riu-se ao ver este cambalear de bêbado. O sequaz pos-lhe o bacamarte aos peitos, perguntando com o dedo no gatilho: "De que ris, diabo?" O outro explicou que era duma pilhéria do fazendeiro. Retirou a arma. Durante toda a cena, o amo não fez um movimento, mostrando a maior indiferença[68]. É que talvez sentisse ser impotente para conter o criminoso. Na sua mensagem à assembleia legislativa do Estado, em 1915, o presidente do Ceará, coronel Benjamin Barroso, tratando do banditismo, assim se expressa: "Atualmente, homens de responsabilidade e famílias importantes, fazendeiros, lavradores, criadores e doutores, por qualquer rixa com outras famílias ou vizinhos, organizam cangaço, grupo de indivíduos

[67] "Memórias do Professor Ximenes de Aragão".
[68] "Memórias do Professor Ximenes de Aragão".

ferozes, mantendo-os armados, a fim de intimidar ou exterminar os contendores, na primeira ocasião. São mantidos desta sorte os valentões afamados, perversos, malandros e perspicazes, que vivem longo tempo, sem trabalhar, à custa do fazendeiro, aterrorizando-o com boatos e intrigas que engendram para valorizar seus serviços. Em pouco tempo, os malfeitores sugestionam o patrão, fazendo-o sofrer incômodos, adquirir novos inimigos, criados pelos desatinos propositais dos cangaceiros, até dominá-lo completamente e ele deixar-se explorar por eles, que manhosamente estudam condescendências e fingem obedecer-lhe em tudo".

A 4 de outubro de 1911, reuniram-se na Câmara Municipal da então vila do Juazeiro os chefes políticos de dezessete municípios do Cariri, entre os quais havia padres e doutores[69]. Fizeram lavrar uma ata da reunião. na qual apoiavam os sentimentos de tristeza do presidente do Estado pelas discórdias reinantes naquela região. Confessavam-se tacitamente coautores da anarquia, porque, se propunham estabelecer a amizade e apaziguar os ódios. Se nas suas mãos estava fazer cessar as lutas com um simples acordo, é que eles lhes davam origem. Denominaram a tal convenção "fé política" e todos a assignaram[70]. Eis a sumula dos artigos:

> 1º. — "Nenhum chefe político protegerá criminosos no seu município nem acolherá os dos outros, mas auxiliará as capturas".
>
> 2º. — "Os chefes não se hostilizarão mutuamente".

---

[69] Os padres Cícero Romão Baptista e Augusto Barbosa; o doutor Arnulfo Lins.
[70] Publicada pela "República", de Fortaleza, órgão oficial, a 8 de Novembro de 1911.

3º. — "Nenhum chefe intervirá na deposição dos outros".

4º. — "Essa intervenção só se dará, se o governo estadual ordenar (sic!)".

5º. — "As desinteligências entre os chefes serão resolvidas mediante acordos".

6º. — "Sendo impossível o acordo, ouvir-se-á o chefe supremo do partido".

7º. — "A bem da ordem e da moral os chefes terminarão a proteção aos cangaceiros (sic!)".

8º. — "Todos os chefes serão solidários".

9º. — "Serão solidários com o chefe supremo do partido".

Há objetos que encarnam uma época ou uma civilização. A ata do Juazeiro espelha o estado social do Cariri. Ela vale por uma confissão completa dos homens de responsabilidade daquela região e é uma resenha admirável de motivos favorecedores do banditismo. Sobremaneira interessante aquela declaração de só se intervir na deposição dos chefes vizinhos se o governo estadual ordenar! A "fé política" é um resumo da historia da zona do cangaço. Nela se demonstra quanto os poderosos do sertão protegem o crime. "Cada chefe terminará a proteção a cangaceiros". Só termina de fazer uma coisa quem a praticava. Como não acreditar no profundo atraso social duma terra, onde os homens mais eminentes firmam publicamente um documento comprobatório de que o meio, a raça, a administração e a política, todos de mãos dadas concorrem para o banditismo? O governo que sugestionou a feitura desse convênio declarou, implicitamente, não ter forças para reagir e nunca ter cuidado de remediar o mal. Porque jamais poderia acre-

ditar na palavra, embora escrita, daqueles que por necessidade, hábito e interesse somente podem fomentar o crime. Os resultados foram nulos.

Tudo nessa sociedade retardada impede e desvia a ação da justiça e da polícia. Poucos e falhos os meios de alcançar o crime, protegido pela natureza e pelos homens. Nos alcantis das serrotas agrestes, o cangaceiro tocaia, oculto no rebordo das grotas, atrás dos tronco e pedrouços, os perseguidores, que rompem a mataria, mal cuidando que em cada ribanceira, em cada moita um atirador emérito aperra a espingarda. Como os gauleses davam batalhas campais, os romanos apoderaram-se da Gália na terça parte do tempo que gastaram em conquistar a Ibéria, pátria das guerrilhas. Nunca as tropas regalares puderam vencer as *montoneras* do pampa. Cem soldados, Brilhante fez recuar na "casa de pedra". O bandido napolitano Parella teve a persegui-lo um esquadrão de dragões. Contra Sciarra e o duque do Monte Mariano, que comandavam dezenas de bandos armados, o papa mandou muitos milhares de soldados. A fim de perseguir Santos Perez, assassino do caudilho argentino Facundo Quiroga, foram enviados 400 homens[71], e maior número teve Antonio Silvino atrás de si.

Demais, as tropas de polícia são quase sempre recrutadas na própria cangaceiragem. Depois que os fanáticos, em 1914, chegaram nas proximidades da capital cearense, o governo da intervenção federal, com eles constituiu um batalhão militar. Euclides, descrevendo a investida do 5º. batalhão policial baiano em Canudos, diz que se atirou o jagunço contra o jagunço. As forças estaduais do nordeste constam de mestiços semibárbaros

[71] Sarmiento – "Facundo".

do Pajeú, Teixeira e Cariri, cujas duas terças partes são de egressos do crime. Se o policial não veio do cangaço, foi apanhado na escória das povoações. O poviléu despreza-o, alcunha-o "macaco" e mata-cachorro". Praticam mais crimes que os bandidos que perseguem e para eles desertam na véspera dos recontros preferindo a vida solta do bandido à disciplina do soldado. Não é novo este fenômeno na historia. No ano de 186, um soldado das guarnições gaulesas, Maternus, coberto de crimes, condenado à morte, fugiu e fez-se salteador. Reuniu um bando numeroso de desertores, cometeu depredações, abriu cadeias soltando os presos que se lhe incorporavam, atacou cidades populosas e ricas. Perseguido, atravessava os Pirineus e devastava a Espanha. Apertavam-no lá, tornava à Gália. Para bate-lo, foi preciso uma legião comandada por Pescennius Niger, que narrou essa campanha, denominando-a a "guerra dos desertores"[72]. O major reformado do Exército Nicanor de Moura Alves, comandante de forças paraibanas, que operaram contra os cangaceiros, diz numa carta[73]: "Só encontrei no interior 350 praças mal armadas, com pouca munição e sem uniformes... Outra dificuldade: os soldados desertavam aos 4 e aos 6, quase diariamente, conduzindo para os bandidos armamento e munição, indo engrossar suas fileiras!" No tempo do império, iam contra os bandidos destacamentos do Exército. Até esses não escapavam à lei geral. Na Balaiada, os seus oficiais capitulavam peitados!

O número dos bandos de cangaceiros assumem às vezes proporções assombrosas, mui especialmente quando se destinam à tomada duma vila ou cidade. Centenas de criminosos apoderaram-se do Crato, no Ceará, e de Alagoa do Monteiro,

---

[72] Augustin Thierry – "Historie dos Gaules".
[73] Publicada no "Jornal do Commércio", edição da tarde, de 21/1/1912.

na Paraíba. Duzentos homens atacaram Tamboril, no sertão cearense. Quinhentos bandidos, saquearam a cidade paraibana de Patos. Trezentos incendiaram a cidade cearense de Aurora. Quatrocentos derrotaram a polícia da Paraíba em Carrapateira, Amparo e Monteiro, ameaçando tocar fogo na vila do Teixeira, violar as mulheres e sangrar os homens. Da Imaculada, onde se aquartelavam, oitenta sequazes foram, na mesma ocasião, atirados sobre a povoação de Cabeceiras, que devastaram. Agostinho Thierry fala-nos dum certo Proculus, proclamado César nas Gáleas, filho e neto de salteadores, que reunira, abrindo ergástulos e recrutando facínoras, mais de mil bandidos. Contavam-se por centenas em cada bando os *cuereadores de la campaña,* que, ao tempo de Rosas, infestaram a Argentina.

Reduzidas as forças judiciaria e policial a armas fieis dos mandões, nada pôde conter os transbordamentos das almas semibárbaras impelidas ao crime pelo meio e pelo atavismo. Sentimentos provindos de fatores climáticos ou étnicos agem despeiadamente; maus instintos movem-se sem receio; vinganças aproveitam oportunidades; intrigas e horrores da politicagem trabalham sem temor; rompem-se os freios morais e aniquilam-se as forças sociais. Muitas e muitas vezes, a cangaceiragem, que era anormalidade perseguida, torna-se normalidade perseguidora. Dum momento para outro, em algumas zonas, vêm à tona todas as fezes. Em 1912, um jornal do próprio nordeste pintava desta maneira a necessidade de pôr termo à anarquia horrível e duradoura do sertão: "Desde 1897, o banditismo nômade ou fixo devasta o interior, zombando arrogantemente da ação repressiva das autoridades. Cumpre ao governo, a bem da própria moralidade, reagir, prontamente, na altura das circunstâncias. Tropeçar em mal entendidos escrúpulos é confessar a desmoralização da força pública no seu

principal objetivo, que é garantir a vida e propriedade dos cidadãos"[74].

A única autoridade que fica de pé é a dos chefes de cangaceiros e ela mesmo mantida pelo terror. Ao menor aceno de revolta, o chefe reivindica o prestigio à bala ou à ponta de faca. Ai! dele, se o não fizer. José Pinheiro era um dos capitães do Exército de jagunços da revolução de 1914, no Ceará. Numa pequena cidade, os bandoleiros saqueavam os estabelecimentos comerciais dos adversários. Mas, embriagados de rapina, matança e álcool, alguns tentaram forçar as portas do armazém dum amigo político. Os chefes políticos procuraram contê-los, nada conseguindo. José Pinheiro chegou e com uma ordem brusca afastou o grupo desobediente.

Um *cabra* alto ficou só, teimando em arrombar a porta com o coice da arma. Pinheiro, sem pestanejar, derrubou-o com um tiro. Voltou-se, calmamente, para os circunstantes, e explicou: "Está ali o que acontece a quem anda com a arma carregada. Bate com a coronha, ela dispara e mata!".

No sertão, matar não é tão grande crime quanto na cidade. Isto que nos parece injusto e intolerável, ali está de acordo com os preconceitos e o meio. O maior crime é o atentado contra a honra da mulher e, depois, o contra a propriedade. Havendo ocasião ou motivo, todos matam, raros furtam. As estatísticas criminais afirmam grande desproporção entre os crimes contra a vida e os outros[75]. Matar para roubar é raro; matar por vingança, embriaguez ou crueldade, comum. Bertilon, na

---

74 "A União" - Parahyba".
75 Gustavo Barroso - "Terra do Sol".

"Demografia figurada da França", demonstra que os crimes contra a vida são comuns entre os camponeses e os contra os bens entre a gente das cidades e das classes superiores. O sertanejo que assassinou, consoante a voz do povo, não cometeu crime — "fez uma desgraça". O gaúcho do pampa acha também que o assassínio foi *una desgracia*. "O homem do povo, em Nápoles, diz friamente: No ano passado tive uma desgraça, o que significa — assassinei um homem"[76]. O indivíduo mata e foge. Onde chega, o acolhe a compaixão ou o protege quem carece dum *homem* a seu serviço. Se a polícia o persegue e escapole, recorrendo a manhas e ardis, ou resiste e vence, logo sua fama enche os sertões, levada de poiso em poiso pelos cantadores ambulantes.

Morrer também não é a mesma coisa que para nós, sim breve momento de dor pelo qual se passa, sem dúvidas nem hesitações, desta vida para outra melhor. São mui arraigadas as superstições e mais ainda a convicção de que o arrependimento *in extremis* alimpa as almas de todos os pecados. As crenças desta natureza têm sido o segredo da bravura de muitos povos.

A moral religiosa foi abafada pelas mais absurdas crendices e abusões que corromperam o culto, pela ignorância que conduz os espíritos a todos os fanatismos e fá-los descambar para os mais grosseiros fetichismos ou deixa-os a meio caminho dessa decadência, no período da crença em fantasmas e gênios. O povo persa, nesse mesmo estágio de religiosidade criou as "peris" e o turco, os "djinns"; o matuto, aproveitando lendas indianas, europeias e negras, vive cercado de "caiporas" "lobisomens", "burras de padre", "almas", "mães d'Água"

[76] Stendhal – "Roma, Nápoles e Florença".

"gorjalas" e outros gigantes dum olho só, que lembram os olhapins ibéricos e os ciclopes antigos. A religião, corrompida de pais a filhos, continuadamente, como a língua, mostra-se um reflexo moral do meio físico[77]. No Cariri, houve padres que benzeram os cacetes dos capangas antes das brigas. O padre Macário, vigário de Santa Maria, na Paraíba, era chefe de cangaceiros. Os padres italianos eram cúmplices dos bandidos que infestavam os Apeninos[78]. Muito bandoleiro mergulha o punhal na agua benta das pias. Os "romeiros" trazem nos chapéus pencas de medalhas entre as quais uma que tem, no verso, a imagem de Nossa Senhora, no reverso, a figura do Padre Cícero. O napolitano e o calabrês, depois de um assassínio, pedem perdão "à madona" e acendem uma vela em intenção do defunto. Os vendeanos ajoelhavam diante duma cruz sob o vergasto da metralha. O cardeal Ruffo prometia o paraíso à gente que levantava contra os republicanos de Nápoles. Os jagunços do Conselheiro e os paraguaios de Lopez criam na ressurreição. Os "cabanos", que infestavam o sul de Pernambuco, ouviam missa antes de combater.

Nas fazendas, cujo dono é mais ou menos instruído, a religião perde muitas abusões, mas torna-se patriarcal. O fazendeiro é o chefe da grei e o sacerdote. Tira a ladainha e pede a Deus e aos santos benefícios para a terra e paz para os homens: "Um padre-nosso e uma ave-maria para aqueles que andam sobre as ondas do mar! Um padre-nosso e uma ave-maria para São José dar chuva! Um padre-nosso e uma ave-maria a São Sebastião, para que nos livre de peste, guerra, fome e mau vizinho, ponta

---

[77] Letourneau – "Sociologia".
[78] Stendhal – "Roma, Nápoles e Florença".

de touro, espinho de favela e dente de cascavel!" É a mesma cena a que Sarmiento assistiu em São Luiz, no âmago da Argentina: "Pedia a Deus chuvas para os campos, paz para a nação, segurança para os viajantes... Nunca vi cena mais religiosa. Julgava estar nos tempos de Abrahão... A voz daquele velho, cândida, inocente, fazia vibrar todas as minhas fibras e penetrava-me até a medula dos ossos"[79].

Outrora, os municípios arrecadavam e distribuíam as rendas, pagando iluminação pública, sustentando escolas, mantendo estradas e guardas municipais ou locais. Os intendentes, quase sempre chefes políticos ou testas de ferro destes, podiam atender a certas necessidades do partido, dar empregos, realizar melhoramentos, de maneira a favorecer alguns amigos. Havia a vantagem das energias se dispersarem noutros rumos, tendo outros meios de vingança ou vitória eleitoral, que não a luta armada. Os guardas, bandidos domesticados, irmãos dos miqueletes espanhóis, dos bachibuzuks turcos, dos "guardiãs rurales" mexicanos, dos palikaros albanezes e dos evzones gregos, conheciam a esperteza e o valor dos comparsas que ficaram na gandaia e prestavam valioso auxilio na sua captura. Antonio Silvino foi guarda local em Canhotinho. Também defendiam o povoado. Os governos estaduais, carecendo aumentar a receita orçamentaria, restringiram a autonomia municipal, cobrando seus impostos e abocanhando suas rendas. Se, sob outros aspectos, essa centralização foi um bem, sob este que estudamos foi um mal. As cidades e vilas, reduzidas à penúria, sustaram obras, fecharam as escolas e dispensaram os guardas.

---

[79] "Facundo".

Os intendentes, sem o prestígio que lhes dava dispor dum orçamento, embora pobre, sem tribuna e sem imprensa, apelaram para os meios violentos nas lutas. Não faltavam armas, e os guardas, que tinham perdido os hábitos de trabalho, ansiavam por serem sequazes dum mandão político.

Todas essas causas variam, concorrem para um produto determinado, marcham paralelamente ou convergem num ponto único. Conforme a sua dinâmica, resulta um tipo especial de cangaceiro. Ferri dividiu os criminosos em cinco tipos principais: criminoso nato, louco, por hábito adquirido, por paixão e por ocasião. A série variadíssima de tipos dos bandidos de nordeste pôde ser reduzida a essa classificação.

Criminosos natos são aqueles, vítimas da degenerescência da raça e das anomalias mórbidas, que o meio transformou em forças agressivas e energias perigosas; mestiços de ínfimo cruzamento, com todos os característicos lombrosianos de determinados e regressivos, com tics faciais, desvios do nariz, falta de dentes, beiço de lebre, orelhas afastadas da caixa craneana, estrabismo, gagos ou de linguagem perra, prognatas, assimétricos, malformados, capazes das maiores torpezas, epilépticos ou sifilíticos, de olhar torvo e riso bestial, às vezes obscenos ou pervertidos sexualmente.

Mais raros os criminosos loucos, insulados, assassinos errantes, possuídos pela mania deambulatória ou a paixão cinegética, exercendo-a contra as crianças sobretudo. Têm às vezes nevroses místicas, fantasias quixotescas ou psicopatias sanguinárias. Praticam generosidades cavalheirescas e crueldades dahomeanas. Castram, sangram, torturam o inimigo. A grande maioria é de criminosos por hábito adquirido, espécies de *bravi*, de *condottieri*, de *buli* ou homens que, na Itália, se alugavam para

matar[80], de espadachins ou "gaúchos-malos", que se integram em modalidades de bandidos. Provocam distúrbios nas feiras, emborcam copos de aguardente, depois de cuspilhar por entre os dentes serrados em pontas como os do andaluz, e matam por dinheiro, raiva, crueldade ou ordem dos protetores. Saíram do meio com a educação que este lhes deu e as inclinações crapulosas, amorais e ferozes. São a ralé, a massa, a arraia-miúda do cangaço. Não provocam grande ódio, nem grande admiração, nem grande curiosidade. Usam o cacho ou trunfa tradicional dos valentões famanazes, desmanchadores de sambas, salteadores de estrada. É grande o número dos criminosos por paixão, não só daqueles que o espírito impregnado de rudes devaneios e amorosas inclinações leva ao crime, como, e estes em maior escala, dos nervosamente irritáveis, vingadores da honra ofendida, dóceis, pacíficos, transformados dum momento para outro em verdadeiras feras. Muitos têm a paixão de fazer triunfar a justiça, desoprimindo os fracos e detendo o braço dos poderosos. Há pundonorosos que se tornam bandidos por um impulso fácil de despertar após o sofrimento de grande injustiça, cheios de desprezo pela sociedade, entendendo que esta é infame e mercenária, porque os persegue quando nada mais fizeram do que se desafrontar. O criminoso por ocasião é comum. A sua moralidade incerta, insegura, não resistiu a uma oportunidade propicia ou a circunstâncias de momento que o impeliram. Pode-se dizer que todo o sertanejo é capaz dos crimes de morte, se os exigirem as condições da ocasião.

Só os povos que não evoluem não têm modas. O chinês, cuja civilização estacionou, veste hoje como no tempo dos Ming. Os camponeses europeus conservam os trajes de cinco séculos

---

[80] Roland – "Viagens".

passados. No sertão, as roupas do roceiro são as mesmas de duzentos anos atrás. Desde a época colonial o vaqueiro usa o terno de coiro do mesmo feitio. O cangaceiro anda com o chapéu de coiro do vaqueiro, calças de riscado arregaçadas, mostrando as ceroulas, camisa ou blusa de algodão e alpercatas. Cobre o peito, onde lhe caem do pescoço os bentos, orações, patuás, escapulários, crucifixos e medalhas, por baixo da blusa, com um lenço vermelho. Sinal de valentia e fereza. A cor encarnada não poderia significar outra coisa. Muito viva, grava-se nas memórias rudimentares dos semibárbaros, em que o predomínio das ações reflexas pede sensações fortes. O vermelho é preferido pelas raças inferiores. Os selvagens têm a paixão dessa cor. Na Nova Zelândia todo o objeto pintado de rubro fica sagrado *(tabú)*. Os Juízes e carrascos, antigamente, se vestiam de encarnado a fim de incutir *terrore* e *spavento* aos réus[81]. Vermelhas, as fardas dos soldados de Rosas. Vermelhas, as blusas dos garibaldinos, as túnicas dos "farrapos", as capas dos chapéus dos romeiros do padre Cícero. Vermelhas, as bandeiras dos povos mais atrasados[82]. Vermelho, sangue e barbárie.

Os balaios queriam obrigar toda a gente a andar de camisa e ceroulas encarnadas[83].

As armas do cangaceiro são o *rifle* Winchester, às vezes uma "garrucha" ou uma pistola, e a inseparável faca ou Parnaíba de um e meio a dois palmos, que serve para tudo: castra bezerros, corta unhas, apara calos, arranca espinhos, parte o queijo, pica fumo, espeta o assado e ajuda a enrolar o cigarro de palha de milho.

---

[81] "Regulamento Régio da República de Genova".
[82] Sarmiento – "Facundo".
[83] "Memórias do Professor Ximenes de Aragão".

Como todos os povos guerreiros antigos, [illegible] que se cangaceirizam gostam dos apelidos sonoros e originais. Ragnar, o pirata, era cognominado Lotbroc, o das calças peludas. A Vendéa teve Gouge o Verdelhão, Canta-no-Inverno e Dança-na-sombra. O sertão possui Adolfo Meia Noite, Justino Salamandra, Orelha de Sola, Cobra Verde, Xico Diabo, Zé Piranha, Come Fogo, Belo Amarelo, Onça Tigre e Doze Mortes! Os povos primitivos não deixavam morrer os apelidos paternos. Os semitas tinham a partícula *ben*, para significar filho e reunir o nome deste ao do pai. Com o mesmo fim, os irlandeses tinham a expressão *ó*, os escoceses *mac*, os ingleses o final *son*, os normandos *fitz*, corruptela de *fils de*, e os eslavos a terminação *witch*. No velho português, a desinência *es*, herdado o costume das tribos germânicas que sujeitaram a península, designava filho de: Fagundes era filho de Facundo e Bermudes de Bermudo. O sertanejo dá o plural aos nomes próprios para determinar todo o bando: os Brilhantes, os Guabirabas, os Viriatos; e quem herda a chefia duma quadrilha herda o nome do chefe desaparecido: Manoel Baptista de Morais recebe o governo dos bandidos de Silvino Ayres, que fora preso, e passa a chamar-se — Antonio Silvino; Jesuino Alves de Melo Calado denomina-se Jesuino Brilhante, em memória de seu tio, o cangaceiro José Brilhante.

Stendhal publicou estas palavras sobre os bandidos da Itália: "Conheço duas ou três historias de salteadores que farão estremecer, se somente se considerarem as crueldades horríveis das mesmas, mas que encherão de admiração quem tiver filosofia bastante para nelas ver o gênio dessa gente e seu sangue frio". Se apreciarmos os quadrilheiros do sertão somente quanto aos crimes e torturas que praticam, deles nos afastaremos com horror, porém se analisarmos as causas do seu viver e os moti-

vos por que agiram, chegaremos à conclusão de que são mais dignos de admiração que de outro qualquer sentimento. Veremos que as forças maravilhosas dessa sociedade, cruel e criminosamente abandonada, estão em energia de potencial e só se manifestam no crime, porque não têm onde nem como se manifestar de outra maneira. As suas volições, os seus anseios e desejos se perdem sopitados ou extravasam para o cangaceirismo.

Os cangaceiros sagazes e valentes, sóbrios e destemerosos, evaporam-se nas lutas e negaceiam como fantasmas; mas, acuados no ultimo refugio, morrem e não se rendem, como o povo de Canudos, causando tão forte emoção em Euclides da Cunha, que produziu o maior livro de nossa literatura. Porque assim são e, em outro meio, com outras diretivas e impulsos, suas qualidades os fariam úteis, dedicados e grandes, os chamamos Heróis e Bandidos, certos de que muita vez são mais bandidos que heróis, porém quase sempre mais heróis que bandidos.

Explicação do título da história Heróis e Bandidos.

II

OS TIPOS

"The proper study of man is manking"

Pope

CUNHAS E PATACAS

"Paulo Orsini casa contra a vontade do Papa e morre, subitamente, depois duma refeição."

(De "Victoria Accoramboni", por STENDHAL).

Os Cunhas do Boqueirão, na ribeira do Jaguaribe, eram das mais importantes famílias sertanejas do Ceará, no começo do século passado. Criadores e lavradores abastados, bruscos, valentes e generosos, jactavam-se de nobreza, e eram, com efeito, restos de fidalgos aventureiros, que, com Duarte de Menezes, tinham vindo para a capitania da Paraíba e, depois, se dispersado no vale do grande rio cearense. As condições do meio, as questões do momento, as pretensões de casta arrastaram-nos para a luta e o crime. O sertão não lhes consentiu viver em paz. A estreiteza do ambiente social matou-lhes outras ambições e deu-lhes tendências para o cangaço.

Viviam em calma e trabalho, quando em 1824, os pronunciamentos republicanos abalaram o interior. Marchando sobre a capital do Ceará, Tristão Gonçalves de Alencar, pousou na fazenda do Boqueirão e ordenou ao velho Manoel da Cunha, chefe da família, que preparasse certo número de sequazes bem armados e municiados, cavalos e viveres, para seu reforço, no caso de voltar de novo ao sertão. A esquadra de *lord* Cochrane surgiu em Fortaleza e Tristão retornou ao interior. Já as forças imperiais entravam pelo sudoeste da Província. O velho Cunha, partidário da legalidade e instigado pelo filho, José Leão, abandonou a fazenda e refugiou-se em outra parte, sem preparar o socorro pedido. O caudilho republicano enfureceu-se e man-

dou-devastar o Boqueirão. Moquearam-se as rezes, queimaram-se as pastagens e saqueou-se a morada. Isto pedia uma vingança. Os Cunhas iam entrar na luta. José Leão reúne milicianos e cangaceiros, escravos e moradores, parentes e acostados, partindo no encalço da retaguarda dos revoltosos. Nas várzeas de Santa Rosa, estas topam pela frente as forças legais. Trava-se o combate. Ia sangrenta a peleja, quando os Cunhas caem sobre o coice dos republicanos, que não puderam resistir às duas pressões simultâneas. O pânico dispersou-os. Tristão fugiu a cavalo. José Leão perseguiu-o com encarniçamento, indo derruba-lo, morto a tiros, numa caatinga mais adiante. Deixou o cadáver insepulto com guardas à distancia, para que fosse pasto de urubus e bichos do mato, cortou-lhe o polegar e trouxe-o, espetado na ponta da espada, a fim de mostra-lo ao comandante em chefe dos imperiais. Estava satisfeito o seu amor próprio cruel. Vingara a afronta e os prejuízos.

Elogiaram-lhe o feito. A empáfia cresceu. Dai por diante o que lhe fizessem ou aos seus pagariam caro. A sua importância e coragem tornaram-no chefe ostensivo da família. Nada se fazia sem o consultar. Quando lhe não pediam conselho, zangava-se ou obrigava a aceita-lo à força. Uma parenta próxima, idosa e rica, quis casar com um rapaz ainda aparentado, membro querido da família Pataca, menos importante que os Cunhas, tratada como parentes pobres, a qual por isso os invejava e malqueria à socapa. A velha era viúva dum Cunha e não devia baixar a tal casamento. Tinha laços de parentesco impedindo-o. Possuía fortuna, que, em vez de tornar à família, iria aumentar os cabedais da outra. Todas essas razões obrigaram José Leão a opor-se ao enlace. Mas a mulher tinha a teimosia das velhas apaixonadas. Arranjou bem paga dispensa do bispo de Pernambuco e casou contra a vontade de todos. Durante uma

viagem, o marido hospedou-se numa fazenda e foi dormir, com os companheiros, em cômodas redes, no alpendre. De manhã, estava morto. Não lhe manchava a camisa um pingo de sangue. Procuraram a causa da morte. Fora uma longa e fina agulha de aço, de coser sacos e surrões, que alguém, deslizando pela treva, rastejando até se aproximar do fiango[84], cravara-lhe com rapidez e força no peito peludo. Um dos presentes lembrava-se de ter ouvido a horas tantas um gemido fraco e longo.

Todas as vozes indicaram José Leão como mandante do crime. Seguiam instintivamente o aforismo: "procura o criminoso naquele a quem o crime aproveita". A família Pataca jurou vingar-se. De então por diante, os Cunhas recebiam recados e desafios injuriosos. Os inimigos prometiam ir ao Boqueirão dar-lhes um "ensino". Armavam-se e esperavam. Não vinham. Após algum tempo, não acreditaram mais que viessem e começaram a descuidar-se.

A alma precatada e vingativa dos Patacas não esquecera o revide. Antes vivia pela imaginativa a prelibar o seu gozo. Num dia de sol ardente, chispando faúlhas nos granitos, fazendo rebrilhar a sílica dos caminhos, surpreendeu a fazenda, onde somente estavam José Leão, a mulher, algumas crianças, Firmino, seu filho, homem já, Sabino, filho natural, rapaz forte e destemido, e um mestiço que viera havia pouco avisa-lo da arremetida dos Patacas.

Chegaram, disparando os bacamartes com um barbarizo selvagem. José Leão armou-se e escondeu-se, acuado como tigre na furna, num canto escuro da cavalariça, entre montes de capim e palha de milho. Firmino, Sabino e o mestiço, bus-

---

[84] Rede.

cando as clavinas, entraram num aposento que era sala de armas e paiol de munições, todo de altas, lisas e bem feitas paredes até o teto, com uma única porta de taboas grossas de cedro, fechadura de broca e visagras de ferro da terra, batidas na bigorna, impossível de ser arrombada. Vendo-os ali, quando já a horda inimiga transpunha as entradas, a mulher de José Leão, cuidando salvar os três naquela quase fortaleza, deu volta à chave e atirou-a, atarantada, dentro dum pote d'água.

A récua entrou furente, aos berros de morte. Varejou a casa sem encontrar homens até que o primeiro sequaz chegou à porta da estrebaria. Ouviu-se um tiro. O bandido rolou, escabujando. Avançaram todos para aquela dependência. Mal punham os pés além dos batentes, caiam mortos. Lá do canto, olhos em fogo, arma aperrada, o matador de Tristão Alencar espreitava. Cada tiro era uma queda.

Outros assaltantes tentaram desesperados esforços para arrombar a porta do paiol. Os de dentro pediam em altos brados que a abrissem, porque desejavam morrer ao ar livre, lutando. Cercada pelos Patacas, empurrada a coice de bacamarte, inquirida brutalmente pelo paradeiro do marido e pela chave da sala de armas, a esposa de José Leão, louca de pavor, com os filhos miúdos a se lhe agarrarem nas saias, puxava os cabelos em desespero, chorando convulsivamente.

Não conseguindo arrebentar a porta nem com um aríete improvisado com uma estaca do curral, resolveram os atacantes dar cabo fosse como fosse do chefe da família. Matá-lo-iam e seriam satisfeitos. Pegaram a pobre mulher e os meninos. Fazendo deles escudos às balas, penetraram na cavalariça. Saltaram de faca seis ou oito sobre o Cunha. A luta foi terrível. Su-

cumbindo ao número, o valente caiu crivado de facadas. Ainda vivia. Sangraram-no ao pescoço!

Um dos cangaceiros teve sinistra ideia: incendiar a casa, torrando os três "cachorros" enfurnados no quarto. Rejubilando, sanhudamente, a súcia desmanchou cercados, bebedouros e currais, arrastou varas, estacas, carnaúbas, moirões e esteios, empilhou-os às portas, sobretudo à do refugio dos inimigos, e ateou-lhes fogo. Montaram a cavalo e partiram em brusca arrancada, com alegre algarido, furando os carrascais, galopando pelos. vargedos. A casa ficou a arder com altas labaredas beijando o madeiramento seco, as vigas de aroeira, as cumeeiras e terças de pau d'árco, os caibros de mororó. O fogo chegou ao meio do edifício. Já os rebocos aquecidos desligavam-se. Via-se o esqueleto das taipas. Ouviram-se gritos, uivos horríveis de medo louco, frenético. As chamas lamberam o teto do quarto das armas. Dentro choveram fagulhas e brasas. Os barris de pólvora, as malas de cartuchame estouraram. Foi um estrondo pavoroso, que reboou ao longe, ecoando nos alcantis, espantando os gados sonolentos nas pastagens quietas e os lotes de potrancas nas várzeas caladas. Logo, as paredes ruíram, restos de telhados abateram, esvoaçaram fogachos e caíram distante, em arremesso potente, tições, tijolos, telhas, fragmentos de toda a sorte. A mulher do José Leão rondava o incêndio de olhos esbugalhados, gritando, torcendo as mãos, com os filhos pequenos tremendo, enrodilhados às saias...[85].

---

85 No livro "Terra de Sol" narramos este episódio com algumas minúcias a menos. Dele sabemos por tradição de família, pois que esses Cunhas ou Cunhas Pereira, do Jaguaribe, são nossos antepassados. João Brígido tratou dele na imprensa de Fortaleza.

OS CACUNDOS

"Il frappait l'un, il perçait l'autre, il abreuvait ses ennemis d'amertume."

(Canção de Luiz III.)

Helena Maciel, irmã de Antonio Conselheiro, da raça valente e forte dos Macieis de Quixeramobim, no Ceará, era uma mulher terrível. As maçãs salientes do rosto polido, os olhos vivos, chamejantes, demonstravam, à primeira vista, o calor do modo de sentir o afogueamento das paixões e a susceptibilidade feroz do amor próprio.

Luciano Domingues de Araújo, bem apessoado, ativo e moço, fazendeiro em Boa Viagem, fica noivo de uma sua sobrinha. Mais tarde, por motivos que julgou suficientes, desmanchou o noivado e prometeu casamento a D. Joanna Barreira, filha de opulento criador daqueles sertões.

O espírito altivo, o pundonor susceptível e rude de Helena Maciel não puderam aceitar o repúdio da parenta. Vieram à tona os resíduos herdados da velha mestiçagem luso-tapuia, emboscados durante gerações no fundo misterioso da alma. As psicopatias ancestrais refloriram. Helena buscou quem a desafrontasse, decidida a pagar os assassinos de Luciano a peso de oiro. Era necessário que o sangue lavasse o insulto feito aos Macieis. E, se intimamente tratava do caso, a irmã do Conselheiro deixava sibilar entre dentes cerrados esta única frase: "Se eu fosse homem!"

Luciano de Araújo ia casar com D. Joanna na fazenda do Tapuiará de Cima, onde os preparos da grande festa azafamavam a velha vivenda sertaneja. Os assados e doces da terra chiavam nos fogões. Pelo pátio, a molecada preparava em grita o foguetório. Dos paus brancos folhudos que circulavam a casa, brotavam esguias varas com galhardetes vermelhos e azuis. Os gados afastavam-se em espanto, mugindo vagarosamente. À sombra das árvores e telheiros, apinhavam-se os cavalos dos convidados, em jaezes de gala, mantas felpudas de pele de bode, rédeas argoladas e afiveladas de prata. Nos aposentos vastos, caiados e nus, premiam-se os convidados de toda a redondeza.

A noiva ainda se preparava no quarto. Mas já o padre, dando uma ultima demão ao altar singelo, armado a um canto da sala, vestira os paramentos de cerimonia. Somente faltava o noivo...

Quando a sua demora começou a impressionar todos, o fazendeiro expediu gente a cavalo pelas estradas que vinham ter à fazenda. Horas depois, um dos bandos regressava vagaroso pelo caminho do Uruquê.

Quatro homens marchavam a pé e traziam, tristemente, o corpo mole de Luciano de Araújo. De longe bradaram à expectativa ansiosa da gente da fazenda: —"Não está morto, não!".

Deitado, numa rede, lavadas as feridas pela noiva infeliz, em prantos, Luciano pôde falar. Perto da fazenda do Uruquê, vinha veloz e contente estrada afora. Dum cerrado de moitas partiram tiros. O cavalo estacara, trêmulo. Sentira duas pancadas no peito. De mais nada se lembrava. Agora via-se ali, cercado de amor, amigos e carinhos. Sentia-se muito fraco. Subia-lhe um gosto de sangue à boca. Estava certo que ia morrer. Duas

balas lhe haviam atravessado o peito largo. E, com lágrimas aos cantos dos olhos, perguntou à chorosa e dolorida D. Joanna se queria assim mesmo casar com ele. Ela abraçou-o num impulso de dor e, por entre os soluços, disse que sim.

Fez-se o casamento. O noivo, arfando dentro da rede estrelejada de pingos de sangue, dava a mão fria e trêmula à noiva ajoelhada, em choro constante, ao seu lado. Os foguetes não riscaram o ar. Não se ouvia um riso, um sinal de festa. Toda a assistência chorava. E entre mais choros ainda, ao entardecer, finava-se o pobre noivo.

Era mais do que completa a vingança de Helena Maciel.

Puseram-se parentes do noivo e da noiva, autoridades e até curiosos, que o sentimentalismo entusiasmava, à cata do sanhudo matador do gentil sertanejo. E veio a precisar-se a acusação de que fora autor do crime, mediante avultado pagamento, Estácio José da Gama, que, temendo já a perseguição e a vingança, refugiara-se no sertão de Maria Pereira. A falta completa de provas, apesar da voz geral que a condenava, impediu qualquer ação judicial contra a irmã do Conselheiro, pois que Estácio, mesmo depois de preso e condenado, nunca se determinou a confessar de quem recebera estipendio para o crime, tão forte juramento devera ter feito a Helena Maciel.

Nessa mesma época, deu-se um crime muito diferente do que narramos, em Quixeramobim, mas cujo autor veio a ser coparticipante no epílogo da tragédia do Uruquê.

João Cacundo, soldado da Guarda Nacional mobilizada, estava destacado na então vila de Quixeramobim, onde vivia de latrocínios, não só porque nessas priscas eras mal pagavam os go-

vernos os soldados da tropa, como porque ele já tinha a bossa do crime tão grande como a que lhe enfeitava o dorso e que lhe dera a alcunha de *cacundo*, corruptela popular de corcunda.

João Cacundo estava alta noite saqueando o armazém dum negociante, quando este, que pressentira o roubo, acorda, corre à porta da rua que encontra arrombada e brada para o escuro da loja, ao ladrão, que está preso e não procure sair, começando a gritar por auxílio. Vendo-se em critica situação, o Cacundo, que estava fardado e sabia que, preso, iria morrer às chibatadas no quadrado do batalhão, preferiu matar. Atirou-se à porta, transpassou o desgraçado negociante com a pontuda baioneta triangular e desertou incontinente, levando a farda e a carabina do governo. O sertão ganhava mais um cangaceiro.

O soldado perseguido pelos sertões procurou acoutar-se junto aos de sua laia, a outros perseguidos, modo este levado a efeito por milhares de criminosos e que tem dado em resultado a reunião de bandos formidáveis de cangaceiros em certas regiões.

Cacundo homizia-se nas alfurjas de Estácio Gama e os dois começam a praticar crimes pelo sertão pobre de Maria Pereira. Cresceu dia a dia sua fama e o poviléu dava aos associados o nome mais expressivo do primeiro[86]. Toda a gente temia os *Cacundos*.

Era juiz de paz[87] do distrito de Maria Pereira, hoje crismado por Benjamin Constant, o destemido e poderoso fazendeiro Manoel Honorato, que aliava à maior coragem a calma mais completa.

---

[86] Pela mesma razão se chamavam os Viriatos, os Brilhantes, os Guarabiras, etc.

[87] J. Jucá, narrando estes factos, na "Revista do Instituto do Ceará", chama Manoel Honorato, subdelegado. João Brígido, contradizendo-o, afirma que ainda não fora criado esse cargo e que Honorato devia ser juiz de paz.

Manoel Honorato procede a indagações seguras, manda vaqueiros campear rezes e espreitar os bandidos, arranja espiões, reconhece caatingas e recantos de serrotas, até que descobre o esconderijo dos dois cangaceiros. Um dia, cortando a mataria, pé ante pé, armas engatilhadas, acostados e escravos de Manoel Honorato cercaram o ninho dos bandoleiros. Encontraram as redes e a carabina ou granadeira do governo, que Cacundo esquecera a um canto da furna. Os pássaros tinham voado, deixando-lhes penas na mão. Haviam sido avisados em tempo por qualquer asseela do lugar.

Manoel Honorato voltou à fazenda, descoroçoado, e dispersou sua gente.

Dias depois, recebe, inesperadamente, um recado provocante dos Cacundos. Diziam-lhe que se preparasse, pois estavam no propósito de lhe fazerem uma visita em pagamento da dele. Queriam, porém, encontra-lo em casa e reconduzir a granadeira.

Repetiram-se recados idênticos e a todos Manoel Honorato encolhia os ombros. Eram lá capazes de vir à sua casa. "Estrumar-lhes-ia" os cachorros em cima, mal ousassem aparecer no terreiro. Covardões, só matavam de traz dos paus. Tinham a valentia das tocaias. .. Viessem!

Luminosa e suave manhã de inverno. Bandos saltitantes de galos de campina demoravam no terreiro limpo, catando grãos perdidos e sementes de gramíneas. Viam-se de longe as cabecitas rubras movendo-se sobre o tapete verde do capim de burro. O sol doirava cumeadas de serras e sacudia fina poeira de luz nas nevoas perdidas que cobriam os vargedos. Demorava entre a terra e o céu um arrulho dorido de juritis. E o mugi-

do farto dos gados, que pastavam nas capoeiras, subia no ar como notas de um salmo vagaroso à fartura vegetal da terra.

Honorato estava com o vaqueiro, no curral, ao lado da casa de morada. Desleitavam as vacas. Seguravam os bezerros teimosos, amarravam-nos com fino pióz de couro à perna traseira da vaca. Depois, livres do seu importunar e estando o animal na doce ilusão de que é o filho quem a suga, apertam entre as dedos os peitos fartos, e recebem o leite branco, espumejante, na cuia asseada. Logo que está cheia atravessam o curral, vagarosamente, despejando-o no pote pequeno, suspenso do jirau, junto à larga porteira de entrada.

Ao tirar o leite de uma das vacas, acocorado e na maior despreocupação, estava o Manoel Honorato, quando da porteira, pelas costas, lhe gritaram: — "Bom dia, capitão Honorato!" Antes que se voltasse, o vaqueiro que o defrontava, ocupado em idêntica tarefa, atira ao estrume a cuia do leite, corre agachado por traz das vacas e bezerros, afasta duas estacas da cerca e embrenha-se na caatinga espessa, que vinha morrer rente ao curral. Surpreso, o fazendeiro volta-se para onde o chamaram e avista, encostados, risonhamente, às varas da porteira, dois cangaceiros de chapéu de couro, clavinotes, cartucheiras de pele de onça pintada, longas facas esterçadas batendo na coxa. Só então compreendeu a fuga sorrateira do vaqueiro. Não lhe tremeram as mãos nem se lhe arrepiaram os cabelos. Olhou o lado por onde escapulira o fâmulo, teve um imperceptível sorriso, e murmurou: "Covarde!".

Era a visita dos Cacundos. Honorato virou-se um pouco e respondeu: — "Bom dia, moços. Deixem-me acabar de tirar este leite que lhes vou falar".

Cheia a cuia, dirigiu-se ao pote do jirau, dizendo aos dois: — "Vão para a casa ai pela frente". Fingia ignorar quais os visitantes e o fim da visita.

Isto os surpreendeu e lhes tolheu a ação do momento. Esperavam encontrar uma luta como prefácio ou assassiná-lo de jeito ao primeiro movimento de defesa. Topavam um homem sereno, sem desconfiança, que os mandava entrar em casa. Talvez fosse melhor lá dentro. Haveria certamente dinheiro ou outras coisas que levar. Entretanto, o fazendeiro, ao dirigir-se ao jirau, ouviu um dizer para o outro: — "Não atire no homem!".

Entrou em casa pela porta da cozinha. Os malfeitores esperavam-no na sala da frente. Caída de borco numa rede, a mulher gemia. Além dela só estavam em casa uma escrava e um molequinho. Pegou no braço da esposa e sacudiu-o com força:

— "Não dê sinal de fraqueza, criatura!" Depois, disse à escrava que, ao primeiro chamado, corresse à sala.

Prazenteiro, cumprimentou os dois miseráveis encostados aos umbrais do copiar e pediu-lhes que entrassem. A muito custo acederam, mas de armas aperradas. Apontou-lhes dois mochos em que se sentaram e perguntou-lhes com a maior calma e vagar o que desejavam e para que lhes poderia servir. Responderam, duramente, que eram os Cacundos e vinham buscar a carabina que lhes roubara do rancho. Honorato replicou que a não podia entregar, porque não lhe pertencia, como também não lhes pertencia. Era propriedade do governo. Já a enviara mesmo com o seu relatório às autoridades superiores, para Fortaleza. Entretanto — e adocicou a voz — dar-lhes-ia dois cavalos de sela, completamente arreiados, para se porem a salvo

em outra ribeira e algum dinheiro para a viagem. Abriu uma gaveta e mostrou-lhes cédulas graúdas, moedas de ouro e prata.

Os assassinos sorriram e recusaram. Queriam a granadeira ou o couro dele e não davam por menos o trabalho da visita. Os rostos carregados, crispavam-se de raiva e os dedos trementes apertavam os gatilhos. Rouquejaram:

— "A granadeira ou o couro para espichar!"

Honorato chamou o molecote e pediu-lhe uma cuia com água para lavar as mãos. Tra-la o negrinho e segura-a, dando as costas, inconsciente do plano do amo, aos dois criminosos. Mas Honorato de súbito reclama que ele está entornando a água, ralha, enfurece-se e dá-lhe uma bofetada, tão forte que o atira longe, para os pés dos bandidos. Estes riem do escravinho, meio surpresos com a cena, desviando os olhos do fazendeiro.

Manoel Honorato, veloz como uma sussuarana, dá um pontapé na boca do estomago do desertor, arranca-lhe das mãos a espingarda e, Enquanto ele se estorce de dor no barro socado da sala, aponta a arma ao Estácio:

— "Rende-te, cabra!" e atira as armas no chão! Durou momentos tudo. Estavam os cangaceiros à sua mercê.

— "Cruzem as mãos!"

Dito e feito. Bradou pela criada e ordenou-lhe que lhes amarrasse os braços com cordas de relho cru. Encostou a arma a um canto e prendeu-os pelos braços ajoujados a um forte armador de rede. Fez uma carícia ao moleque choroso. Apanhou as facas e a outra espingarda abandonadas no chão. Picou fumo com a quicé na palma grossa da mão. Encheu o cachimbo. Sen-

tou-se a um tamborete defronte dos dois prisioneiros rubros de ódio, cenhos franzidos horrivelmente, acendeu o cachimbo e pôs-se a fumar, a olha-los e a sorrir...

Nisto o soldado gemeu:

— "*Seu* capitão, lembre-se que fui eu que disse ao companheiro, na porteira do curral — não atire no homem".

Uma lágrima rolou devagar pela face generosa do fazendeiro.

E durante todo o tempo até o processo final e a condenação dos réus, Manoel Honorato tratou com carinho o guarda-nacional, recalcando a toda hora e a todo instante, como ele mesmo confessava, a tentação de dar-lhe escapula.

A entrada dos dois cangaceiros presos e escoltados na vila de Quixeramobim foi motivo de bródio e de prazer, sendo Manoel Honorato vitoriado pela população inteira.

Naqueles tempos rudos havia mais severidade nos juris. A 15 de Março do ano da graça de 1834, Estácio José da Gama foi fuzilado na vila de Quixeramobim, com as formalidades marcadas pelo código criminal da época[88], por um pelotão de doze homens do destacamento local, comparecimento dos magistrados, grande afluência de matutos, depois de ter recebido os Santos Sacramentos. Morreu com coragem. João Cacundo finou-se em um casebre infecto de Fernando de Noronha, condenado a galés perpétuas.

---

[88] Ofício do tenente-coronel, Ignácio Correa de Vasconcelos, presidente da Província e Juiz de Direito de Quixeramobim, Antônio Duarte de Queiroz, de 21 de Junho de 1834, ao ministro da justiça.

Meses após a execução de Estácio da Gama, D. Pedro I enviava a Manoel Honorato o hábito de Cristo. E o fazendeiro, singelo e forte, recusava a mercê, porque mais valiam para ele a consideração e respeito de que o cercavam no sertão, o prestígio do seu nome, a consciência do próprio valor, do que os penduricalhos imperiais com as suas fitas de seda. Ademais, ele, Manoel Honorato, não queria ficar orgulhoso.

MOURÕES E MOQUECAS

"Duas famílias iguais em dignidade, em consequência de velho ódio, lutam, e se ensanguentam..."

"Romeu e Julieta" — Prólogo).
W. SHAKESPEARE

Nos sertões de Ipu e Crateús, dominava, em 1830, a família feudal e poderosa dos Mourões e Melo, cuja vida foi ininterrupta série de guerrilhas e assassínios, correrias e torturas. São muitas e embaralhadas as versões sobre a origem do seu cangaço e intriga, já com os Lopes, já com os Moreiras, denominados Moquecas. Alexandre Mourão narra nas suas "Memórias"[89] que a luta começou por ter o seu cunhado e primo coirmão José de Barros Melo, o Cascavel, concertado com Vicente Lopes de Negreiros a morte dos Mourões. Precisemos os fatos. José de Barros, casado com uma Mourão, vivia amasiado. A mulher comunicou seus desgostos aos irmãos, que resolveram raptar a comborça e levá-la para longe. Fizeram-no, mas o pai deles mandou que a restituíssem a José de Barros e pediu-lhe a filha em troca. O genro, então, desistiu de visitar mais a amante e as coisas se acomodaram; mas, na sua alma, vingativa e recheada de falso pundonor, medrava a ideia da vingança. Uma feita, de surpresa, Barros e Negreiros atacam os Mourões, matando dois acostados e Manoel Mourão, chamado Manoel dos Ferros, o mais moço da família. Estava declarada a guerra. Todas as inclinações do meio a alimentariam.

---

[89] Publicadas na "República", de Fortaleza, em 1903.

Correm outras narrativas. Dizem que Vicente Lopes se opusera ao casamento de sua irmã Francisca com Antonio Mourão, mandando convidar este, posteriormente e como pirraça, para o enlace da moça com Antonio Pinto de Mendonça. Entretanto, a afronta não foi suficiente para provocar o rompimento. Mais tarde, porém, Negreiros intervém numas pretensões amorosas do Mourão, o que ocasionou a briga. Afirmam também que tudo veio de ter Vicente Lopes tomado, para restituir ao pai, seu amigo, a filha do sargento-mor Leandro Bezerra, que Antonio Mourão rousara numa de suas "razzias". Existem ainda outras versões menos importantes[90].

Em todas, no entanto, Vicente aparece sempre como bom e ordeiro, defensor dos fracos e protetor daqueles que os Mourões tiranizavam. Não era um assassino vulgar, um degenerado ou um psicopata. Não se cangaceirizara por hábito adquirido como os Mourões. Entrava na luta, que se lhe oferecia, com valentia nunca desmentida, tempera de aço, gênio irascível, força física e agilidade espantosas. Vicente Lopes Vidal de Negreiros descendia de André Vidal de Negreiros, o da guerra holandesa, tinha algum parentesco, por afinidade, com os Mourões, era bem apessoado e simpático. Qualquer coisa da sua fortaleza de corpo e generosidade de batalhar lembrava José Pereira Filgueiras, caudilho do Cariri, na rebeldia republicana de 1824. Este batizara os seus dois bacamartes com apelidos romanescos: "boca da noite" e "estrela d'Álva". Vicente Lopes chamava o seu trabuco "canário" e a sua granadeira pesada "negra velha".

Os Mourões agrupavam em torno de si grande número de bandoleiros, anarquizando a região nordeste da província

[90] Coronel Thomaz Catunda – trabalho inédito sobre o assunto.

do Ceará. Vicente Lopes, para resistir-lhes, também organizou o seu grupo, do qual faziam parte os matadores conhecidos por Severino, Xanana, Fama-leal, Caixinho, Jaramataia, Belchior e o fiel Goiabeira. As lutas tinham raras intermitências. Os ataques de fazendas, mortes, tiroteios eram a granel. Todas as atividades da sociedade rudimentar do sertão paralisavam-se, abstraídas pela guerrilha incessante.

Nessa guerra feroz de Mourões e Moquecas, os episódios são a repetição dos que têm acontecido em todas as questões entre famílias sertanejas. Um, entretanto, merece registo, porque dificilmente se encontrarão no próprio interior da zona do banditismo outros equivalentes. O padre Ignácio, da família Mourão, natural de Crateús e influência política, era inimigo acérrimo de Joaquim Domingues Moreira, chefe dos Moquecas. Em certa época, a perseguição dos adversários foi tão terrível que o padre resolveu fugir e, acompanhado de pouca gente, demandou os sertões paraibanos. Moreira foi-lhe no piso. Sentindo-se seguido, o Mourão escondeu-se num cerrado de oiticicas frondosas, ao pé duma fazendola, a três léguas da cidade de Souza. Na casa, habitava somente uma pobre velha. Joaquim Moreira perguntou-lhe pelo padre. Ela jurou não o ter visto passar. Compreendendo que o outro pedira segredo sobre o esconderijo, o Moqueca usou dum estratagema. Disse ser amigo do sacerdote, vir preveni-lo duma emboscada e trazer-lhe reforço. A mulher indicou as oiticicas. A horda sanguinária dos perseguidores arrancou o infeliz e amarrou-o num moirão da porteira do curral. Castraram-no, cuidadosamente, e, enquanto a súcia gargalhava derramada em torno, Joaquim Moqueca, habilmente, com a ponta afiada da Parnaíba, cerceava o couro da coroa do padre. Mostrou a rodela sanguenta, segura dos dedos, e gritou: — "O padre Ignácio vai comungar,

minha gente!" E obrigou a vítima a engolir a pele como se fora uma hóstia!

Somente na antiga barbaria dos pampas argentinos vão se encontrar cenas semelhantes a esta. Os asseclas de Rosas degolaram, depois de lhes haverem despegado a pele das coroas e decepado as mãos, o padre Villafane, de setenta e seis anos, os dois curas Frias, um de sessenta e seis, outro de sessenta e quatro, e o cônego Cabrera, de sessenta![91]

Chateaubriand conta na "*Analise raisonnée de l'histoire de France*" que o cardeal de Guise jurava não querer morrer enquanto não tivesse feito na cabeça de Henrique III a coroa de padre com a ponta do punhal.

A reação contra os Mourões foi enérgica. Uma combinação de forças, preparada em 1835, pelo presidente da província, Padre Martiniano de Alencar, acabou com a anarquia e dispersou os grupos de facínoras[92]. O fim dos lutadores foi triste. Vicente Lopes morreu pobre, velho e só, com um cancro no rosto. Chico Vigário, cangaceiro dos Mourões, amalucou na cadeia, depois de estar preso 34 anos. Galdino e Pedro Ribeiro de Melo, primos dos Mourões, saíram velhos da prisão. José de Barros Melo morreu preso. Manoel e Antonio Mourão foram assassinados, como vimos. Ninguém sabe o fim de Alexandre Mourão[93].

---

[91] Sarmiento - : "Facundo" - página 168.
[92] Dr. Euzébio de Souza - "Chronica do Ipu", publicada no "Rebate", de Sobral.
[93] Id., op. Cit.

LIBERATOS E GUABIRABAS

"Os Guabirabas eram um grupo,
De três irmãos e um cunhado,
Todos assassinos por índole,
Cada qual o mais malvado.
Aquele sertão inculto
Tinha essas feras criado".

(LEANDRO GOMES DE BARROS, cantor popular).

"Cil Lothebroc e ses treiz fiz
Furent de tute gent haiz"
(Chronica Anglo-Normanda).

(92) Id., op. cit.

O grupo de cangaceiros conhecido por Guabirabas compunha-se dos irmãos Cyrino, Jovino e João, e do seu cunhado Manoel Rodrigues. Eram mulatos os três primeiros e rusalgar, afogueado, o ultimo. Naturais da vila de Afogados de Ingazeira, ao pé da serra da Baixa-Verde, no sertão pernambucano, fizeram-se bandidos nas escolas de Pajeú de Flores, onde praticaram tantos crimes que foram obrigados a fugir para o Teixeira, na Paraíba. Ali se acolheram à sombra protetora do mandão mais famoso daqueles rincões no meio do século passado, indo morar na fazenda Jatobá e frequentando a vila nos dias de feira, armados da cabeça aos pés, provocando distúrbios e procurando desmoralizar as autoridades.

O delegado de polícia, Delfino Baptista, querendo evitar qualquer luta com tão perigosa gente, declarou-se enfermo e passou o exercício ao primeiro suplente. Este era o depois célebre Liberato Nobrega, filho dali mesmo, costumeiro a presenciar crimes desde muito cedo, homem alto, forte e claro, de olhar inquieto, queixo achatado, testa descoberta, sobrinho de Antonio Thomaz, cangaceiro de nomeada, morto à faca, numa incursão que fez ao interior do Ceará, pelos *cabras* de Quixeramobim, dos quais mofara, mandando pôr, quando seguira viagem, no caminho, pendurada num galho a ceroula dum de seus asseclas com os fundilhos voltados para a vila[94].

Cheio de rude pundonor e sentindo o perigo de serem os habitantes do Teixeira entregues quase sem defesa à sanha dos Guabirabas, Liberato resolveu impedir as desordens. Mas os adversários não se intimidaram. Antes ficaram satisfeitos de haver um motivo de briga. Um dia, Liberato recebeu, de acordo com o tradicional costume do cangaceiro igual ao velho desafio medievo, um recado de Cyrino Guabiraba, prevenindo-o de que, no próximo sábado, viria à feira, sozinho, para ver se alguém tinha coragem de lhe fazer fosse o que fosse.

A alma vibrátil, barbaramente cavalheiresca e predisposta à luta armada pelos ensinamentos do meio e as volições da raça, do novo delegado não se pôde conter. Logo se externou em ameaças de morte ou prisão ao cangaceiro destemeroso e malvado. Enfim, chegou o anunciado sábado e a gente da feira reuniu-se medrosa. Sentia-se que ia começar, no sertão, mais uma dessas lutas épicas e cruéis entre famílias ou grupos, que só ter-

---

[94] J. Brígido – "O Ceará". Vide em "Almas de Lama e de aço", capítulo "Os cabras de Quixeramobim", no qual miudamente se descrevem esses sucessos.

minam com o esmagamento completo dos partidos. Cyrino surgiu no mercado e logo foram avisar Liberato.

O delegado preparou-se para ataca-lo com os seus homens, mas refletindo nas consequências dum combate em lugar onde se reunia gente pacifica e ouvindo conselhos de amigos contrários ao tiroteio dentro das ruas, resolveu pôr emboscada ao criminoso numa ladeira, que havia perto da vila, onde, a estreiteza da azinhaga, pedras enormes, moitas embastidas e touceiras de gravatá prestavam-se maravilhosamente para esperas e tocaias. Ali se alarpadaram e encolheram, dum lado e do outro da estrada, o Liberato e os companheiros: José do Carmo, de quem diz um troveiro matuto "cobra tinha medo dele, façam ideia ele quem era!"; Joaquim Caboclo e Joaquim do Couto, um tal Moreira, amigo intimo do chefe, o negro Benedicto Ludjero, João Luz e ainda dois homens escolhidos a dedo entre os mais valentes do povoado.

Regressando, aguardentado e enfurecido, o Guabiraba penetrou sem desconfiança naquele trecho do caminho. Ouve-se um assobio. Um homem salta ao meio da estrada, trava da rédea do cavalo e dá voz de prisão ao bandido, que esporeia o animal, já de armas na mão. Partem tiros do mato. O cavalo ensinado espinoteia, dá chaças e coice, volve presto em repelões e trancos. Ninguém lhe pôde deitar as mãos. João Luz escabuja com uma bala da pistola de Cyrino na cabeça. A luta é homérica. Joaquim Caboclo corre sobre o Guabiraba como uma fera, mas abate com uma carga de bacamarte que lhe esfarela um ombro. O negro Benedicto cai de borco com o esterno fraturado pelas patas do cavalo. Mas, apesar do heroísmo da defesa, Cyrino está em situação critica. Num último arranco dispara o trabuco sobre o Moreira. O sertanejo

abaixa-se ligeiro qual um maracajá e puxa o gatilho do lacambeche à queima roupa do inimigo. As palanquetas cravam-se-lhe no ventre. Cai morto. O cavalo, riscado de facas e balas, dispara loucamente pela estrada afora, na direção da fazenda do Jatobá, indo tombar morto à beira da alpendrada.

Liberato manda os feridos para a vila, atira o corpo do cangaceiro num barranco e fica com os seus na tocaia, porque os dois irmãos e o cunhado podiam vir contra o Teixeira. A noite passou sem novidade. Os Liberatos recolheram às casas.

Os irmãos Guabirabas prepararam-se para vingar a morte de Cyrino, mas uma expedição com fins eleitorais no interior do Ceará levou-os para longe. Na região do Cariri, juntaram-se aos bandos de salteadores conhecidos por Serenos e Xios, cometendo horríveis depredações[95]. Na volta, então, foram ao Teixeira. A vila fechou-se medrosamente à sua chegada. Ao defrontarem o primeiro quarteirão, viram, tomando fresco à porta de casa, um velho inofensivo e doente, o Sr. Taveira ou Tavares. Sangraram-no e beberam-lhe o sangue "por brincadeira!". Interessante a analogia destes psicopatas com os caudilhos das hordas calabresas e sicilianas, que seguiam a bandeira do cardeal Ruffo, na reconquista do reino de Nápoles, gente que bebia lentamente o sangue dos republicanos na taça horrível duma metade de crânio!

É comum o cangaceiro que vai disposto a uma luta assassinar alguém em caminho, como espécie de aperitivo, modo de iniciar sem desfalecimento a matança. Em 1914, duas praças do segundo batalhão da polícia cearense, jagunços do Juazeiro, saíram do quartel à noite, armados às ocultas, com o fim de

---

[95] Pedro Malazarte – "Os cangaceiros" – folheto popular na Paraíba.

entrar num motim qualquer. No caminho, encontraram sentado à porta de sua casa, o Sr. Pedro Arthur de Vasconcelos, guarda-livros, homem pacifico e doente. Dispararam os *rifles* sobre ele, derrubando-o morto[96].

Os Guabiraras entraram no Teixeira, disparando os clavinotes, berrando obscenidades, bradando ameaças terríveis. Recuaram diante da casa do Liberato, que se entrincheirara fortemente e os repeliu a tiros. Para se vingarem, atacaram a residência de Delfino Baptista, o delegado medroso, que nada tinha com a morte de Cyrino, e o cortaram em postas. Depois de tais feitos, mudaram-se para o Pajeú de Flores, onde continuaram a mesma vida de guerrilhas e assassínios. Jovino e Manoel morreram queimados, como os Cunhas, numa luta semelhante. João foi morto por soldados de polícia de maneira trágica. Feito prisioneiro, cravou os dentes na garganta dum dos *mata-cachorros*. Apunhalaram-no. Morreu, mas ficou com as presas cerradas nas carnes da vítima. Verdadeira fera!

Essa questão trouxe para Liberato, que até antes de ser delegado vivera em paz e trabalho, a necessidade de ser também cangaceiro. Perseguiram-no os protetores dos Guabirabas, os Dantas, querendo recruta-lo para a guerra do Paraguai. As inclinações herdadas com o sangue predispunham-no ao vaguear indômito do bandoleiro matuto. O meio impeliu-o. No pôde resistir. Naquele mar de duvidas e desorganizações sociais, de taras e desrespeitos, em que se apegar? Com 22 anos, o pudor de não deixar desprestigiar-se a autoridade que lhe con-

---

96 Quando se deu esse crime, o autor era Secretário do Interior no Ceará e foi quem primeiro dele teve noticia por um próprio filho da vitima. O Governo fez o que estava nas suas mãos a fim de punir os homicidas, os quais se acham presos em virtude de condenação legal. Mas o fato pinta a selvageria de tais homens.

feriam, o atirava num duro combater. Os politicões da ribeira, os protetores dos bandidos dominados, o faziam perseguir como assassino de Cyrino Guabiraba e do coronel Ildefonso Ayres, que fora morto por João do Bomfim. Todos os pretextos serviam. Liberato viveu vida errante e desassossegada, tendo morto, num cerco, o tenente José Dantas, que o buscava com mais de cem soldados. Por fim, foi preso e faleceu de varíola, largando os pedaços, na cadeia da Paraíba.

O CABELEIRA E O CUNDURÚ

"Quot matronæ: quot virgines.
Dei, et ingênua nobiliaque corpora
his belluis fuere ludibrio".

(S. JERONIMO — *Epístola XXII, ad Heliodorus*).

Insulados e ferozes, vagueando a matar sem motivo pelos sertões afora, de quando em quando aparecem os criminosos da felpa do Cabeleira e do Cundurú. Surgem nas veredas e nas várzeas, a face careteando ao sol, roupas rasgadas pelos espinhos, de bacamarte ao ombro, espreitando uma vítima qualquer.

Remergulham nas caatingas e lá vão exercer contra os caxinguelês e os caititus a mesma mania cinegética que os traz contra os homens. Verdadeiros tipos regressivos, alucinados, duendes humanos, andam, assim, anos seguidos. Um dia, sobrevém un acontecimento que lhes perturba o funcionar dos instintos pervertidos. O matador esconde-se perseguido de remorsos, vive em tormento, por fim acaba na astenia última dos degenerados.

Pálido e escaveirado, percorria o afamado Cabeleira o interior de Pernambuco, de escopeta em punho, matando quem encontrava. Não exercia vinganças. Não se defendia de perseguições. Não assassinava para roubar. Era o criminoso louco, alma doente que desde a infância vinha exercendo a paixão de tirar a vida em todos os animais da fazenda e do mato. Muitos dos seus contemporâneos lembravam-se de vê-lo, bem criança, ficar extasiado diante duma rês paciente que o vaqueiro sangrava e que se estorcia moribunda. Às vezes, dava uma garga-

lhada! As nevroses que atuavam sobre a sua *psyché* enferma levavam-no aos delírios de concupiscência, semelhantes aqueles praticados por Gilles de Lavai, marechal de Rays, que o parlamênto de Carlos VII, de França, condenou à forca e à fogueira[97]. Segundo o depoimento dos seus criados, esse famoso fidalgo degenerado, o lendário "Barba-Azul", exercia os furores sensuais contra as crianças, que perversamente trucidava depois de satisfazer-se[98]. As vítimas do Cabeleira, para isso, eram as mulheres tomadas de surpresa ao passarem pelas estradas, ao irem lavar roupa nas ipueiras ou ao buscarem água nos poços distantes das casas. Após violenta-las, embebia-lhes a faca no seio e ficava olhando o seu estorcegar, sorridente e feliz como quem saboreia o mais gostoso prazer. Quando encontrava crianças, fazia-as subir nas árvores, bem alto, derrubando-as com um tiro. Remontando às suas origens, cuidadosamente, tanto na nossa terra como além-mar, se tal fosse possível, encontrar-se-iam por certo aqueles de quem lhe vieram os deturpados instintos de caçador e que já os deviam ter em grau exagerado: dedicados veadores, falcoeiros apaixonados, encoiteiros maníacos. O terror acompanhava os passos do facínora. Muitos anos depois da sua morte e ainda hoje em dia, as mães sertanejas amedrontam os filhinhos, ninando-os, para que durmam depressa, com uma cantiga de ritmo moroso e lúgubre:

"Fecha a porta, gente!
Cabeleira ai vem,
Matando mulheres,
Meninos também!"

97 "Cultos Indecentes e Costumes Obscenos", Autor Anonimo – Paris,1875.
98 "Cultos Indecentes e Costumes Obscenos", Autor Anonymo — Paris, 1875.

No Ceará, em meados do século último, houve também um desses criminosos de nascença, quase tão terrível quanto o Cabeleira. Chamava-se Braga Conduru, era branco, dum alourado triste e feio, carnes um tanto abalofadas e feições regulares, nas quais somente apurando o exame se descobririam os sinais do descalabro moral. Verdadeira fera, tornando de uma caçada, avistou três crianças banhando-se numa lagoa. À falta de marrecas, resolveu matá-las, para se divertir. Varou a mais próxima com uma bala. As outras duas nadaram, fugindo amedrontadas e mergulhando por precaução até lhes faltar o folego. À primeira cabeça que saiu da agua a fim de respirar, o monstro fez fogo.

O menino afundou cadáver. A outra cabeça apareceu mais adiante. Outro tiro. A última vítima estava morta [16]. Foi preso e condenado à prisão no degredo de Fernando de Noronha. Entre os assassínios que o processo mencionava estavam o das três crianças, o de um velho que crivara de balas por motivo fútil e o de um pobre tropeiro que fizera, tal qual como o Cabeleira, trepar num pé de angico, derrubando-o com certeiro tiro.

No interessante museu particular do senhor Dias da Rocha, em Fortaleza, está o bacamarte desse criminoso, pesado e curto, de pederneira e "boca de sino", como o trabuco andaluz. Na coronha, envernizada de preto, multiplicam-se pequenas cruzes, feitas à ponta de punhal. Cada uma significa um homicídio, escrituração perversa, diário cruel do miserável!

---

[16] Rodolpho Theophilo — O "Cundurú". O bacamarte do Cundurú, que se encontrava no Museu Rocha, de Fortaleza, foi pelo Dr. Dias da Rocha, seu proprietário, doado, em 1929 ao autor deste livro, que o transferiu ao Museu Histórico Nacional, de que era diretor.

Cundurú fugiu numa tosca jangada do presídio insular, em companhia de alguns degredados, que as privações da travessia vitimaram. Ele resistiu, aportou às praias do norte do Ceará, buscou a casa da família e homiziou-se num remoto socavão de serra. A polícia perseguiu-o e prendeu-o na própria morada, quando procurava esconder-se, envelhecido, minado de doenças e remorsos, quase astênico, mal pronunciando as palavras com os beiços moles.

RIO PRETO

"En todos sus atos mostraba se el hombre bestia ....

Incapaz de hacer-se admirar ó estimar, gustaba de ser temido... ".

DOMINGO F. SARMIENTO

"Facundo", pag. 108.

O Rio Preto era um negro alto e musculoso, de queixo pontiagudo e braços longos como os dos macacos, dedos nodosos, beiço inferior caído, tendo a testa saliente em demasia, característico o mais visível e expressivo de sua degenerescência moral. Natural da serra dos Macacos, perto do Teixeira, na Paraíba, celebrizou-se pela malvadez, por nunca igualada agilidade e porque imitava perfeitamente o zurrar dos jumentos. Reunia a matula de facínoras, que o acompanhava, com esse *rincho*[100] bárbaro. Abjeto e cruel, violentava mulheres de surpresa, nos caminhos, ou cercando-lhes as casas, quando os maridos se ausentavam. Nas feiras, para mostrar ao poviléu pasmado, a sua ligeireza de gato, saltava de costas por cima dum cavalo!

Uma feita, encontrou em lugar deserto pobre mocinha, que ia fazer compras na vila próxima. Quis amedronta-la, para que o deixasse satisfazer desejos concupiscentes. Ela resistiu. Amarrou-a e fez toda a horda dos sequazes cevar na infeliz os instintos infames. Entupiu-lhe — boca, narinas e ouvidos com areia bem socada, deixando-a, ainda palpitante, a morrer aos

---

[100] O Sertanejo prefere dizer rincho a zurro.

poucos. Alguns dias mais tarde, os parentes da vítima acharam o corpo. Estava irreconhecível, disforme, túmido, empastado de sangue, estriado de líquidos viscosos, com arroxeadas manchas e lentas filas de formigas pretas. Os urubus tinham começado a bica-lo[101].

Corria o sertão a lenda de que tinha pacto com o diabo, de que era por mercê de tal convênio, "curado" de bala, faca, espinhos venenosos e dente de cobra. Na sua pele luzidia as balas se achatavam esfriadas, os punhais entortavam as pontas amolecidas. Juravam que estourava e desaparecia nas ocasiões de perigo. Um terror onde chegava! Rio Preto cantava desafio à viola, nos sambas e depois das novenas, com tão invencível jogralice, repentista verve e inesgotável facúndia que derrotava os troveiros mais afamados. Então, o povo murmurava que, na ocasião da contenda, o demônio em pessoa se encarnava nele.

O célebre Liberato, quando delegado de polícia do Teixeira, perseguiu-o ferozmente. Eram dois adversários dignos um do outro. Após terrível luta, foi cercado dentro duma casa. Defendeu-se a tiros; mas a fecharia do clavinote desmantelou-se: ficou desarmado. A noite ia em meio. Esperou que amanhecesse. Ao primeiro vermelhejar da manhã, saltou no terreiro, de faca em punho. A súcia do delegado disparou as clavinas. Uma bala fraturou-lhe a perna esquerda. Caiu, vociferando pragas. Amarraram-no e conduziram-no para a cadeia do Teixeira entre dichotes e motejos.

As prisões das vilas matutas são quase todas localizadas no porão das câmaras municipais. Não têm entradas da parte da rua. No assoalho há um alçapão. Abre-se e atira-se o preso lá em

---

[101] Gustavo Barroso – "Terra de Sol".

baixo. Quando se quer retirar qualquer dos detentos, enfia-se por aquele buraco uma escada de mão. O homem sai Fecha-se novamente o postigo. Rio Preto curou-se da perna quebrada na própria cadeia. Meses depois, quando já perfeitamente sarado, desceram a escada para a saída dum companheiro. O bandido subiu também. Passou pelo alçapão e deu de cara com dois soldados. Deitou-se a um e arrancou-lhe o sabre das mãos. Estendeu o outro sobre as taboas com um pontaço, galgou o peitoril da janela fronteira e pulou na rua. Foram inúteis todas as tentativas para captura-lo novamente.

Começaram a correr notícias dos homicídios, latrocínios e estupros que cometia. Uma tarde, na reunião costumeira da venda, Chico Leite, rico criador da Paraíba, referindo-se aos crimes do bandoleiro, berrou que com mulher de sua família o negro não tinha coragem de bulir. Alguém foi[1] contar a fanfarronice ao Rio Preto. Voltando para casa, o Leite foi morto, numa encruzilhada, por um tiro de tocaia. A' noite, o bandido cercava-lhe a casa e violentava-lhe a viúva. O casal tinha dois filhos, rapazotes destemidos, que estavam fora e juraram vingar a morte e desonra dos pais.

Passaram-se meses. Em suave tarde de inverno, o bando do Rio Preto, vindo do Rio Grande do Norte, cortava pelo espinhaço das serras, descia as abas penhascosas dos contrafortes alcantilados e apeava, já com estrelas no céu, numa fazendola insulada no vasto plano do sertão da Paraíba.

Noite alta, o cangaceiro acordou e, de chinelos, em ceroulas, chegou ao alpendre, encostando-se à parede para satisfazer uma necessidade. Das moitas defronte, onde dormiam porcos, vieram grunhidos de suínos despertos e estremunhados. Estalaram folhas secas. Se se pudesse, apesar da escuridão, lo-

[1] *Heróis e bandidos — Gustavo Barroso*

brigar alguma coisa sob a ramaria densa do carcavão, ver-se-iam dois rapazes, cosidos com o solo, armas apontadas, com fiapos de algodão nas miras para serem vistas no escuro, acomodando-se melhor, o que acordava os porcos. Novo estalar de folhiços, novos grunhidos. O Rio Preto correu o olhar em torno, inquiriu a treva; depois, fitou o céu e rosnou:

— "O setestrelo está alto. Vai madrugando. Porco a esta hora não grita. É coisa que há naquela moita". Pensou um instante, riu e falou alto. com desprezo: — "Serão os meninos do Leite? Vão para casa, meninos!"

Na moita estalaram fecharias. Dois relâmpagos clarearam os vultos negros das coisas. O eco repetiu ao longe, nas serras, o ruído das detonações. E o Rio Preto, que já procurava a aldraba da porta, tateando, caiu de costas com duas balas no peito bronco. Ouviu-se uma carreira; depois, um arrancar de cavalos, varando o mato. O bando do miserável, hesitante, sem poder explicar a agressão, temendo o cerco duma força, barricava as portas. O cadáver do negro avultava no alpendre. Amanhecia. Cocoricavam os galos[102].

[102] Gustavo Barroso – "Terra de Sol".

BRILHANTES, LIMÕES E SUASSUNAS

"Kalipatis: — Toda loucura audaciosa acarreta desastres.

Floros: — A audácia é a mãe dos heróis".

RANGABES — "A Vigília"

José Brilhante de Alencar e Souza, filho do bacharel Feitosa Bezerra de Menezes e de uma moça da família Alencar, nasceu em Pombal, na Paraíba, no ano de 1824. O pai já tomara parte nas jacquerias sertanejas. Fora um dos valentes da revolução de 1831, no Ceará, que custou a vida a Pinto Madeira, preso e justiçado.

Em 1837, morto já o pai, José Brilhante comete o primeiro crime. Tinha treze anos. Matou um sujeito e fugiu para os Inhamuns, no sertão cearense, onde casou com uma prima. Intervieram influências políticas e de família. O assassinado era pobre e desprotegido. Com o pretexto de que o matador era menor, não se fez processo.

Um ano mais tarde, a irmã mais velha casou com João Alves de Melo Calado e foi morar na fazenda Tuiuiú, no Rio Grande do Norte. José procurou o apoio do cunhado e situou uma fazendo perto da deste, no Cajueiro. A atual vila do Patu estava em começo nessa época. Lá somente se reuniam alguns feirantes.

O Brilhante constituirá família e gozava de conceito, frequentando amiúde a pequena feira. Um dia, por simples questão de mercancia, teve um bate-boca com um vendedor, rapaz

pobre, porém de grande coragem e audácia, que o desafiou. O fazendeiro não ousou arrostar os percalços da luta e retirou-se, jurando vingança. O outro, amedrontado, refugiou-se na serra do Martins, voltando ao Patu para colher o resto das roças e vender algumas miunças, guardado por soldados. José Brilhante, que não pensava senão em esmagar aquele que o injuriara diante de todo o mercado, não perdeu a ocasião. Armou-lhes uma emboscada e matou-os à faca.

As autoridades da ribeira perseguiram o criminoso, que reuniu alguns cangaceiros e enfrentou os que o procuravam. Mais tarde, aumentou o grupo e fez correrias. A sua fama encheu o sertão. O governo resolveu agir com energia e mandou contra ele uma grande força.

Palmilhando as covoadas da serra do Cajueiro, em cujo sopé ficava a fazenda, José Brilhante, premido pela apertura do momento, achou um ninho e uma fortaleza. Adiante dum córrego, na primeira aba da montanha, erguiam-se entre os capões de mato, grandes rochedos dispersos, formando verdadeiro labirinto de pequenas passagens, das quais somente uma ia ter ao refugio que o bandoleiro descobrira. Sobre um pequeno platô, acessível somente por íngreme trilha do lado de nascente, esta defendida pelas trincheiras dos pedrouços esparsos, impossível de ser atingido por qualquer outro lado, dois grandes rochedos separados na base tocavam-se no alto, formando uma verdadeira casa. Aos lados, cresciam árvores seculares enleadas pelos cipós. As ribanceiras desciam a pique até o ribeiro. No recinto da furna, não penetrava a chuva, viesse de qualquer direção, nem soprava o vento por mais forte que fosse. O sol também não conseguia entrar. Pára o lado do sul, na encosta das rochas, um enorme jatobá nascia dentre as pedras,

surgindo as raízes pelas fendas, retorcidas e luzidias como serpentes. Do meio delas escorria tranquilamente um fio de agua límpida, fonte que nunca secou.

Aquele castelo natural foi denominado a "Casa de Pedra". Ali se acoutavam os perseguidos, podendo impedir a aproximação de qualquer tropa. Dois atiradores deteriam a passagem de uma brigada. Contra tal gênero de fortificação só a artilharia. Abrigado das intempéries, tinham agua para beber, dar aos cavalos ou às cabeças de gado que conduzissem para a alfurja, a fim de se alimentarem com carne fresca. Junto ao olho d'água, larga chanfradura no granito mostrava uma passagem aberta pelas antigas erosões, espécie de cano com diâmetro suficiente para o trânsito dum homem de gatinhas, que ia dar na caatinga, do outro lado dos rochedos. Por ela podiam fugir os sitiados como por secreta passagem dum solar medievo se escafediam os defensores, quando o inimigo o tomava de assalto.

Uma tropa, dirigida pelo chefe de polícia do Rio Grande do Norte, Dr. Amazo Bezerra, investiu contra o José Brilhante acoutado na Casa de Pedra, sendo dizimada pelos bandidos entrincheirados atrás dos blocos ou trepados nas árvores anosas. Veio a noite. A força levantou o cerco e, recolhendo mortos e feridos, acampou na fazenda do Cajueiro. Os atacados nada sofreram. Chegaram reforços do Patu. O animoso delegado José Philippe trouxe grande número de paisanos armados. Fez-se um sítio melhor e convidou-se o cangaceiro à rendição. Ele mandou cessar o fogo e pediu ao Dr. Amaro e ao Philippe que entrassem na Casa de Pedra, a fim de assentarem as bases da capitulação. Feita esta, os bandidos presos seguiram para Natal, onde se fez o processo. Mais tarde, o José veio responder a júri

no Martins. Foi condenado. O advogado apelou da sentença. Não esperou o resultado. Evadiu-se da cadeia com outros detentos, constituiu com eles uma quadrilha terrível e recomeçou a vida antiga.

Esta historia desde criança ouvia Jesuino Brilhante, o maior cangaceiro do sertão, no século dezenove, como Antonio Silvino foi o maior no século vinte.

João Alves de Melo Calado vivia em paz, pouco se incomodando com os desatinos do cunhado. Tinha já seis filhos: uma menina, Jesuino, João, Joaquim, Lúcio e Lucas. A cunhada solteira casara e morava na fazenda Boa Vista. Por causa da moléstia de seu pai, já muito velho, buscando as melhoras dum novo clima, em 1845, João Alves com toda a família, passou-se para Pombal, na Paraíba, deixando o Tuiuiú entregue a vaqueiros de confiança. Caiu sobre o interior uma seca terrível. Pulverizaram-se as pastagens. As matas reduziram-se a garrancheiras. Desapareceram as fontes. Morreram os gados. A fome e a peste devastaram a população. O pai e a mulher do fazendeiro foram vítimas da calamidade. Resultado da miséria e da anarquia causadas pelo fenômeno climático, os cangaceiros irromperam por toda a parte, especialmente na ribeira do Pajeú de Flores, em correrias frenéticas, praticando crueldades de arrepiar.

Os Calados, depois de grande luta contra a seca, com enorme trabalho, faziam progredir as fazenudas e engenhos, vivendo cercados do melhor conceito. A cunhada de João Alves enviuvara e viera morar no Tuiuiú, onde este estava, tendo regressado de Pombal. O mexerico é comum no sertão. As más línguas assoalharam que o fazendeiro vivia de amores com a viúva. Por esse tempo, 1860 mais ou menos, José Brilhante surgiu com a sua gente no Patu. Chegaram-lhe aos ouvidos os boatos

da barregania. Enfureceu-se e pediu explicações ao cunhado, que negou tudo. O cangaceiro não se deu por satisfeito com a negativa e exigiu o casamento como única solução honrosa para a família. Ambos eram viúvos. Nada mais fácil que o realizar. Interessante e paradoxal, o único bandido da grei, o que assassinara aos treze anos e que sangrara um homem por mesquinha vingança, dar-se o desplante de ser o zelador da honra familiar!

João Alves recusou o matrimônio. Não casava obrigado. O Brilhante cortou relações com ele, rosnando vingança. Armou os filhos e esperou a luta que se ia desenrolar sangrenta, quando amigos comuns intervieram, serenando os ânimos. Houve uma reunião da família e dos amigos sob a presidência do vigário, na qual se discutiu o caso, resolvendo o Alves casar de boa vontade.

O cangaceiro perambulou pelos sertões algum tempo, quase sem ser perseguido, e morreu, em 1873, no Pão de Açúcar, província de Alagoas, com as armas na mão, perseguindo uma quadrilha de ladrões de cavalo, cujo chefe oculto era o delegado de polícia da localidade!

Jesuino Alves de Melo Calado, nascido em 1844, filho mais velho de João Alves, teve a descuidada educação da gente mais arranjada do interior: rudimentos de leitura e escrita, e as quatro operações. Criou-se na vida patriarcal e rotineira da fazenda, armando arapucas às juritis, caçando aves com o bodoque, montando os cavalos em pelo, acordando às cinco horas da manhã e dormindo, depois da reza, às sete da noite. Com 25 anos era um rapaz dócil, estimado, com qualquer coisa de enérgico no modo de ser. Diziam ser o retrato de José Brilhante. De estatura mediana, olhos agateados, barba rala, cabeça redonda,

moldada em formas denunciadoras do espírito de mando, tinha, de quando a quando, no rosto de aspecto bondoso, ligeiras contrações dos músculos faciais. No glauco triste, estagnado dos olhos havia por vezes cintilações fugazes. Era a sua "expressão, alternativamente, de santo ou de malvado"[103].

Exímio vaqueiro e ativo comboieiro, o pai aproveitava-o para levar os produtos dos engenhos e sítios a Mossoró, vendelos e trazer fazendas, ferramentas, mezinhas e calçados. Numa dessas viagens teve uma rusga com o delegado José Philippe, o que participara do ataque ao seu tio na Casa de Pedra. A tropa do Philippe enchia um rancho onde Jesuino queria pousar. O outro fez-lhe ver que ambos ficariam incomodados e era melhor buscar descanso mais adiante. O rapaz teimou em ficar, querendo bater-lhe com uma taboca. Philippe defendeu-se com a faca. Os circunstantes impediram a luta. E Jesuino teve de hospedar-se noutra parte.

Criado num ambiente feudal, onde o ódio e a vingança não têm fim, ouvindo desde pequeno os feitos do tio valentão e cuidando ser a vontade dum dono de terras e escravos ordem para todos os vilões, aquela primeira resistência não castigada exasperou-o. Nunca mais riu. Voltou para casa triste, cabisbaixo, a ruminar a injuria, pois assim julgava uma resistência ao seu desejo. Os animais que dele fugiam ou o enfrentavam, touros, sussuaranas e porcos do mato, eram dominados a laço, à mussica e à bala. Os homens deviam ser do mesmo modo. Curvar-se-iam diante do predomínio ou seriam esmagados. As taras iam lentamente despertando uma a uma no fundo do cérebro enfermo. No meio em que vivia nada poderia entravar o seu desenvolvimento. Era lançar-se no abismo e rolar por ele.

---

[103] Rodolpho Theófilo – "Os Brilhantes".

Casou e veio morar perto da mansão paterna. Além duma várzea, vermelhejavam entre o arvoredo as casas de Joaquim Monteiro, enteado do velho João Alves e de Francisco Brasil, que por influencia dos Calados fora nomeado inspetor de quarteirão.

Passando a noite na fazenda, um sertanejo deixou no pátio uma cabra, que trazia, amarrando-a num esteio. De manhã, ela desaparecera. Não havia ladrões no Tuiuiú; entretanto, alguém levara o animal, pois o nó da corda fora bem feito, não se desataria por si ou a um puxão da cabra, e o esteio ficara no mesmo lugar. Jesuino pôs em prática as aptidões que o faziam distinguir como vaqueiro.

Rastreou o gatuno e a presa, indo dar à casa de Honorato Limão, no Camucá, uma légua distante da fazenda. Voltou e comunicou o caso ao inspetor de quarteirão. Francisco Brasil, em companhia de Joaquim Monteiro, José Calado e Jesuino, deu busca na morada do Limão, que o recebeu com má criação, negando o furto. Nada se encontrava que o provasse e já os buscantes desanimavam, quando o faro de Jesuino descobriu a carne da cabra num pote sem agua. Honorato furioso puxou a faca e golpeou o inspetor no braço esquerdo, porque este desviara o peito. Os outros o desarmaram.

Iam surgindo fatos naturais da própria vida sertaneja a impelirem para o crime mais um homem. O roubo dessa cabra criou nos Limões ódio feroz aos Calados. De tão pequena coisa decorreram grandes crimes e grandes lutas, grandes crueldades e grandes feitos. Impossíveis de prever as consequências duma ninharia.

Honorato, mestiço, curiboca, tinha oito ou nove irmãos, nos quais a raiva de verem o roubo descoberto casou-se ao ódio

de raça. Vingar-se-iam dos "amarelos"! Na noite de Natal, havia grande festa no Patu e outras localidades, danças, bródios, cantares e bebidas. Todos os sertanejos da redondeza concorreriam aos festejos. O velho Calado, temendo as ameaças dos *cabras*, por prudência não queria que os filhos fossem. Mas o Lucas, cuja namorada prometera ir à missa do galo no povoado da Conceição, não quis faltar. Apesar dos conselhos, selou o cavalo e partiu. Tinha vinte anos, nunca tivera dadas nem tomadas com os curibocas, não os temia e, acima de tudo, amava.

Os Limões viram-no num botequim e, como estava só e era moço, resolveram dar-lhe uma surra. Rodearam-no à porta da bodega e insultaram-no. O rapaz olhou-os. Eram seis. Avançou para um a socos. Uma paulada por traz! Cambaleou. Outra cacetada estendeu-o no chão. Correram muitas pessoas, pondo-se entre ele e os *cabras*, que teimavam em levar a cabo a empresa e ameaçavam céus e terras. Houve uma confusão. Aproveitando o tumulto, o rapaz fugiu meio tonto, varando o mato. Ninguém o viu levantar-se nem partir.

Chegou ao Tuiuiú a notícia da rixa e desaparecimento do rapaz. O fazendeiro mandou prevenir Jesuino, no Patu, onde a matutada cansada das danças e da bebedeira acomodava-se para dormir. Os que não tinham a casa dum parente ou amigo onde se hospedar dormiam ao pé do oitão da igreja. Honorato Limão era um destes. Antes de chegar o portador do velho Calado, soube da surra na Conceição e começou a berrar que os irmãos tinham ensinado um dos inimigos e ele ensinaria os demais. Jesuino, da casa onde estava, defronte, ouviu o aranzel. Conheceu a voz do ladrão de bodes e ficou vexado a cuidar que tivessem matado o irmão. Chega nessa ocasião um sujeito da Conceição, que bate à porta e lhe

conta a historia um pouco confusa, porque não assistira ao feito. Ali estavam também João Alves e Joaquim Monteiro, que aventam a ideia de se ir procurar o Lucas sem detença. Jesuino determina, porém, que se espere a opinião do Velho Alves, que prometera vir ao Patu.

Alta madrugada, aparece o escravo mandado pelo fazendeiro, comunicando que este não viria mais e mandava chamar os filhos. Jesuino sai para falar com um amigo. Andava em busca de apoio e conselho, porque sentia já a vertigem da luta, a atração do crime. Tinha tonteiras. Os olhos afuzilavam. As mãos tremiam. Passando pela porta da venda fronteira à casa, ouve o Honorato blaterando contra os seus. Faz-se desentendido, mas ao chegar em casa a mulher lhe diz que quem suporta tanto desaforo deve ter perdido a vergonha. Ela estava trêmula de raiva e indignação. Olhou-a, quase cambaleando como bêbedo, quis falar e não pôde; rouquejou asperamente. Armou-se e saiu acompanhado pelo irmão e o primo.

Na porta da venda ouviu o Limão gritar, convidando toda a gente para beber com ele "á saúde do defunto". Jesuino entrou e disse:

— "Não mande abrir a garrafa que ninguém bebe!"'

Honorato avançou de faca em punho. Jesuino desviou-se, recuando até pular da calçada na rua. Joaquim Monteiro derrubou o curiboca com uma paulada na nuca. E Jesuino embebeu com prazer a faca varias vezes no corpo estirado do inimigo. Covardia feroz e cruel! Insultado varias vezes, não se atreveu a repelir o famanaz; mas, vendo-o no chão, gozou em palitá-lo com a faca. Inexplicáveis os contrastes da alma desse homem, que ora se elevava aos maiores atos de audácia, heroísmo e ge-

Heróis e bandidos — Gustavo Barroso

nerosidade, ora praticava outros do maior cobarde. Há nele qualquer coisa dum Lorenzaccio inculto.

Quiseram prende-lo. Aproveitou o receio dos que chegavam gritando — "pega o criminoso!" — e correu até a casa. Selados os cavalos, os três demandaram a fazenda, onde o velho os recebeu horrorizado e abatido, vendo naquele primeiro passo com a sua longa experiência sertaneja um futuro de cangaço, luta e assassínios. Que fazer? Seria o que Deus determinasse. Único consolo, o fatalismo!

Saíram logo à procura do Lucas, que encontraram no meio do caminho, ensanguentado, as vestes rasgadas pelos espinhos.

Os Limões foram ao Brejo da Cruz pedir a proteção do senhor feudal Valentim Lobato, que tinha lima reserva de cangaceiros ferozes. Corria o ano de 1872. Jesuino, avisado que o tal mandão esporeava a vindicta dos *cabras* e dera aos Viriatos ordem para ajuda-los, temendo um ataque, combinou com o João e o Monteiro, à revelia do pai, irem ao Camucá e dar-lhes uma lição.

Apanharam-nos de surpresa. Nunca julgaram os Calados capazes de tanta audácia. Francisco Limão pulou no terreiro, disparando a garrucha sobre Jesuino, que se abaixou com ligeireza e, dando um salto, sumiu-lhe a faca no peito. Outros três Limões lutaram com João Alves e Joaquim, porém vendo morto o mais valente fugiram. Os Calados regressaram com ferimentos leves.

O velho não se conformou com tal luta. Resolveu evitar que os filhos se perdessem no crime por causa duns ladrões,

sem eira nem beira. Para isso, iriam residir na fazenda Boa Vista, que ficava longe, até se apaziguarem os ânimos. Todos acederam. Estavam em preparativos de viagem, quando o Jesuino soube pelo seu espia, o Manoel Pajeú, mestiço valente, ex-cangaceiro do José Brilhante; que o Valentim Lobato enviara aos Limões o auxilio de três Viriatos.

Na tarde da véspera da partida para Boa Vista, Limões e Viriatos cautelosamente se aproximaram da fazenda do Cajueiro, onde os Calados tinham ido despedir-se dos moradores. Estavam à beira do alpendre, conversando, quando a descarga partiu do mato e derrubou morto José Calado, primo de Jesuino. Este e o Pajeú correram agachados até mais perto dos capões e dispararam as armas, derrubando, gravemente feridos, um Limão e um Viriato. Os *cabras* atiraram, sem causar maior dano que esfuracar a parede da casa. Como não tinham tempo de carregar as armas, fugiram perseguidos pelos dois valentes.

Apesar de se mudarem no outro dia, Jesuino jurou vingar a morte de José Calado.

Na Boa Vista, o tempo passou depressa, todos entretidos com as moagens e farinhadas. Nem se lembravam mais de brigas, quando o delegado de Pombal recebeu uma precatória do Rio Grande do Norte, arranjada por Valentim Lobato, mandando prendê-los

Calados. Prevenidos, saíram em viagem para o Rio do Peixe, vagueando de fazenda em fazenda, de póvoa em póvoa durante algum tempo. Um dia separaram-se. Jesuino ficou na fazenda de Antonio Martins, o Alivio, mandando prevenir o pai do seu paradeiro, e da família recebendo notícias constantemente. João Alves e Joaquim Monteiro trabalhavam noutras fa-

zendas, vivendo como ganhadores. Os Limões e os Viriatos começaram a frequentar o Pombal. Temendo que desfeiteassem o pai, fê-lo mudar-se para o Rio do Peixe.

Uma feita, os Alves tiveram certa discussão com o Antonio Martins, dono do Alivio, que, para vingar-se, denunciou-o ao Valentim Lobato. Cansado de andar por Seca e Meca, o velho disse aos filhos que se haviam de ser perseguidos aqui e ali, melhor seria ficarem na sua fazenda e entregar o seu destino a Deus. Abandonaram o Alívio. No dia seguinte, o delegado de Pombal cercava a casa guiado por Antonio Martins. Descoroçoados e despeitados, os sitiantes, voltando a Pombal, devastaram a fazenda da Boa Vista.

Começou no Tuiuiú, para os Alves, vida desassossegada e selvagem. A sua fortuna com a inconstância do trabalho, as mudanças e depredações, ia de águas abaixo. Lucas e Joaquim Alves ficaram com o velho. Eram os únicos que não tinham participado da luta. Os outros se dispersaram pelas moradas do sitio. Passaram dois anos calmos e abundantes, quando as autoridades receberam ordem de recrutamento. Os potentados sertanejos iam aproveitar a oportunidade a fim de exercer vinganças. Lúcio Alves foi recrutado e seguiu para a capital da província. O velho deu trezentos mil réis ao Joaquim e mandou-o a Natal comprar a praça do Lucas. O preconceito da época não permitia que uma família de certa ordem tivesse um filho soldado. Gente houve que o mutilava para livra-lo da desonra de vestir farda. Um mês depois, regressaram os dois e foi grande o contentamento da família. Mas o Joaquim estava se sentindo mal dum copo de agua fria que, em viagem, bebera suado. Alguns dias depois morria.

O ano de 1877 trouxe para os sertões uma das secas mais terríveis que a sua historia regista. Começando a escassear os gêneros alimentícios, Jesuino e Joaquim Monteiro foram a Mossoró compra-los, João Alves seguiu para Boa Vista a fim de saber como ia a fazenda. Esta separação foi providencial. Salvou-os. Valentim Lobato pedira ao governo uma força, porque se aproximavam as eleições. Nela veio como soldado José Limão, o Preto, acusado de duas mortes, irmão de Honorato e dos outros, sequaz do Valentim. Aumentada com alguns cangaceiros, a tropa cercou o Tuiuiú. De dentro do mato, sem motivo algum, deu uma descarga que prostrou morto o Lúcio Alves, ocupado em alimpar o terreiro da casa. A mulher que correu desalinhada e caiu chorando sobre o corpo foi maltratada a coice de arma. Ouvindo os tiros e avistando a força, o velho Calado mandou o Pajeú e o Manoel de Ló, acostados de Jesuino, se esconderem na serra, ficando com o Lucas para receber os soldados. Estes invadiram a casa ferozmente, estragaram os moveis, roubaram o que puderam e levaram-nos presos ao Valentim Lobato, que os remeteu com um pretexto qualquer para a cadeia de Pombal. Também maltrataram a mulher de Jesuino e saquearam-lhe a casa.

Um escravo, que tudo assistira, correu a pé a noite inteira, indo encontrar Jesuino de manhã, descansando num rancho. Contou-lhe tudo. O sertanejo ouviu-o em silencio. Somente os tics do rosto se acentuavam aos exageros da narração.

Chegando ao Tuiuiú, escondeu toda a família na Casa de Pedra, abandonada desde o tempo do José Brilhante, armazenando ali grande quantidade de cereais. Acomodou num socavão da serra vacas e *cabras*. Preparou um bebedouro no olho d'água e dispôs-se a batalhar.

Vindo da feira do Patu, o Pajeú disse-lhe que no Gravatá de Cima, em casa dos Agapitos, estava acampada uma força. Dois dias depois, de madrugada, os Alves atacavam os soldados, que correram, abandonando as armas. Os Agapitos, porém, resistiram corajosamente. Ao raiar o dia, também fugiram, deixando três cadáveres sobre o chão ressequido e nu. Os vencedores apanharam armas e munições, recolhendo à Casa de Pedra.

Em memória de seu tio Silvino Ayres, Manoel Baptista de Morais passou a chamar-se Antonio Silvino; por causa de seu tio materno José Brilhante, Jesuino Alves de Melo Calado começou a se apelidar Jesuino Brilhante

Quase um mês depois da prisão do velho, os Brilhantes souberam o seu destino. Um sujeito amarelo e baixo, de cabelo afogueado, olhar fugitivo, barba rala e falar humilde, apareceu no Tuiuiú pedindo trabalho e disse ao Jesuino que estava em Pombal, quando um velho e um rapaz chegaram presos a mandado do capitão Lobato, que tinha grande confiança na cadeia da vila, guardada por tropa numerosa. Esse homem chamava-se Manoel Piry e ficou sendo acostado dos cangaceiros.

Passados mais dois dias, os Brilhantes em número de oito, chefiados por Jesuino, partiram ao cair da noite, a cavalo, da Casa de Pedra. Tomaram posições em derredor da vila de Pombal, dando gritos e despejando os bacamartes com rapidez a mudar de lugar constantemente, simulando grande número de atacantes. Muitos soldados não se atreveram a sair das casas onde moravam. A povoação foi tomada de medo. Os cangaceiros chegaram às primeiras ruas e continuaram o mesmo sistema de ataque. Poucos policiais responderam ao tiroteio. De manhã fugiram, deixando dois mortos numa esquina. Jesuino apoderou-se da cadeia soltou o pai, o irmão e todos

os presos, que se dispersàram pelas caatingas. Depois, voltou à serra do Cajueiro.

Chegava o fim do ano e a seca era impiedosa. Jesuino perambulava com o seu grupo. Nunca mais disse a ninguém de onde vinha nem para onde ia. Acompanhavam-no sempre Joaquim Monteiro, Manoel de Ló, Pajeú, Piry e João Delgado, todos montados em cavalos escolhidos e bem armados. Em Outubro, buscaram o Rio do Peixe. Ao chegarem ao terreiro do Alívio, Antonio Martins, o denunciante, sentado num banco, reconheceu-os e não teve coragem de se levantar.

Jesuino apeou-se e exprobrou-lhe o procedimento de outrora. Que rezasse e se preparasse para morrer! As mulheres da família caíram de joelhos, pedindo o seu perdão. Afastou-as friamente. Os cangaceiros erguiam os punhais. Martins pediu que o não matassem à arma branca.

— "Então vá ali para o meio do terreiro!"

Três tiros se ouviram. O homem caiu de borco.

A seca cada vez mais feroz! O céu uma abóbada de aço aquecido! A terra se estirava desnuda, concentrada, torva, duma cor que era mescla de dor e aridez. Ossadas branqueavam de passo a passo. Multiplicavam-se os bandos de salteadores.

Olhando as cenas dolorosas da fome e da sede, aquele misto de santo e de malvado comoveu-se. Jesuino não dormia a cuidar duma maneira de diminuir tanto sofrimento. Nas várzeas desertas, atacava os comboios dos negociantes mais abastados ou dos inimigos, tomava-os, chamava os retirantes famintos e com eles distribuía a farinha e os cereais. Do próprio bolso fazia as larguezas que podia. Até dos comboios de auxílios envi-

ados pelo governo se apoderava, fazendo a mais equitativa distribuição. Dizia-se a "comissão ambulante de socorros". Perseguia os bandidos que infestavam o sertão. Defendia os fracos das perseguições que lhes moviam. Nunca roubou nem jamais consentiu que os seus companheiros furtassem.

Noutra ausência do filho, foi novamente preso o velho Alves e metido na cadeia da Serra do Martins. No fim de três meses, como sua inocência era indiscutível, o processo que lhe moviam foi anulado e o puseram em liberdade. Jesuino não procurara soltar o pai, porque o destemido Moreira do Pau dos Ferros, rabula ativo e lutador terrível, lhe garantia a sua soltura, se a não complicasse com novo assalto à cadeia.

Entrou o ano de 1878 e a seca prosseguia. Os Brilhantes continuavam errantes e audazes, distribuindo com os famintos os viveres de que se apossavam e caçando os inimigos. Sempre as questões, as aventuras, os combates, as fugas, a vida vagabunda e livre!

Passando na várzea do Antonio, Jesuino encomendou uma sela ao velho Ignacio seleiro, ficando de vir busca-la em dia marcado. Chegou uma força de polícia a Caraúbas e o seleiro, manhosamente, de acordo com um filho, resolveu fazer prender o cangaceiro, demorando a entrega da sela até que os soldados chegassem. No dia determinado, Jesuino desconfiou da demora do velho em acabar de colocar os loros e do seu olhar assustado. Ficou de orelha em pé. O seu sentido auditivo apuradíssimo avisou-o de que vinha gente pela estrada e depressa. Saltou do cavalo, embebeu a faca no peito do traidor e entrincheirou-se na casa. Quando a tropa surgiu, correndo pelo caminho, derrubou um soldado com certeira pontaria. Os outros deram uma descarga. O Brilhante entrincheirado conti-

nuou a matá-los um a um, ora atirando da frente da casa, ora de traz, o que lhes fazia supor que havia mais de um inimigo. Retiraram. O cangaceiro ganhou o mato e foi ter à sua furna.

Um dia saiu a cavalo sem destino, melancólico e nostálgico. Parou na fazenda de Manoel Pimenta, apeou-se, pediu-lhe dinheiro, um cavalo e uma vaca. O velho recusou, dizendo, que, se ele quisesse tomar, tomasse, mas com as suas mãos não dava. O Brilhante montou e respondeu com orgulho que não era ladrão. E foi embora.

Com receio dos Brilhantes, os negociantes faziam guardar os comboios por destacamentos de polícia, o que não os impedia de cair às mãos ida quadrilha, cujo domínio nas estradas foi tão grande que chegou a cobrar direito de passagem, um tanto por carga de farinha ou cereais.

No fim desse ano, faleceu o velho João Alves de Melo Calado.

Da Paraíba partiram, a fim de caçar os Brilhantes, cem soldados comandados por dois oficiais, aos quais se agregaram muitos cangaceiros do Brejo da Cruz. Um bandido chamado Antonio Simplício que se acolheu ao arraial de Jesuino informou-o disto.

A tropa cercou a Casa de Pedra. Estalaram as fecharias das armas. Clarões súbitos iluminaram a noite. As detonações ecoavam repetidas nas quebradas das rochas. Os abismos, como grandes bocas de treva repetiam-nas. As balas achatavam-se na face rugosa dos granitos, esfarrapavam as ramas, enterravam-se na casca das árvores. Da fortaleza, os cangaceiros respondiam, berrando injurias, quando paravam o fogo para carregar os bacamartes. Ao romper do dia, os oficiais verificando ser inex-

pugnável a alfurja deram ordem de retirada, indo aquartelar no Martins.

Jesuino quis tomar desforra dessa visita. No começo de 1879, em noite muito escura, reconheceu sozinho o interior do povoado, mas nada se atreveu a fazer. Quando o destacamento seguiu para Campina Grande, emboscou-se no caminho e fê-lo recuar debaixo do tiroteio com algumas mortes.

Do mesmo modo que autoridades e pessoas da melhor categoria recebiam e bebiam ou jogavam com Antonio Silvino, a gente melhor do sertão visitava, quando surgia numa vila, o Jesuino Brilhante. Uma dessas vezes, estava no Martins, quando o delegado e outros indivíduos resolveram prende-lo. Tiraram alguns sentenciados da prisão, entre eles o Preto Limão e cercaram a casa.

Os cangaceiros trancaram portas e janelas e atiraram pelas frinchas das taipas. Às dez horas da noite, Jesuino tentou romper o cerco, sendo obrigado a retroceder. Então, ordenou a dois companheiros fazerem grande barulho com latas velhas, Enquanto ele com um cavador furava a parede que dava para a casa vizinha, na ocasião fechada e vazia. Passaram assim para o outro lado e fugiram depois um a um, transpondo os quintais da vizinhança e os telhados. Jesuino foi o último que fugiu; ficou de bacamarte em punho guardando a escapula dos outros. Reuniram-se depois todos nas quebradas da serra.

Quando estava entrincheirado à espreita de quem perseguisse o bando, atirou por engano em João Alves que se desviara do caminho, ferindo-o.

A audácia de Jesuino subiu de ponto. Foi a Mossoró comprar um comboio de víveres. O destacamento local atacou-o. Resistiu à bala e escapou ileso.

Os Brilhantes indispuseram-se com os Suassunas, que moravam nas imediações do Patu e que fugiram medrosos. Enquanto os outros ocupavam a sua fazenda como se fossem donos. Oitenta soldados a cercaram um dia, mas não prenderam os bandoleiros, porque se tinham retirado apressadamente meia hora antes.

A mesma tropa pousou na vila, tomando todas as medidas defensivas possíveis. Muito tarde, ouviu tiros nas cercanias, mas não se mexeu. Ao nascer do dia, um homem desarmado batia à porta de Raymundo Basílio, pessoa de qualidade do lugarejo, transmitindo-lhe um recado die Jesuino para o oficial do destacamento. Ordenava-lhe abandonar imediatamente o povoado sob pena de ser atacado, aprisionado e sangrado, pois o seu plano e os recursos com que contava autorizavam-no a ter certeza da vitória. O comandante, desconfiando duma traição dos moradores, não ousou arrostar o combate. Deu a ordem de retirada sem o menor exame dos arredores, onde na véspera tinham disparado tantos tiros. Mais adiante sentiu falta dum soldado. Tinha sido morto por uma descarga dos bandidos quando fora buscar agua ao córrego, de noite. Os Brilhantes ocuparam a povoação, vitoriosos e aureolados por grande prestígio. O poviléu não raciocinava sobre os fatos e somente via que, a um simples recado do criminoso, os soldados deixavam o caminho livre.

Durante todo o ano de 1879, os cangaceiros combateram contra os Suassunas e a polícia. O bando foi se reduzindo. O jugo de Jesuino era pesado. Não consentia em roubos e depre-

dações. Os sequazes cansavam-se da trama. Antonio Simplício desobedeceu-lhe. Matou-o. Dizem que também matara o escravo José, um dos melhores companheiros, porque era de inclinações sensuais e quisera violentar uma mulher. O certo é que o negro desapareceu, numa arrancada ao sertão de Pajeú de Flores. Manoel de Ló foi assassinado numa luta.

Nos últimos dias de dezembro, uma força guiada pelo Preto Limão conseguiu separa-lo da Casa de Pedra. Emboscou-se, disposto a vender caro a vida e talvez mesmo a acabar com ela, fatigado de tanta luta, no lugar Santo Antonio, entre Caraúbas e Campo Grande.

Ao se aproximarem os soldados, os velhos companheiros, Manoel Piry, Pajeú e João Delgado recusaram-lhe obediência, repeliram-no, resolvendo dispersar-se. Jesuino Brilhante, cheio de amargo desgosto, foi ao encontro dos inimigos e morreu, morte digna do vaqueiro exímio, do cangaceiro heroico que era. Avançou a cavalo disparando o bacamarte. Respondeu-lhe uma descarga. Soltou as rédeas do animal ardente e passarinheiro que montava, deu um grito de furor, cravou-lhe as esporas nos flancos. O garanhão encabritou-se, atirando-se aos galões para a caatinga, como outrora o fazia no piso dos bois que "espirravam" ou perseguindo os barbatões que desafiavam a vaqueirama da ribeira.

Desembestou pelo mato adentro como doido. O cangaceiro semilouco, deitado sobre o pescoço, seguro das crinas, o esporeava aos berros! Era um Mazeppa livre e voluntário! Os galhos espinhentos das juremas chicoteavam-lhe a face. Ramos de jatobás e pereiros raspavam-lhe o dorso e as ancas ensanguentadas do animal, que corria de cabeça baixa, coberto de espuma, cego à dor cruciante das esporas enterradas no

ventre com a força do desespero e da última resolução dum homem de energia. Arbustos quebrados estralejavam.

A garrancheira da mataria desfolhada curvava-se ao açoite da corrida, sussurrando como ao passar do vento. O cavalo diminuiu o passo, parou trêmulo e caiu de lado com um longo gemido, deitando sangue pelas narinas e pela boca. O cavaleiro, estendido sob o seu peso, não fez um movimento, não deu um suspiro. Estava morto.

VIRIATOS

"A mocidade de Sparta exercitava-se a roubar, não para adquirir vergonhosas riquezas ou atender às despesas de sua libertinagem, mas para se acostumar aos ardis da guerra. Pensava-se que a destreza e atividade necessárias ao roubador desenvolviam e fortificavam o espírito dos moços, ensinando-lhes a armar emboscadas, a vigiar com paciência e a aproveitar com rapidez o momento do ataque."

AULO GELO
"Noites Atticas", livro XI, § XVIII.)

Costume sertanejo pluralizar o nome dum chefe de bandidos para com ele apelidar toda a quadrilha. O troço de asseclas que acompanhava Jesuino Brilhante eram os Brilhantes; a cáfila matadora do Viriato, os Viriatos. Essa manalha de salteadores terríveis fazia correrias pelos sertões de Paraíba, Pernambuco e Ceará, fugindo dum para outro ao sabor das perseguições. Salteadores de estrada e guerreiros, pondo, no combate, em pratica os ardis de ladrão e, nas ladroeiras, as manhas de guerra, roubavam fazendas e tropas e, da mesma sorte que o nobre roubador do feudalismo cobrava à força o direito de alcávola dos bufarinheiros de Gênova, eles obrigavam os comboieiros a pagar um tributo de barreira, pedágio ou passagem. Durante anos fizeram guerra terrível aos Calangros, seus inimigos figadais.

Para que repetir o histórico das vidas desregradas e sangrentas dos bandidos do centro-norte? Os episódios dirão me-

lhor deles do que o nosso comentário. A cena que vamos narrar pinta de modo completo a alma do Viriato.

Manhã de inverno toda dourada de sol, com trinados de pássaros nas moitas. Pela chapada do Araripe, levantando o pó da larga estrada, trotava um comboio de mulas e cavalos com cargas. Voltava de Pesqueira, onde fora levar rapaduras; e os caixotes vazios batiam com um som oco na madeira das cangalhas. Lá uma ou outra carga de malas de coiro alvadio, cheias de fazenda, pesava no costado luzidio de mula faceira, de pescoço ereto e orelhas tesas. Não tiniam os chocalhos, o que era de estranhar, porque é luxo sertanejo andarem os comboios ao argentino som das sinetas, somente se entupindo essas, à noite, ao entrarem em lugarejos, por via de posturas municipais protetoras do pesado sono da gente do norte. O freteiro, mestiço escaveirado e alto, a cavalo, gibão de coiro deitado sobre o ombro, meio curvado para a lua da sela, fumava cachimbo. A pé, garruchas e facas no cinto, os tropeiros tocavam os animais, estralejando os largos chicotes de relho, calças arregaçadas com respingos de lama, o guarda peito de couro branco de poeira.

Numa curva do caminho, de súbito, o comboio estacou. Os homens, firmes, deixavam pender as mãos em desalento. Surgiam do matagal os Viriatos. "Vinte bacamartes visaram os comboeiros. O chefe berrou uma ordem: — "Ninguém se mexa!". Mais rígidos os outros ficaram. Fez um aceno a uns *cabras* e mandou dar busca nas malas. Depois, chamou o freteiro, que se aproximou cabisbaixo, chapéu na mão.

— "Que traz nesse comboio?"

— "O que Vossa Senhoria está vendo: fazendas, miudezas, uns presentes..."

— "Não quero saber dessas porcarias! Traz dinheiro?"

— "Trago, aqui no bolso, uns oitenta mil réis..."

— "Dê cá!"

O pobre homem entregou-os. Guardou na algibeira e, ouvindo dos *cabras* que nas malas não havia dinheiro, ordenou busca mais minuciosa. Acendeu um cigarro grosso, de palha, apeou-se e esperou. Os cangaceiros remexeram os suadouros das selas e os forros das cangalhas, as roupas dos homens e as peças de fazenda. Alguns niqueis, pequenas moedas de cobre foi tudo o que encontraram. Não tinham dinheiro. Podiam ir. Os comboieiros afivelaram as cilhas, endiretaram as cargas e tangeram o comboio.

De cócoras, o Viriato riscava o chão com a ponta da faca, pensativo. Ao mover-se o comboio, deu um salto e bradou: "Pára!" Aproximou-se e inquirio do freteiro, casquinando, por que os chocalhos iam entupidos, e comentou que não era noite nem entrada de vila. Os comboieiros empalideceram. O freteiro ficou branco, rilhando os dentes. E o Viriato, montando a cavalo, deu a ordem: — "Desentupam os chocalhos!" Cumpriram-na. Estavam tapados com cédulas. Então, ele alçou o bacamarte e deu ao gatilho. Um relâmpago e um estampido! O freteiro levou as mãos à cabeça e caiu de lado, ensanguentando os arreios e o chão[104].

O tipo mais interessante da quadrilha do Viriato era o curiboca Veríssimo, homem forte, de barbuna rala, prognatismo acentuado e quase macrocéfalo. Foi o herói dos ataques dos

---

[104] Gustavo Barroso - "Terra de Sol".

Viriatos ao célebre padre Custódio, que sempre se defendeu como um leão.

Veríssimo era irmão dum dos mais conhecidos e afamados cantadores do sertão, o Romano do Teixeira. Depois de ter praticado muitas tropelias e assassínios, foi preso e condenado a sete anos de prisão, que cumpriu na cadeia da sua vila natal. Aí conseguiu arranjar uma viola e passava as noites improvisando trovas bufas ou impregnadas de rude lirismo, espancando a tristeza e a nostalgia dolorosa do cangaço, com tanta inspiração quanto aquela celebrada "Monja Alferes, cujas memórias Heredia traduziu, dizendo que ela se alegrava em recordar as rixas, as fugas, os combates, a fortuna aventurosa, e a vida errante e livre. Uma tarde, o irmão veio visitá-lo. Abraçaram-se e, imediatamente, lembrando que havia muito não cantavam juntos, desafiaram-se para uma "peleja". O comandante da guarda, sertanejo como os outros, consentiu no desafio. Vieram Veríssimo e Romano para o corpo da guarda, sentaram-se nas tarimbas e começaram a cantar:

— "Sou Romano da Mãe d'Água
— Mato com *porva* soturna;
Para vencer eleição
Não meto chapa na urna:
Salto da ponta da pedra
E tomo a boca da furna!
— "Sou Veríssimo do Teixeira
— Fura-páu, fura-tijolo,
— Si mando a mão, vejo a quédaSi mando o pé, vejo o rolo
Na ponta da língua trago
Noventa mil desaforo!'"

Em torno, os presos se acocoravam silenciosos, o olhar vago, perdido no espaço, a alma em cisma, toda envolvida na saudade de viver livre a vida aventurosa do cangaceiro. Os soldados fumavam, estirados sobre as tarimbas forradas com os capotes ou encostados nas paredes. O sargento, escanchado num tamborete, enrolava o cigarro infindável. Fora, à claridade das estrelas, tremia, por vezes, um fio de luz na baioneta da sentinela.

ADOLFO MEIA NOITE

"Quem ofende a outrem

não pôde gozar de segurança".

(LEONARDO DA VINCI — Pensamentos)

Adolfo Meia Noite foi uma vítima do meio em que nasceu. A prepotência e a pretensão dum poderoso fazendeiro, o pundonor exagerado da família fizeram-no cangaceiro. A sua historia é quase a repetição da de Júlio Branciforte e de seu amor por Helena de Campireali, a que foi abadessa de Castro[105]. Nunca se chafurdou nas baixezas dos salteadores matutos. Em toda a vida manteve certa linha. Era natural de Afogados de Ingazeira, sertão do Pajeú de Flores. Os tios tinham sido cangaceiros. Esse exemplo dava-lhe desejos de lutas desde menino, quando se entusiasmava ouvindo contar os feitos dos parentes aventureiros. Rapaz, apaixonou-se por uma prima, filha do chefe político da terra, ricaço pretencioso e cruel, que julgou uma ofensa aquele sobrinho pobretão e desclassificado erguer os olhos para tão elevada pessoa. Mandou agarra-lo pelos acostados, metê-lo num velho tronco colonial que a fazenda possuía e açoita-lo. Adolpho voltou para casa com a alma mais torturada que o corpo. Pelo seu espírito passavam as lembranças das façanhas dos ascendentes e mordia-lhe, remordia-lhe o coração o desejo de vingar-se. Ao entrar em casa, o velho pai, homem brioso e de severos princípios, declarou que o não abençoaria enquanto não realizasse a vingança. A um filho desfeiteado só se dá a benção, quando lava a injuria bem lavada.

---

[105] Veja-se Stendhal – "A Abbadessa de Castro".

Tudo conspirava contra o moço sertanejo: o meio físico e moral, a ascendência, a crueldade e injustiça do inimigo, a honra da família. O sertão queria fabricar mais um bandoleiro. Tempos depois, noite alta, Adolfo penetra em casa do tio prepotente e malvado, e mata-o com alegria. Dai e do costume de só andar à noite, o seu apelido. Fugiu, acoitou-se no vale do Pinharais. Começaram a persegui-lo, para o prender. Viveu muito tempo, perambulando, a lutar, a escapulir, a matar, pelas ribeiras paraibanas e pernambucanas; ora, escoltado pelos seus dois irmãos, que se fizeram cangaceiros para o ajudar, Manoel e Sinobilino; ora, escapando dos assédios ferido, carregado às costas pela sua heroica mulher, que, nova Chimena, abandonara a. família pelo amante, embora o crime de permeio; ora, atacando com assombrosa coragem os inimigos dentro dos mais seguros refúgios.

Um simples fato é suficiente para traçar- lhe as linhas de maior relevo do caráter:

Havia no Teixeira um negro que somente se ocupava em conduzir o dinheiro do amo para transações comerciais. Era muito conhecido e tinha a alcunha de Perequito. Um dia, o preto encontrou-se numa várzea com o bando do Meia Noite. Os cangaceiros entreolharam-se e murmuraram, com reticências significativas, que o escravo bem lhes podia "dar" os cobres que certamente trazia. Adolfo ouviu e disse-lhes com azedume: — "Vocês nada têm que ver se ele conduz ou não dinheiro, mesmo porque ele não conduz dinheiro dele e sim dos outros". Voltando-se para o Perequito, perguntou: — "Levas dinheiro, Luiz?"

— "Levo, sim, senhor, quinhentos mil réis do senhor Paulo Barbosa."

Os bandidos apalparam os cabos das facas, olhos faulhando de cupidez. Adolfo respondeu :

— "Vai embora! se eu precisar de alguma quantia, irei tomar ao teu senhor. Não tomarei de ti que não és o dono. Vai embora!"

Encarou com superioridade os da quadrilha, a mão calmamente pousada no punho de prata do punhal. Os companheiros baixaram a vista e nada disseram.

Adolfo Meia Noite morreu baleado num cerco que lhe puseram policias e paisanos ao pé da vila do Teixeira.

OS DOIS JOSE-ANTONIOS

"Au milieu des épouvántables cruautés de la jacquerie, Guillaume Cailet, Guillaume Lalouette et le valet de ferme de celui-ci, le Grand Ferré, furent pourtant des heros."

CHATEAUBRIAND — "Histoire de France".

Evoquemos as sombras de dois homens bons e leais, que os preconceitos da educação e a influência do meio tornaram criminosos ao nosso ver, rebelados e justos no julgamento da opinião sertaneja. José Antonio do Saco e José Antonio do Fechado, duas almas heroicas, caracteres que se elevaram até à vingança e até o justiçamento pelas próprias mãos, em dois corpos de bronze, tipos lendários de lutadores, que o matuto jamais esquece e cuja tradição durará séculos!

A fazenda do Saco dos Bois fica no município de Afogados de Ingazeira, pleno sertão pernambucano. Nela morava o capitão José Antonio, homem bom e prestimoso, grande chefe político, devotado ao seu partido e inimigo figadal das fraudes eleitoraes. Numa eleição, fazendo esforços para evitá-las, viu-se envolvido em grande conflito de que resultaram algumas mortes e muitos ferimentos. O partido adverso, que estava no poder, aproveitou a oportunidade. Moveu-lhe tenaz perseguição, inculpando-o de tudo quanto acontecera. Ele nunca se pôde conformar em entregar-se à justiça, porque o seu modo de pensar e sentir a apontava como perseguidora dos fracos e fámula dos poderosos; porque achava que, na luta da eleição, não fizera mais que o seu dever, defendendo a urna a tiros de pistola, a

vida à ponta de faca; porque julgava decair de prestígio e dignidade dar as mãos às algemas dos adversários. Defendendo-se das primeiras perseguições, cometeu mais algumas mortes. Aumentaram a força que o buscava. Rodeou-se de cangaceiros. A luta durou muitos anos. Cansado e envelhecido, o capitão José Antonio embarcou um dia para o Rio de Janeiro, onde veio pedir o indulto de seus crimes ao Imperador, em pessoa. Dom Pedro II perdoou-o.

A fazenda do Fechado fica no município de Canindé, no Ceará. José Antonio, seu proprietário, honesto, hospitaleiro e generoso, entendia a justiça a seu modo. Achava que castigar o indivíduo que o injuriasse não era delito passível de pena, sim ato meritório. Assim, cometeu um primeiro crime. Quiseram prende-lo. Revoltou-se. Pensava ter praticado coisa louvável e que a lei não o devia punir. A prisão era, no seu rústico raciocínio, injustiça e vergonha insuportáveis. Sujeitar-se, seria vileza. Resistiu.

Durante muitos anos a polícia deu caça ao José Antonio do Fechado. Cercava-o na fazenda entrincheirada. Trocava-se o tiroteio. A pontaria certeira dos sertanejos emboscados derrubava os soldados a granel e, um a um, os comandantes da tropa, até que esta, desnorteada, abandonava o cerco. O povo dizia, para pintar o número de sequazes que lhe guardavam a morada: "Cada estaca da cerca é um homem armado!"

O comandante da polícia do Ceará, moço destemido, resolveu uma feita acabar com o José Antonio. Mandou a força, numerosa e aguerrida, acampar num povoado próximo da fazenda célebre e foi, disfarçadamente, à paisana, explorar a cavalo os arredores do Fechado. Encontrou na estrada um homem de meia idade, musculoso e simpático, de voz suave e lhana,

maneiroso e afável, montado em um belo alazão. Travaram palestra e o oficial, cautelosamente, procurou colher informes sobre o cangaceiro.

O desconhecido contou-lhe da fortaleza da casa, da valentia dos acostados, das boas ações do José Antonio e das razões que lhe assistiam para se não submeter à justiça. Assim, conversando confiados já um no outro, deram com uma encruzilhada e despediram-se: cada qual ia seguir rumo oposto. O comandante declinou, sorridente, seu nome e sua qualidade, fazendo oferecimentos corteses. O outro sorriu, tirou o chapéu, apertou-lhe a mão e disse:

— "A minha casa é ali adiante, no desembocar do caminho. Estamos lá às ordens. É a fazenda do Fechado e eu sou o José Antonio[106].

[106] Gustavo Barroso – "Terra de Sol".

ATHAYDE

Ao meu amigo Aurélio de Lavor

"Com efeito, viu-se alguma vez audácia mais impudente?"

CÍCERO — "Carta a Atticus".

Athayde, filho de gente pacata e honesta do sertão piauiense, nas cintilações bruscas do olhar, num raro tremer dos músculos da lace, denunciava-se um nevrosado, prestes a se tornar criminoso à menor determinante. Até os trinta anos de idade, não se lhe deparou uma ocasião de agir, impulsivamente, pela força dos desequilíbrios herdados. Em mil e oitocentos e oitenta e tantos, o partido liberal aproveitou os seus serviços. Foi nomeado subdelegado da vila onde nascera. Encheu-se de pretensões descabidas e começou a abusar da autoridade. Porque um pobre rapaz fora preferido por uma moça, que cortejava com insistência, entrou na casa comercial em que o outro trabalhava, esbofeteou-o, mandou arrasta-lo pelos soldados do destacamento até à cadeia, e açoita-lo a pano de sabre diante da casa da namorada.

Na tarde desse dia, chegou à vila um negociante de nome Francisco Alberto, sertanejo membrudo e barbado, calmo e forte como anoso tronco de aroeira. Soube do espancamento e verberou aquela prepotência. Não simpatizava muito com o lugarejo. De ora em diante ficava gostando menos. Não podia suportar que um homem fosse preso e maltratado sem motivo, e o criminoso ficasse impune. Athayde ouviu-o e respondeu-lhe

com um insulto pesado. Francisco Alberto levantou-se do tamborete em que se sentara e disse:

— "Onde há facas e espadas, razões e palavras são escusadas!" Ao terminar a frase, travava o pescoço do subdelegado com a mão esquerda. Na direita, luzia a faca de arrasto. Rosnou:

— "Puxe a sua, meu bem, para não dizer que estava desarmado!"

Athayde empalideceu, acovardou-se e falou, recuando:

— "Não discuto com doidos!"

A covardia do criminoso degenerado e bestial, torvo e cruel, diante da coragem verdadeira, é tão comum quanto a generosidade quase inconsciente do bandoleiro que estende a mão ao inimigo no ardor do combate, porque ele brigou como um valente. Os exemplos pululam. O Antonio da Jacyntha, criminoso feroz, entrara uma tarde em pobre povoado sertanejo, cujos moradores trancaram e barricaram portas e janelas ao avistá-lo. Saqueou algumas vendas. Encheu-se de cachaça, "cachimbo" ou "meladinha". Depois, começou a dizer desaforos, a apregoar fanfarronices, desafiando Deus e o mundo, no meio da rua. Vinha do campo um vaqueiro pacifico e bom, que não sabia do "estrupício". Subiu-lhe o sangue à face diante das injúrias do desordeiro. Arrancou da faca e avançou para ele. O Antonio da Jacyntha enfiou, recusou-se e abalou covardemente[107].

Com o Athayde deu-se o mesmo fenômeno.

---

[107] Gustavo Barroso – "Terra de Sol".

Alguns tempos depois, um tal Lopes, advogado em Picos, desejoso de vingar-se de seus inimigos, utilizou os serviços do valentão, trazendo-o para a própria casa. Athayde cometeu os maiores desatinos contra os adversários de Lopes. Era capaz de todas as torpezas. Uma feita, o advogado, tornando de longa viagem, encontrou a casa vazia e sobre a mesa este bilhete assignado pelo infame: "Lopes. Estou cansado de amor escondido. Vou embora e levo a Xiquinha, tua mulher.É boa rapariga. Trata-la-ei bem. Vai na minha garupa e dormirá na minha rede, esquentando o meu corpo. Se você quiser dizer adeus a nós dois, encontrar-nos-á na lombada da serra, a duas léguas da vila, onde vamos descansar".

JOÃO DO BOMFIM

"Morramos corajosamente em vez de cair vivos às mãos dos inimigos!"

XENOFONTE
("Anabase" – livro III).

A velha mestiça luso-tapuia Anna do Bomfim vivia numa choupana aninhada no socavão da serra do Teixeira, no sertão da Paraíba. Diziam que fazia magicas e feitiços. Era célebre pela quantidade de pragas que rogava ao menor motivo e porque, filha de antigos matadores, também já assassinara. João do Bomfim, seu filho, mameluco alto, magro, musculoso, de cabelos corredios, rosto largo e olhos pequenos, vivos, apertados, quase oblíquos como os da raça amarela, andava muito devagar, comia vagarosamente e, nas raras vezes que abria a boca, falava mais devagar ainda.

O coronel Ildefonso Ayres, chefe político e senhor feudal, desconfiando que ele e os dois companheiros Manoel Camelo e Chico de Coito andavam a roubar roças e rebanhos, perseguiu-os com uma tropa, que receberam à bala. Travou-se a luta e afinal foram os três presos, estando o Chico baleado numa perna. Na cadeia, este, antes de fazer os curativos, retirou da ferida fragmentos de músculos e de ossos, guardando-os cuidadosamente num saquinho de pano.

Pouco tempo depois de serem postos em liberdade, mataram em uma emboscada o coronel Ildefonso. Ao tombar este moribundo no barro da estrada, João do Bomfim avançou e

disse: — "Prove agora, coronel, que sou ladrão!" Ayres respondeu: — "Tanto és que me roubas a vida!"[108].

Quando se encontrou o cadáver do coronel Ildefonso, achou-se dentro da boca um saquitel de chita com fiapos de músculos e estilhaços de ossos!...

O tenente Vicente Ayres, Pedro Rufino Baptista de Almeida, alcunhado o "Baptistão", pai de Antonio Silvino, Silvino Ayres, filho do coronel assassinado, Antonio e Francisco Gadelha, pai e tio do célebre matador Antão Godê, comparsa de Antonio Silvino, cercaram João do Bomfim, depois de o perseguirem dez anos, no lugar Ipueiras, entre as vilas de Patos e Teixeira. O bandido resistiu uma noite inteira, em companhia dum filho, respondendo furiosamente ao tiroteio dos inimigos emboscados, como ele, na sombra, e mudando constantemente de lugar, afim do clarão dos tiros não denunciar pela repetição no mesmo ponto o pouso do atirador. De madrugada, João do Bomfim cessou de atirar. Logo após, o menino escapulia na carreira, debaixo duma chuva de balas, deixando um rastilho de sangue. Amanheceu. Os outros esperaram ainda algum tempo. Do esconderijo do cangaceiro não saía o menor ruído. Escutaram atentamente. Farejaram até. Nada. Foram-se aproximando com muita cautela. Encostado a uma trincheira, João do Bomfim estava morto, de pé, pregueado de balas, as mãos crispadas no bacamarte, em cuja coronha sessenta cruzes feitas na camada de verniz preto à ponta de faca diziam que matara sessenta pessoas!

[108] Há quem conte também que este fato se passou com Liberato Nóbrega e o referido coronel Ayres.

ANTÔNIO SILVINO

(sic) "Cáe uma banda do céo,
Séca uma parte do mar,
O purgatorio resfria,
Vê-se o inferno abalar,
As almas deixam o degredo,
Corre o diabo com medo,
O céo Deus manda trancar.
Admira todo o mundo
Quando eu passo em um lugar!"

(FRANCISCO DAS CHAGAS BAPTISTA,
poeta popular da Paraíba, "O silencio de Antonio Silvino").

Jamais igualado na sinistra fama, nunca excedido no criminoso mister, Antonio Silvino é o maior vulto de criminoso dos sertões do nordeste e a sua historia domina a historia de uma região inteira.

Ele próprio tinha tanta certeza do tamanho e valor de sua fama sangrenta, que um dia, quando o sertão paraibano andava convulsionado pelo Bacharel Santa Cruz e pelo doutor Franklin Dantas, disse num povoado matuto, com ironia, em conversa animada com alguns parceiros: — "De uns quatro anos para cá não gozo mais celebridade: só se quer saber de cangaceiro — doutor..."

Antonio Silvino nunca tomou parte em conluios políticos do sertão. Sempre se eximiu de grupos numerosos. Vivia só com o resumido bando, vagueando em liberdade. Uma feita,

quando foi da invasão da Paraíba, em 1912, pela liga de Santa Cruz, Dantas, Saldanha e Neco Janucio, fingiu aderir ao movimento, mas em realidade estava afastado.

Na sua vida de matar e saquear, sempre se manteve nas quadras de gáudio ou de apertara, à maneira de Jesuino Brilhante: cinco ou seis companheiros, boas armas, toda a pradaria hispida dos sertões, plena liberdade, a cumplicidade do habitante, ou por medo, ou por admiração, e os combates e os sambas, e as noites frescas dormidas ao relento, sob a luz pálida da lua, no silencio dos campos.

Nascido em Pernambuco, no distrito de Afogados de Ingazeira, em 1875, batizado por Manoel Baptista de Morais, alcunhado Nezinho, em lembrança do chefe sob cujas ordens se fez, o denodado Silvino Ayres.

Andava de continuo com seis ou oito bandidos. Poucas vezes teve mais. Vivia com uma farda de major de polícia ou coronel da guarda nacional, galões dourados no punho. Seus bandidos usavam velhas fardas de soldados, botões areados, luzindo. Todos tinham divisas como se fossem oficiais inferiores.

Desse pequeno bando, fizeram parte matadores conhecidos nos sertões: Godê, Balisa, João de Banga, Rio Preto, Cocada, Dois Arroz, Tempestade, Ventania, Nevoeiro, Barra Nova e Relâmpago.

Largo tempo, Cocada foi o seu tenente de confiança.

Antonio Silvino é filho de Balbina de Morais, descendente dos Feitosas, dos Morais e dos Brilhantes, e de Pedro Baptista de Almeida, o Baptistão, lutador terrível, assassinado ai por 1898, em janeiro, pelo subdelegado local e por José Ramos da

Silva, que foi processado e preso. O delegado, porém não teve a menor punição, contentando-se o governo simplesmente em demiti-lo, nomeando para seu lugar um famanaz do sertão pernambucano, Francisco Braz.

Indignado com a injustiça que lhe faziam, inclinado ao crime pelas tendências herdadas e aumentadas pela influência do meio, Silvino, talvez com uns vinte e um ou vinte e dois anos, esperou algum tempo a vingança, para não alarmar e prevenir os inimigos; depois, cingiu a cartucheira, pôs o rifle ao ombro e dentro de poucos dias cometia o primeiro crime.

Encontrou numa vereda Manoel Ramos Cabaceira, sobrinho do assassino de seu pai, que vinha em companhia de um tal João Rosa. Com dois tiros certeiros derrubou ambos. Explicava: matara o primeiro, porque o xingara no caminho e porque era membro da família inimiga, para ferir o adversário, o matador de seu pai; matara o segundo, para o primeiro não morrer sozinho.

A polícia perseguiu-o. Deitou-se à caatinga. Assim pela "vendetta" matuta, os carrascos de nordeste se assemelham ao "maquis" da Córsega, à "macchia" Italiana.

Moveu-lhe perseguição formidável o subdelegado Francisco Braz, homem mui valente e protetor da família Ramos. Antonio Silvino resolveu matá-lo. Planejava desta sorte pisar o segundo degrau do crime. Topou um dia, à beira de uma várzea triste, o delegado. Ambos vinham sós. Lutaram ferozmente. Foi um desses duelos sertanejos, travados à faca num recanto do mato, tendo por únicas testemunhas os gaviões sobranceiros, alcandorados nos galhos secos das gameleiras altas, luta medonha em que ao ruído do pugilato não se junta nem um

gemido dos contendores, embora o vencido fique esfaqueado, caído sobre o panasco, abandonado no deserto da campina. Antonio Silvino matou-o nesse dia e durante algum tempo andou foragido por distantes sertões. Depois, tornou à querência antiga, à malhada costumeira, ao Surrão, contraforte da serra do Fagundes, que domina a estrada de Campina a Itabaiana, de onde, acompanhado pelo irmão Zeferino Baptista, Silvino Ayres, Pilão Deitado e os Gatos, saía em correrias, saqueando os povoados da redondeza.

Por essa época, José Ramos, talvez com a cumplicidade das autoridades policiais, fugira da cadeia e se escondera na fazenda da Imaculada, perto do Teixeira, na Paraíba, acolhido benevolamente pelo célebre Delmino Dantas, senhor feudal daquelas paragens.

Silvino Ayres convidou Manoel Baptista de Morais para ir à vila do Teixeira, onde o mesmo desejava vingar-se dum inimigo. Os dois, com pequeno bando de asseclas destemidos, cercaram a casa do delegado do Teixeira, mas levantaram o cerco sem proveito, por saberem que os Dantas da Imaculada vinham com muita gente em sua perseguição. Retiraram-se para Pajeú de Flores e lá ficaram residindo calmamente. Mas a polícia não descontinuava de persegui-los, até que um dia prendeu Silvino Ayres. Foi, então, que Manoel Baptista de Morais passou a chamar-se Antonio Silvino.

De acordo, os Governos de Pernambuco e Paraíba continuaram a perseguição ao cangaceiro, que já se celebrizava nas versalhadas dos troveiros, sendo fator sem mesmo o saber de todo um ciclo de canções guerreiras, espécie de canções de gestas, que correm os sertões, impressas ou na memória do povo crendeiro. Duas vezes cercado, nesse tempo, em Matinha e

Fagundes, pelo Capitão José Augusto, Silvino escapou do cerco, baleando a reles soldadesca de polícia.

Em 1899, entrou no Estado de Pernambuco e foi sitiar a usina do major Santos Dias, na Escada, vindo de Canhotinho, onde o dr. Tavares de Melo dera aos cangaceiros o lugar de guardas municipais! Queria tomar uma mulher casada que fugira do marido, que a maltratava, para casa de seu pai, o usineiro. Nada conseguiu. Avisado em tempo, o major Dias ocultou bem a filha e resistiu à bala.

No combate pereceu uma inocente — a irmã da fugitiva, que uma bala perdida apanhou. Fora o próprio marido que empreitara com Silvino o assalto.

Como se aproximavam socorros da usina, fugiu, sendo sitiado adiante, em Gravatá de Bezerros, pelo subdelegado João Gonçalves. Rompendo os duros e espinhentos carrascais do sertão pernambucano, escapou com um braço baleado, refugiando-se na Paraíba, no sitio Catarina, do tio Ildefonso Ayres, e deixando no capinzal e nos folhiços, deitados para sempre, dois companheiros.

No mês de Abril de 1900, no engenho Cabaças, o já falado capitão José Augusto cercou-o com trinta e tantas praças bem armadas. Antonio Silvino e os seus resistiram e escaparam. O tiroteio durou seis horas. Entrando no engenho deserto, os soldados furiosos açoitaram uma sexagenária, mãe do dono da casa, que não tinha a menor culpa e tremera toda a noite com medo dos tiros! Perseguido de perto, varados os matos onde se acolhia, perquiridas as casas dos seus amigos mais sinceros, palitadas as moitas à baioneta, o bandido teve de aumentar o bando vagabundo e feroz. Em Junho do mesmo ano, tinha nos

entrincheiramentos do Surrão uns cinquenta homens auda-zes, entre os quais os Gatos e os Guedes, e o célebre Joaquim Francisco da Serra Redonda. A polícia paraibana andava-lhe no encalço e a de Pernambuco fechava-lhe as fronteiras da terra natal.

Às 8 horas do dia, os cangaceiros comiam o seu almoço, de carne com pirão na casa de José Gato, nas cercanias do Surrão, quando foram assediados por 120 soldados das polícias de Paraíba e Pernambuco, comandados pelo capitão Angelim e o alferes Paulino Pinto. Os bandidos largaram a colher de estanho e o prato, pegaram as clavinas e meteram-se nas tocaias. Num curioso raconto do combate, tempos depois, referindo-se à violência do tiroteio, para caracterizar o estalido seco das detonações das carabinas "Mauser", um troveiro na sua linguagem pitoresca disse que parecia um tabocal pegando fogo!

Silvino, baldo de munições, conseguiu romper o cerco e de fora feriu mortalmente com certeiro tiro o alferes Paulino Pinto, da polícia da Paraíba. Então, o desbarato dos cinquenta homens foi completo com a fuga do chefe audaz. A tropa pegou nove cangaceiros. E, para vingar o alferes quase morto, o sargento José Lopes mandou sangra-los no pescoço. Um não deu um gemido: o bandido de maus bofes Antonio Francisco. Joaquim Francisco da Serra Redonda, com hábil movimento, desviou a faca, na ocasião da sangria, ficando somente com a pele da garganta cortada, fez-se de morto, foi recolhido pelos amigos e curou-se, vindo a morrer de varíola três anos mais tarde!

Nessa fuga, Antonio Silvino foi parar nos arredores de S. José do Egito, onde matou, num encontro, o seu inimigo Sebastião Correia.

Desapareceu algum tempo.

Depois, surgiu no Rio Grande do Norte, onde o tenente Tolentino o cercou em Caicó, na fazenda Pedreiras. Foi forte a luta. Morreram muitos soldados e alguns bandidos, entre os quais um menino de 14 anos, assíduo companheiro de Silvino, de quem este dizia fora o homem de mais coragem que já vira. Esse menino, célebre por sua pontaria, chamava-se Severino Vieira, e era um tarado hereditariamente. Seu pai fora um valentão terrível, que matava gente às machadadas! Escapo do aperto de Pedreiras, Silvino escafedeu-se para o Ceará, onde repousou oculto alguns meses.

Mais algum tempo e souberam-se as notícias dos crimes que praticara após sua volta do Ceará. No Ingá, assassinara um homem; em Pinhões, outro; em Figueira, o subdelegado Francisco Antonio Cabral. Em Nazareth, pleno sertão pernambucano, fugira de outro cerco da polícia. E a lista das mortes que continuava a praticar assombrosamente crescia: em Aroeiras matara Severino, hábil rastejador e vaquejador, que servia de esculca à polícia; em Mogeiro, tirara a vida de um ex-sargento, um tal Manoel da Paz.

1904 registou no mês de Outubro uma interessante façanha do cangaceiro. Antonio Silvino entrou na vila do Pilar, na Paraíba, fardado de capitão de polícia, penetrou no quartel do destacamento, onde só estavam na ocasião um soldado e o carcereiro, tomou- lhes as chaves da cadeia e soltou os presos. Com o auxilio destes, prendeu todos os soldados do destacamento, inclusive o comandante. Depois, exigiu resgate do delegado de polícia. Recebeu-o e pôs-se no mundo. Saqueando a vila, abriu o cofre dum negociante, Pio Napoleão. Dentro havia cinquenta contos. Silvino disse: — "Se eu fosse ladrão,

levaria todo este dinheiro. Não sou. Preciso agora somente de duzentos mil réis. Dê-mos com suas próprias mãos". O homem deu e ele saiu calmamente.

A mania deambulatória, os desejos de luta e sangue, levaram-no até os Cariris Novos e até o Ceará, de onde, perseguido, regressou de novo a Pernambuco. Nessa torna-viagem, hospedado em uma casa, no Piancó, foi cercado por uma força. Não pôde resistir. Uma bala no inicio do tiroteio, quebrou-lhe nas mãos a coronha do "rifle". Deu às de vila Diogo.

Em 1905, a pedido de um amigo, surrou um sobrinho de José Gouveia, sertanejo rico e influente. Este enfureceu-se, tomando a desfeita como um escarnio à família, célebre em muitas lutas, e ao seu bárbaro poderio. Foi à capital da Paraíba e conseguiu do governo a sua nomeação de capitão volante de polícia e uma força segura. Foi também ao Recife e lá arranjou um forte destacamento, além de armas para os populares que se quisessem devotar à captura do terror dos sertões nortistas, os quais ascenderam a vinte e se alcunharam "Azulões".

Antonio Silvino, avisado de sua volta, ia espera-lo em uma bem feita tocaia perto de Caruarú. Mas, um acontecimento imprevisto salvou José Gouveia. Precisando munições, o bandido foi à feira animada do Trapiá. Deixou os apaniguados fora da vila e penetrou no mercado sozinho. Dentro da feira, ao esmorecerem ruídos de pregões e o burburinho da multidão, um homem perguntou-lhe frente a frente se era Antonio Silvino. Respondeu, sobranceiro, que sim. O sujeito descarregou-lhe a garrucha à queima-roupa. Do alto de uma calçada, um negro mandou-lhe por trás um tiro de "rifle". Silvino, não atingido, sacou do punhal e varias vezes o enfiou no peito do agressor, o conhecido Antonio Nicacio, autoridade policial do Trapiá. O

negro atirou-lhe à cabeça a coronha do "rifle" e correu amedrontado. O cangaceiro cambaleou coberto de sangue, mas não perdeu os sentidos. Nisto, atraídos pelas detonações e a gritaria do povaréu, os *cabras* entraram pelo mercado, doidos de furor, aos berros. A feira foi varrida à bala. Toda a vila se fechou medrosa. Ficaram no chão alguns cadáveres: Antonio Nicacio, apunhalado, um homem do povo com uma bala no peito, uma criança com os miolos vasando do crânio e um pobre cavalo magro, abatido, sob o peso dos cassuás cheios de jerimum, por um projetil nos intestinos.

Após ter morto em Campina da Paraíba o seu adversário Manoel Rodrigues Torres, a 26 de janeiro de 1906, no lugar Tatús, Silvino deu combate ao capitão José Gouveia. Mais ou menos depois de uma hora de cerrado tiroteio em que morreram algumas praças e alguns sequazes, o chefe do cangaço pôs-se no bredo, ileso e mais sedento de sangueira do que nunca!

Dessa data em diante pegou-lhe o vezo de atocaiar os pobres correios sertanejos, tomar-lhes as malas e queimar toda a correspondência, isto, dizia ele, com receio de nela andarem denúncias dos seus pagos ou ordens do governo para sua perseguição ou captura. Não podia ler a correspondência, sendo analfabeto. Dai não poder escolher a que lhe seria nociva. Queimava tudo. Apesar de analfabeto, por fanfarronice e armar ao efeito, afirmava às populações matutas ser espírita e conversar na calada da noite com as almas do outro mundo. A sua caterva dizia que ele andava sempre falando só.

E do constante escapulir às mais tenazes perseguições, e das façanhas narradas nas trovas dos rudes menestréis, pelas noites de folgança, no terreiro das vendas, e das bravatas, dos

crimes, das historias terríveis contadas à socapa, criou-se-lhe em torno uma auréola de lenda.

Durante algum tempo, foi o maior empecilho aos trabalhos de prolongamento da "Great Western Railway", no sertão de Pernambuco, pior que pirambeiras a pique, desfiladeiros pedregosos, rampas abruptas, socalcos seculares de granitos e gneiss, alagados, várzeas apauladas. Inventou que certos terrenos que os trilhos da companhia atravessavam, no Mogeiro, eram propriedade sua.

Durante todo ano de 1906, perseguiu turmas e engenheiros, impediu trabalhos, cortou fios telegráficos, pôs gente a resgate, obstruiu as linhas já construídas, fazendo parar trens e cobrando direitos de passagem aos aterrorizados passageiros. Por um senhor, Francisco de Sá, empreiteiro da construção da via, mandou dizer aos *inguilezes* que aquela terra era sua e exigia pela travessia dos comboios por ela a indenização de 30 contos de réis.

Reconhecendo a impotência dos poderes estaduais contra o selvático *condottieri*, a companhia inglesa dirigiu reclamações ao governo federal. Partiram para a zona do Mogeiro mais de cem homens do Exército, do 27.º de infantaria e do 2.º da mesma arma, comandados pelo capitão Formel. Temendo a referida força, Silvino eclipsou-se.

Reapareceu dai por diante, sempre de imprevisto, pelas povoações matutas, arrotando a empáfia de *procurador do governo*, saqueando coletorias, mesas de rendas, agências postais, cobrando em Esperança, Caruarú, Soledade, Alagoinha, Alagoa Nova, Taquaratinga, Salgadinho e Barra de S. Miguel, impostos dos negociantes e criadores, arrecadando dízimos.

Em Alagoa Nova, surpreendendo o destacamento, tomou até o fardamento dos soldados, que distribuiu com a sua gente, chegando o seu desplante e o seu descaro a telegrafar ao governador do Estado, comunicando tudo quanto fizera.

Em Serra Verde, perto de Umbuzeiro, matou dois soldados; na vila do Pilar, desarmou e prendeu o destacamento, soltando cinco presos, tomando de D. Ignez Napoleão alguns contos de réis; raspou os cofres da coletoria e da municipalidade! Tudo isto no espaço de dois meses, e a força federal nada fez para o impedir!

Em abril de 1906, saqueou Cabaceiras e Cachoeira de Caruarú, matando os irmãos Pedro e Antonio Ferreira, na povoação de Mandaçaia.

Por essa época, perseguia-o à frente de cem praças do Exército o capitão Rego Barros, de quem fugia sempre, pois nunca teimou em resistir às forças federais. Na póvoa de Queimados prendeu todas as autoridades, saqueou a fazenda de Demetrio Coutinho, e, dias depois, incendiava um comboio de fazendas no lugar Rio Grande, comboio esse do seu inimigo Lucas Donato.

Perseguido logo após pelo alferes José Caetano, por Casemiro Honório, homem rico e valente, aparentado ao Donato, mandou sua família mudar-se de Afogados, onde residia, para evitar perseguições, e refugiou-se no Ceará, apesar de andar tentado a enfrentar os perseguidores, por quanto entre eles estava Desiderio Ramos, filho do assassino de seu pai, sobre o qual reza assim uma trova sertaneja

(sic) "Si não me mandarem logo
De presente ao cemitério,
Ou Desiderio me mata,
Ou eu mato Desiderio."

Retornando do Ceará, prosseguiu sua vida de saques, surras e assassínios, fazendo sofrer vexames aos moradores da Muribeca, de Grossos, Gameleira, Ingá, Machados, Pinhões, São José dos Cordeiros, Lagôa do Remigio, Canafístula, Cebola, Malhadinha, Araçá, Pocinhos, Barra de Santa Rosa, S. Miguel de Traipú, Juá, Periquito, Taperoá e Boa Vista.

Uma versalhada que corre mundo no interior, da autoria de Francisco das Chagas Baptista, cantador que não empana a verdade dos fatos, que narra as menores minúcias e que tem, no seu gênero, grande propriedade e inspiração, sendo o Gerardo de Viena sertanejo, assim descreve os companheiros sanguinários do bandido célebre:

O primeiro desses *cabras*
É o compadre Tempestade,
A hiena não iguala
A sua ferocidade!
A bala do *rifle* dele
É tão ferina e certeira,
Que tem matado veados
Na mais ativa carreira.
Seu punhal já tem varado
Miolo de aroeira!

Este cabra é carrancudo;
Nunca deu uma risada!
No dia em que está danado
Uma pantera o assanhada
É mais mansa do que ele
E muito menos malvada!...
Bebe fogo e não se queima
Pega corisco com a mão!!
Vidro ralado é p'ra ele
Um excelente pirão!
Mata qualquer innocente,
Sem raiva, sem precisão!
O segundo é um negro
Que açode per Serrote,
Este é uma onça na furna
É uma oficina de morte!
Seu *rifle* não perde tiro,
Seu facão não falha o corte!
Este negro, estando calmo,
Não dá um só tiro errado;
Muitas vezes uma linha
Com um tiro ele tem cortado,
Já o vi fazer proezas
De que fico admirado!
No dia em que ele se zanga

Come pedra e não se entala
Fuma pólvora com pimenta!
Por bolacha come bala!. ,.
Atira até na mãe dele
Se em sua frente encontra-la!
O terceiro é um mulato
Que açode por Moita Brava,
Este cabra é mais valente
Do que um touro na cava;
Muitas vezes o pai dele
Ao vê-lo se assombrava!
Este só se alimenta
Do que vê na sua frente,
Quando tem sede por agua
Só bebe sangue de gente!
O seu tiro é mais certeiro
Do que o bote da serpente.
Para este não existe
Nem afago e nem carinho..
Diz que chumbo derretido
P'ra ele é melhor que vinho;
Mata cobra com os dentes
E dá murro em porco espinho!
O quarto é um caboclo
Que açode por Violento,

Este quando está brigando
É ligeiro como o vento
A carne do cururú
É o seu único alimento...
Este caboclo é tão máu (sic)
E tem a cara tão feia,
Que o duro que olhar p'ra ele
Ou corre ou fracateia!
Já matou mais de cinquenta
Somente de nó de peia!...
O quinto é um mestiço
Que açode por Gato Brabo;
Este cabra tem pegado
Muita onça pelo rabo;
E já tem dado de peia
Até no próprio diabo!
Este cabra quando briga
Faz coisas de admirar;
Dá saltos de oitenta braças
Não deixa bala o pegar!
Cem tiros em um minuto
Está cansado de dar!
O sexto é um cabra fulo,
Que açode por Azulão;
Este, pegando um soldado

Arranca-lhe o coração,
Assa-o na ponta do dedo
P'ra come-lo com pirão!
Este cabra Azulão
É tão perverso e valente
Que só dá uma risada
Quando mata um inocente,
Come cabeça de cobra
E bebe sangue de gente!

Curioso espécime do cancioneiro épico do sertão!

A perseguição ao bandido formidável não lhe dava tréguas também.

Soldados cometiam a pretexto dela tanta barbaridade quanto os bandidos, fuzilando pobres vaqueiros, açoitando gente pacifica, ao menor pretexto, matando as mulheres que não aceitavam para amantes os comandantes de patrulha! Antonio Silvino começou a evitar as lutas: ou fugia ou se emboscava. Uma feita, em Pedra Lavrada, num apertado de serra, tocaiou o destacamento do alferes Joaquim Henrique e o desbaratou. O pobre oficial, baleado, escapou com vida, mais ficou aleijado para toda ela! Contam que num cerco que lhe puseram soldados de polícia, um tal alferes Maurício até lhe atirara uma bomba de dinamite, a qual não explodiu.

Escusado ó dizer que todos esses fatos, aumentados pela versão popular, mais glorificavam o salteador e mais o aureolavam de incontestável prestígio.

Esse alferes morreu numa pugna com os cangaceiros, heroicamente. Tanto ódio lhe votava o Silvino, que esmigalhou com uma pedra a cabeça do cadáver e ordenou aos sequazes que enterrassem as facas de arrasto no pobre corpo do valente oficial! E chegou a ousadia do quadrilheiro ao ponto de, por vezes, mandar avisar a polícia do lugar onde estava...

Antonio Silvino não montava a cavalo. Andava sistematicamente a pé, fazendo 18 léguas em 24 horas. Incapaz de faltar ao respeito a uma mulher, pois tinha o culto pundonoroso da honra das famílias, não aceitava pousada, preferindo dormir ao relento. É seu este brocardo: — "Ainda não nasceu homem em que eu confiasse". Atirava com pontaria certeiríssima, cortando fios do telegrafo com um tiro, metendo uma palanqueta no gargalo duma garrafa e oito balas seguidas num alvo só!

Tinha dois fracos, duas manias pelas quais era capaz de sacrificar tudo: brilhantes e perfumarias. Untava os cabelos com brilhantina cheirosa, borrifava-se de extratos, molhava-se em patchuli, lavava-se com agua de Colônia. Os dedos eram encaroçados de brilhantes cravados em grossos anéis de oiro. Calculava-se arrecadar de 6 a 8 contos, mensalmente. Gastava tudo. Distribuía a maior parte do botim com a pobreza. Dai grande popularidade entre as classes ínfimas do sertão. Passava dinheiro falso a rodo. Nunca se pôde saber onde o ia buscar. Sempre pareceu que fosse associado a negociantes ricos das regiões onde perambulava.

As suas armas eram um *rifle* Winchester, de quatorze tiros, um punhal enterçado de prata, com doze polegadas de comprimento, uma pistola Browing e cartucheiras duplas, bem atestadas sempre. Outrora, aceitava pagamentos para matar gente. Depois, começou a recusar as propostas nesse sentido.

Apesar de tudo, de sua própria popularidade entre a massa geral da população, para o sertão agreste Antonio Silvino era um pesadelo. Quando se acoutava em qualquer parte, desaparecia por algum tempo, o sertão respirava desafogado. Então, surgiam as canções que o celebrizaram. Logo, voltava a saquear, rapinar e matar. Até o estro dos trovistas se apagava, se ocultava com temor. Nas lendas em verso, aparece com bravatas terríveis a Roldão e a Ferrabrás de Alexandria, trombeteantes como o olifante de Roncesvales. É ao derredor dessa celebridade sertaneja, desse magno expoente do crime, dessa potência do mais completo e caracterizado banditismo, foi se adensando um halo de mistério e de lenda. A figura mestra do bandoleiro dominava o cenário e em torno o troveiro bordava, com o heroico fanfarrear das bravatas, o comentário irônico à matutice das autoridades bisonhas ou corruptas, ou mesmo criticas mais fortes, mais mordazes e mais ferinas.

Em uma longa poesia sertaneja aparece um padre a conversar com Antonio Silvino, pregando-lhe o arrependimento dos crimes praticados, procurando engana-lo para reaver dinheiros alheios. O povo, no seu bom senso de quem muito sofre e bem pouco frui, tem sempre a se traduzir em tudo, um ar de enfado, de troça, de ironia e de birra, que Fialho de Almeida muito bem pintou nos *Gatos*. Antonio Silvino, apesar de chefe temido de sicários, serve, vezes muitas, ao cantador popular de conduto por onde se despeja a bile acumulada nas injustiças sofridas, nas pretensões abortadas e nas invejas pequeninas.

Em outubro de 1912, o chefe político de S. Miguel do Jucurutú, no Rio Grande do Norte, e o Juiz de Direito de Acari, para fins eleitorais, tiveram longa conferencia com Antonio

Silvino, tomando cerveja de parceria. Desta sorte, como não proliferar no Norte o banditismo?

Em Caicó, no mesmo Estado, uma feita Antonio Silvino fez uma conferencia, à qual compareceu toda a população e nela o famanaz pregou ideias eleitorais, recomendou candidaturas e assentou cobranças de dízimos para si e para a sua horda. Em Conceição do Azevedo, o mandão local recebeu-o um dia com musica e foguetes. O promotor de Serra Negra arranjou um bilhar para jogar com ele. Dai se vê bem como autoridades e chefes locais protegem cangaceiros, que vivem de pilhar o comercio e os cofres das coletorias, auxiliando talvez os coletores a encobrir desfalques.

Eis um belo episodio do sentimento cavalheiroso que o sertanejo herdou do bandeirante juntamente com a ferocidade do tapuia, para, no decorrer de dois séculos e meio, não perder nem um nem outro, antes os possuir em mais refinada dose:

Alfredo Chianca, valente fazendeiro, sozinho, dentro de casa, resistiu a Antonio Silvino e seu bando. Disparou mais de vinte tiros pelas frestas abertas nas taipas das paredes. Terminada a munição, esperou-o à faca. Antonio Silvino arrombou a porta e penetrou na habitação. Dirigiu-se a Chianca e estendeu-lhe a mão. O outro deixou cair a Pajeú. Abraçaram-se diante da matula sanguisedenta e admirada do impulso generoso do chefe, que murmurou comovido: — "Tu és um homem!" Dai por diante ficaram amigos.

Em 1907, Silvino depredou em Caruarú o sítio do coronel Manoel Emygdio, subprefeito municipal, que estava ausente, matando cavalos e bois a tiros, incendiando os depósitos de algodão, quebrando as mobílias. Foi a Salgadinho e Barra de S.

Miguel arrecadar impostos, surrando os fiscais da administração e deixando o destacamento policial em ceroulas. Mais uma vez penetrou na vila do Pilar, soltando os presos e pondo a população a resgate. Entre o produto do saque, havia uma barrica de nickeis. Mandou derramá-la no meio da rua, para os pobres.

Mais ou menos duzentas praças do Exército guardavam uma região relativamente pequena e os bandidos esgueiravam-se por entre as patrulhas, rompiam os matos e serrotas, surgindo aqui e ali, quando menos esperados! Em Cabaceiras, um fazendeiro dava-lhe seis contos, para salvar a vida. Em Bodocongó, atacava de surpresa um pelotão guiado por José de Coito, seu inimigo figadal, cangaceiro que desertara para a polícia como os policias desertavam às vezes para os cangaceiros. Na feira de Queimados, ao pé do boqueirão do Bodopitá, o subdelegado Muniz era humilhado e um negociante roubado em quinhentos mil réis!

Vem o ano de 1908 e o chefe de polícia de Pernambuco arma um plano contra a cangaceiragem. Faz capitão de polícia o sertanejo Zacarias Neves, que recruta a sua tropa entre os valentões do Pajeú de Flores. Zacarias encontra Silvino na fazenda Arara. Lutam. Uma bala corta a correia da cartucheira que o cangaceiro trazia a tiracolo. Mas ele foge sem um arranhão. Em junho, ataca a fazenda Muribeca, do coronel Campos, no município de Campina Grande. Em julho, nos Grossos, concede uma entrevista ao representante do "Diário de Pernambuco"! Dias depois, toma Cachoeira e saqueia Natuba. Finda o ano com novos saques e depredações. Duma argúcia terrível nos ardis, fazia com facilidade os perseguidores perderem-lhe a pista. Depois de escapulir seis dias seguidos à perseguição de José de Coito, Zacarias e dos "Azulões", desnorteou-os velhacamente.

Passando numa casa, disse ao morador: "Quando aqui chegar o José de Coito, conte-lhe que vou a Cabaças, na Paraíba, dar uma tunda no pai dele.. Se quer salvar o velho, ande depressa!" Recebendo tal recado, José de Coito abandona o piso de Silvino e corre pressuroso para a fazenda do pai. O bandoleiro dirige-se à serra das Espinharas, onde se acolhe sem ser molestado.

Houve a tentativa sem resultado do padre José Paulino junto dele, para que deixasse o cangaço, e junto do governo para perdoa-lo, a fim de que não continuasse a ser perseguido e cessasse o sanguentado vagabundear. Depois disso, os seus sentimentos cruéis aumentaram: cuidava na sua ignorância pretenciosa que o governo o traíra rejeitando seus propósitos de regeneração; espancou homens e mulheres e fuzilou criaturas inermes. Sumiu-se algum tempo, até que surgiu na Esperança em procura do padre Almeida, para que este fosse arranjar com o governo o seu indulto. Queria descansar. Nada obteve. Encolerizou-se com tantas recusas. Multiplicou saques, roubos e homicídios.

Os anos foram-se passando e enchia de terror os sertões; hoje cortava os fios do telegrafo, amanhã impedia a passagem dum trem; depois, cobrava os impostos aqui e ali! Tiroteava com os destacamentos de Joaquim Henrique e João Facundo, destruía o engenho de Manoel Belo, no valor de cem contos de réis, queimava os cadáveres de suas vítimas com a madeira dos moveis espatifados, dava surras, com correntes de armar rede, em pobres senhoras, vendia indivíduos que se não podiam resgatar aos seus inimigos, até que veio fortificar com o seu prestigio o alevante de cangaceiros da Paraíba, feito com fins políticos por Franklin Dantas e Santa Cruz. Percorreu, então, o centro

do Rio Grande do Norte e da Paraíba, saqueando desassombradamente sítios, mercados e fazendas.

Realiza-se em 1912 o acordo entre os governos cearense, rio-grandense, paraibano e pernambucano, para dar caça aos criminosos. Esse pacto foi assinado no Recife, em dezembro de 1912, por Henrique Castriciano, delegado do governo de Natal, José Getúlio da Frota Pessoa, do de Fortaleza, J. Rodrigues de Carvalho, do de Paraíba, e Estevam de Lacerda, do de Recife. Foram escassos os resultados do apregoado acordo. A perseguição aos bandidos encontrava a empecê-la as forças derivadas do meio político e social, do qual se propunha extirpar o banditismo, produto da sua etnografia, da sua ignorância, das suas tendências históricas, da sua falta de educação e de progresso. Seria preciso fomentar estes últimos e combater aqueles, para conseguir melhoras apreciáveis, que a prisão de meia dúzia de facinorosos não produzem. A fabrica desses indivíduos é poderosa. A destruição de alguns dos seus produtos nada adianta. Adiantaria a destruição dela ou a sua modificação, a fim de dar tipos outros que não cangaceiros. O governo Franco Rabelo, um dos que mais apregoaram a excelência do convênio, Enquanto prendia nos burgos sertanejos uma dezena de bandidos, assoprava os fogachos da desordem na capital do Estado; metia nas cadeias do interior alguns saqueadores e incendiários de fazendas e póvoas nos confins do sertão, mas consentia que hordas de vagabundos e desordeiros saqueassem e incendiassem fábricas e palacetes nas ruas duma capital marítima!

Antonio Silvino encolheu-se a esperar os resultados do tratado interestadual. Vendo que nada valiam, mais audacioso se tornou. Mandou buscar dois contos de réis na fazenda de

Christiano Lauritzen, que estava guarnecida por cem soldados! Entre tropas, destacamentos, pelotões e patrulhas, passava e repassava sorrateiro e misterioso como um fantasma. Expulsava seus desafetos das moradas, banindo-os para outras ribeiras. De Coité telefonou para as autoridades policiais de Guarabira, fazendo caçoadas. Duma estação ferroviária passava ao governador do Estado da Paraíba este telegrama, obrigando os telegrafistas à manipulação, de punhal em punho:

"Dr. Castro Pinto, governador bandido. Não precisava reunir quatro Estados para perseguir-me, pois garanto-lhe não saio de dois, fazendo perseguição ao seu governo. Doutor Massa[109], toda perseguição que me fizer eu me vingo em sua família. Doutor José Rodrigues[110], pise milho, cesse *massa* e dê a esse *pinto* para comer, que o mal dele é fome (assignado) *Antonio Silvino de Morais*[111].

O capitão Augusto de Lima e o alferes Irineu Rangel perseguiram-no tenazmente. Escapulia-se dos cercos e tiroteios como uma enguia por entre os dedos do pescador. Em Araruna, o povo, chefiado pelo padre José Paulino, prende dois de seus *cabras*, Relâmpago e Cobra Verde, que exigiam dinheiro numa casa comercial. Levados para a capital, por falha de testemunhas no processo, não se lhes pôde achar grandes crimes. Foram remetidos para o interior e entregues ao comandante da força policial perseguidora de Antonio Silvino, que os fuzilou numa clara madrugada à beira de deserto caminho! Nove dias depois dessa execução sumária, o capitão Augusto de Lima era morto pelo cangaceiro Manoel Sobral, que lhe pusera tocaia.

---

109 Chefe de Polícia.
110 De Carvalho, secretário do Governo.
111 "Pacotilha". - 30/1/1913.

Silvino visitara a sepultura dos dois companheiros fuzilados e dizem que nela batera com a coronha do *rifle*, garantindo que os vingaria. Não pôde cumprir a palavra, porque Sobral se antecipara, talvez a mandado dos Dantas, seus protetores, que o capitão perseguira.

Sobre esses fuzilamentos houve discussões na imprensa paraibana. A "Imprensa" atacou o governo. A "União" defendeu-o. Alinhando estes fatos, não nos podemos esquivar aos comentários. Embora sejam tais execuções contra as leis que nos regem e contra as leis da humanidade na frase piegas dos homens sem inclinações práticas e que se deixam levar mais pelos dogmas das filosofias do que pelos ensinamentos verdadeiros dos acontecimentos, não trepidamos em afirmar que são atos necessários e justos, únicos aplicáveis contra o bandoleiro aprisionado que o meio e as suas próprias taras não permitem regenerar nem manter fora do convívio social.

O sertão paraibano, como todas as regiões depois de grandes lutas, estava entregue à anarquia. Bandos de "Sobrais", "Inos" e "Jaçanãs" o percorriam em contínuas tropelias. Davam-lhes caça grupos tão ferozes quanto eles: *cachimbos* improvisados na escoria das vilas, "macacos" ou policiais barbar os, "Azulões" e "Neves". No meio desse mar revolto de perseguições e rixas, Antonio Silvino passava com elegante desassombro.

1914 viu-o tirotear com os soldados de Joaquim Henriques, ao pé de Cachoeira de Cebolas, de onde passou para o Rio Grande do Norte, demorando lá o ano inteiro. Da Baronesa de Serra Branca leva quinhentos mil réis e do juiz de direito desse lugar um conto e quinhentos. Prossegue as visitas e saques. Era o Judeu Errante do cangaço.

Nesse mesmo ano, a 28 de novembro, numa tarde serena, Silvino e quatro ou cinco companheiros jogavam, debaixo dum juazeiro, dentro de um cercado, na Lagoa do Lage. O alferes [Theofanes Torres] da polícia pernambucana, que o procurava, teve notícias do seu paradeiro. Saiu-lhe ao encalço com oito soldados. Avistou o bando dentro das cercas. Aproximou-se cautelosamente e mandou fazer fogo. Os bandidos ganharam umas abas de serrotas de onde responderam aos tiros. Silvino ficou atirando de frente, no lugar onde estava. Uma bala extraviada dos que faziam logo das serrotas feriu-o pelas costas, atravessando-lhe o tronco. Outro cangaceiro tombou também baleado. E os soldados, depois de baterem o matagal, recuaram[112]. Joaquim Moura, o ferido, suicidou-se com um tiro no ouvido, para não cair vivo às mãos dos "macacos". Antonio Silvino arrastou-se até uma casa próxima, a de Manoel Mendes, e mandou propor ao comandante da tropa sua rendição. Este, temendo uma emboscada, demorou três dias para ir à tal casa, o que fez pondo à frente dos soldados o mensageiro, que, em caso de traição, seria fuzilado. Assim, foi preso o maior cangaceiro do Nordeste.

Depois de preso, transportaram-no para a cadeia de Taquaretinga, de onde o conduziram ao Recife. O "Jornal Pequeno" conta desta sorte a sua partida daquela prisão:

> "Seriam nove e quarenta e cinco da manhã, quando o alferes Theophanes Torres, com a sua força, composta do sargento José Alvim Correia Queiroz e soldados Pedro da Silva Sobral, Antonio Marques da Silva, Antonio Tavares dos Santos, Fenelon Gomes da Silva, João Farias, Ernesto Nazario de Lucena e Manoel Correia de

112 "Jornal Pequeno", Recife. 1/12/1914. Declarações do Alferes Theophanes.

Amorim, todos trajando uniforme de brim azul fluminense mesclado, de cartucheira à cinta e *rifle* ao lado, partiu de Taquaretinga, em cuja cadeia se encontrava recolhido o bandido. Este, montado em uma burra, cercado pelos policiais referidos, que lhe dispensaram todo o cuidado, sob a vigilância do alferes Theophanes Torres, veio a caminho de Caruarú.

No trajeto, já quando alcançavam o lugarejo Torres, houve o encontro do dr. Maurício Wanderley e sua comitiva, que haviam partido da cidade de Caruarú às 2 horas da manhã.

O encontro da força condutora do bandido com o dr. chefe de polícia foi inesperado.

Silvino, de olhos baixos, foi enfrentado pelo chefe da segurança pública.

Naquele lugar, o dr. Maurício Wanderley hospedou-se em casa do sr. João Tatoga, enquanto Antônio Silvino era levado para a casa do sr. José Gervásio, ex-autoridade policial e uma das suas vítimas.

Foi ai que o dr. Frederico Curió procedeu aos necessários curativos, oferecendo ao ferido todo o conforto e cuidado de que o mesmo necessitava.

Feitos os curativos, passou o bandido a ser fotografado em diferentes posições pelo hábil fotografo sr. Horácio Alves.

Antonio Silvino, cada vez que passava pela máquina fotográfica, mostrava-se revoltado, dirigindo insultos e palavras ásperas ao sr. Alves.

Após tudo isto feito e em vista da urgente necessidade da vinda do célebre criminoso para o Recife, foi ordenado o seu transporte para Caruarú e Dai para a capital."

Ainda uma transcrição do mesmo jornal[113]:

"A VINDA DE ANTONIO SILVINO PARA O RECIFE.

O comboio que trouxe o facínora moveu-se de Caruaru às 2 e 55 da madrugada. Da sala de 2ª classe da estação, onde se achava, para o trem, fez ele o percurso a pé, com dois soldados sustendo-o.

A massa popular era, mesmo àquela hora, enorme. A estação e proximidades estavam apinhadas. Mais de mil pessoas se aglomeravam.

No vagão de primeira classe tomaram assento o dr. Maurício Wanderley, dr. Frederico Curió, major Santiago Ramos, o alferes Theophanes Torres, sua força, os soldados idos do Recife, o enfermeiro do Necrotério, João Santos, e os representantes dos jornais: Armando Boudoux, do "Diário de Pernambuco"; Leovigildo Júnior e Alberto Silveira, do "Jornal do Recife"; Oscar Melo, da "Província"; Francisco Pinheiro, do "Correio do Norte", e o nosso companheiro Guilherme de Araújo.

O trem veio expresso, apenas diminuindo a marcha ao passar em algumas estações, para receber a licença e prosseguir a viagem.

Em todas elas, o ajuntamento era inacreditável. Alta madrugada e as estações apinhavam-se de curiosos para ter, mesmo na celeridade do comboio, a visão do facínora.

O expresso deu entrada em Cinco Pontas às 7,20 da manhã.

Uma avultadíssima massa popular juntava-se na estação. O trânsito quase não se fazia, não obstante a força para conter o povo, ali postado.

---

113 "Jornal Pequeno", Recife. 1/12/1914.

Estavam lá os drs. Enéas de Lucena e José Vieira, que dirigiam uma força de infantaria embalada.

Silvino saltou pelos braços de três soldados, carregado, sendo depois colocado na maca da *Assistência,* trazida por dois enfermeiros até à plataforma.

Nela, cercado dos mesmos soldados, ainda do dr. Curió e dos médicos da *Assistência,* drs. Alfredo Costa, Fausto Pinheiro e Abelardo Baltar, foi conduzido para a ambulância, onde tomaram assento três facultativos, os dois enfermeiros e o repórter do *Correio do Norte.*

O povo movimentou-se aos empurrões, às pisadelas, n'uma confusão doida, acompanhando Silvino até o automóvel.

Este moveu-se, a princípio fingindo não ir logo para a Detenção, pela rua da Vitória e Concórdia, indo até à praça desse nome, para depois rumar para a cadeia. Entretanto, o povo, que percebeu o que queria fazer a *Assistência,* tomou as imediações da Detenção e pôs-se a esperar.

Realmente, da praça da Concórdia dirigiu-se o auto para a cadeia A massa afluiu para a entrada, mas foi impedida, pela polícia, de se aproximar.

Na mesma maca em que saltara do trem foi conduzido até à enfermaria, onde se acha agora."

Na impossibilidade de explicar por meios naturais as vantagens de Antonio Silvino na sua luta de 18 anos, o povo, predisposto a acreditar em mistérios e a procurá-los para deles originar o que lhe parece inexplicável, rodeava-o de lendas. Afirmava que tinha sonhos que o avisavam dos perigos; que se transformava em cabra, carneiro, touro e outros animais; que se tornava invisível ou era invulnerável às balas e armas brancas; que

era blindado por orações fortes, defendido por elevados protetores e havia até quem jurasse que não existia e não passava dum mito, sendo os seus crimes praticados por muitos que se acobertavam com o pseudônimo célebre. Antonio Silvino, para esses, não era mais que um Putois do sertão.

Ele próprio, mui de indústria, apregoava ter a presciência das coisas e dizia-se espírita. O maior cangaceiro argentino era como o maior cangaceiro do centro-norte do Brasil: fazia-se impenetrável e, valendo-se da sagacidade natural e capacidade de observação fora do comum, fingia uma presciência dos acontecimentos, que lhe dava prestígio e reputação entre a gente vulgar[114]. Nesse ponto, Antonio Silvino se iguala a Facundo Quiroga, mesmo porque, embora pese isto aos que se agarram a niquices para apregoar horror ao banditismo, ambos foram talvez dois heróis que o meio fez abortarem em bandidos. Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, padre sertanejo do Ceará, turbulento e acangaoeirado, também se dizia presciente. Contam que uma noite acordara os companheiros que dormiam junto a uma velha parede numa fazenda. Mal todos se levantaram, a parede caiu. Conversando em casa dum amigo, em pleno sertão, parou subitamente, dizendo que ia embora, porque não tardava ali um alferes que o perseguia. Mal acabava de ocultar-se numa dependência afastada da mansão, a fazenda era cercada pela tropa. Ao meio duma missa, abandonou paramentos e latinórios, passou para a sacristia e fugiu. Instantes após, um destacamento sitiava a igreja[115]. Antonio Silvino, pondo em jogo os seus dotes sagazes de matuto, de vista arguta como aquele Olho de Falcão de Cooper, de

---

[114] Sarmiento – "Facundo".
[115] João Brígido – "O Ceará".

pituitária mais sensível que um cão de raça, rastreador mais esperto que um "gaúcho-malo", apregoava tudo adivinhar. Narram dele anedotas interessantes. Numa fazenda, levantou-se no meio de jovial palestra, fez um sinal aos *cabras* e ganhou o mato. Cinco minutos mais e a polícia batia ali. Jogando cartas, um dia, na maior animação da partida ergueu-se, dizendo: "Os macacos" não me deixam acabar o jogo!" Pulou por uma janela e correu agachado até um macambiral. Mal se encobrira, os soldados chegavam. Na casa dum amigo, ia comer um peru. Demorando o jantar, reclamou que o fizessem depressa, porque talvez pouco tempo tivesse para come-lo. Com efeito, ao sentar-se à mesa, fungou repetidas vezes. Estava sentindo cheiro de "mata-cachorros". Num ápice, fugia. A tropa que chegava ainda encontrou o peru sobre a mesa e jantou-o com alegria.

Fazia versos, algumas vezes cantava copias de desafio e a sua alma bárbara e cada dia mais barbarizada, gostava da musica. Indo saquear uma fazenda, pediu à filha do proprietário que tocasse piano e ouviu-a atentamente. Na festa da Conceição, no Sapé, distribuiu muito dinheiro aos músicos, a fim de que o alegrassem, tocando.

Entrevistado pelo correspondente do "Estado de São Paulo", Antonio Silvino fez declarações interessantes, das quais destacamos esta:

— "Quem fazia a sua barba?

— Eu mesmo. Às vezes, mandava chamar um barbeiro de confiança. Sentava-me com o punhal e o rifle no colo, e mandava os meus companheiros apontarem os rifles para o barbeiro. Ordenava então que trabalhasse, prevenindo-o de que, se me

desse um talho, seria fuzilado pelos meus companheiros, e eu enterrava-lhe o punhal no coração."

Parece até que o quadrilheiro sertanejo tivera notícia daquele bandido Italiano, Parela, cuja cabeça foi posta a preço depois de demorada luta. Um dia, o comandante dos dragões que o procuravam é despertado por um homem que trazia num saco algo de pesado. O oficial perguntou-lhe o que desejava. Vinha receber o preço da cabeça do salteador. Trocou-se este diálogo:

— "Onde está a cabeça?"

— "Aqui". E o homem, abrindo o saco, puxou pelos cabelos a cabeça decepada.

— "Como conseguiste mata-lo?"

— "Eu era o seu barbeiro, capitão."

A pormenorizada relação de tão aventurosa vida é suficiente para se tirarem as necessárias conclusões sobre a psicologia desse criminoso. Nunca o vimos e valemo-nos da descrição daqueles que o conheceram pessoalmente, para tentarmos chegar a um resultado. Essas opiniões divergem profundamente. Uma notícia do Recife, publicada pelo "O Norte", da Paraíba, de 3 de dezembro de 1914, rezava: "Um abalizado cientista médico define os característicos criminais de Antonio Silvino, dizendo que não tem estigmas aparentes de criminoso nato, nem prognatismo, nem assimetria facial, nem estrabismo conforme a escola positiva do processo de regressão atávica. O seu aspecto é o aspecto comum do sertanejo." "O Jornal Pequeno" descreve-o assim:

"Precisamos-lhe bem os traços fisionômicos, a estatura, o corpo. Um romano chamá-lo-ia um *vir fortissimus*. A sua compleição física é formidável, pela robustez que apresenta. A altura, normal, mas os músculos têm a rijeza de um atleta, distendem-se com a agilidade de um homem, que, como ele, levava uma vida campeadora, em contato permanente com a natureza. Os dissabores, os tormentos da existência nômade, de andarilho que há vinte anos não repousa num lar, desconhece as doçuras de um leito, porque a sua rede era a floresta, a caatinga, o ar livre, a pedra algida da furna, o galho vetusto da árvore, não se lhe gravaram no organismo, treinado pelo exercício incessante das marchas e caminhadas, a que era obrigado. Todavia na máscara da face, nas rugas precoces, que a sulcam, sobretudo na testa vincada, estão vivamente os sinais do cansaço, da fadiga, que começavam a quebrantar o animo de Silvino. De sorte que se lhe notam, com a poderosa enfibratura do belo temperamento, cheio de vigor e de exuberância, os traços com que o tempo marca inflexivelmente aqueles que afrontam as suas intempéries, ao léu da vida, e à sua ação dissolveu te, expostos como ele vivia de inverno a verão, pelos campos c pelas estradas, sem abrigo certo nem sossego n'alma.

As orelhas, curtas e pequenas; e o nariz, reto e acentuado. Os olhos vivos e redondos têm uma estranha mobilidade e parecem habituados às longas vigílias que não extenuam nem prostram o corpo forte. O bigode negro e basto, cai sobre a boca, que ele trazia contraída numa expressão de desprezo, de quem não perdeu ainda o hábito de comando e a superioridade de chefe, que ordena para ser obedecido. Raramente falou na viagem. Quando pronunciava duas ou três palavras, era depois de muito puxado e provocado. Por via de regra

os lábios nunca se lhe descerraram. Preso, continua taciturno *quand même.* Da tez morena da face e do mento curto e voluntário, emerge-lhe a barba luzidia e espessa. Silvino escanhoava-se constantemente, mas de certo tempo a esta parte, ou porque não encontrasse barbeiro, ou porque não tivesse confiança nos da redondeza por onde andava, o certo é que a sua barba estava assaz crescida, dando-lhe um ar de rusticidade solitária. O pescoço é pequeno, e o cabelo da cabeça aprumada tem o negror dos fios da barba. É estirado e bom, transparecendo nele a boa origem da família de Silvino.

No conjunto, o bandido não deixa aos que o olham, de espírito desprevenido, esquecendo por um momento o catalogo dos seus crimes, uma impressão de antipatia. Pelo contrário: o rosto oval, a energia varonil, a cabeleira revolta, o traço que ele procura acentuar bem, de indiferença pelos que o olham, tentando falar-lhe, envolvem-no de uma atmosfera simpática que só a lembrança das suas ferocidades enturva e faz apagar."

O talentoso jornalista Carlos Dias Fernandes, em duas brilhantes colunas do "Jornal de Recife", faz dele este retrato:

"A minha entrevista com Antonio Silvino foi antes uma vastíssima decepção. O lendário facínora de tantas proezas sanguinárias e que zombou por tão dilatados anos das diligencias heroicas e obstinadas do poder público, o duende sinistro dos ermos sertanejos, o ladrão rural, o pseudo amigo dos pobres, o capataz aguerrido das selvas, não passa de um criminoso vulgar, sem esses arrebatamentos de sentimentalismo e nobreza que assinalam as figuras clássicas de Ciccio Cappuccio, Totono o Papavallo e muitos outros referidos na *Camorra,* de Frederico Russo e Emilio Serra.

Vestia calça e camisa comuns e tinha os pés de andarilho emérito, habituados à nudez e ao contato dos fragosos caminhos, a estourar de inchação ociosa nuns garridos sapatos de charlote, que traem a inferioridade das suas predileções estéticas.

Dei-lhe um tratamento de camaradagem para lhe soltar as perrices da língua, de desconfiado retrátil, que se tornou assustadiço como um bicho do mato, depois de vinte anos de exílio social e esperta vigilância para escapar às batidas dos emissários da lei. Narrou-nos com a sua expressão bronca e relapsa, muito abaixo do lível matuto, as peripécias já conhecidas da sua prisão: o tiro na região torácica interessando o pulmão direito; o breve caminhar entre o José e o "Espalhado", compares fieis, que o ampararam naquela hora aziaga do desbarato; o asilo "um casal afastado, onde lhe mataram a sede sintomática dos ferimentos; a invocação ao prefeito do lugar; a chegada da polícia, a prisão".

"Tudo dizia sem presteza verbal, arrastando as palavras numa como inibição física, de quem viveu por longo tempo silencioso, exercitando acuradamente os sentidos para as ocasiões iterativas de ataque insidioso, de ocultação prudente e defesa compulsória. A voz de um timbre fanhoso escorria-lhe monótona nos grossos beiços, sombreados de cerdosos bigodes, que totalmente lhe encobrem a falta dos incisivos superiores, um dos característicos de debilidade mental. A face mal conformada, de zigomas salientes, com um leve desvio nasal para a direita, muito curta entre a boca e as arcadas orbitais, d'olhos pequenos muito afastados, morosos, com um leve estrabismo convergente, parece apertar-se entre as orelhas leporinas, chanfradas para a frente, a abundância dos cabelos occipitais e a fronte estreita e

lisa, que denunciam um cérebro apenas movido pelos atos da vida de relação. Nem uma só ruga vertical, horizontal, sinuosa ou oblíqua se cava naquela pobre testa de monstro regressivo, cuja ferocidade é natural e instintiva como a das bestas selvagens. Antonio Silvino é um covarde e um analgésico, de mãos femininas e moles, com dedos frágeis, desviados obliquamente e para fora, acusando-lhe, talvez, as inclinações rapaces de manhoso e desfaçado ladrão. Mal conformado e membrudo como um orango, afunda-se-lhe o tórax entre os sungados ombros, de onde se dependuram, inexpressivamente, os compridos braços moles, que se nunca enrijaram nas fainas nobres do trabalho.

Há no conjunto da sua mascara antipática certa expressão avelhantada, que resulta da desarmonia fisionômica dos órgãos respectivos.

Já se vê que num homem dessa têmpera as emoções são ainda quase rudimentares, confundindo-se com os atos reflexos das excitações exteriores.

Silvino é um preguiçoso indolente, que o temor do trabalho arregimentou nas fileiras do crime, evocando para se inocentar a vindita da morte paterna, indiferente por certo a um filho de tais entranhas, que, nos albores fogosos da juventude, escapa aos influxos salutares do laborioso meio rural e faz-se bandido com a mais irritante naturalidade.

Alma espessa, pela ignorância e grosseria de instintos, esse criminoso vulgar nem é ao menos religioso, mas limita as preocupações metafísicas do seu espírito às banalidades da superstição e do sonho. Assim é que nas vésperas das suas façanhas se dispunha para dormir e sonhar, dependendo das visões introspectivas de bom ou de mau augúrio a execução projetada. E não somen-

te ele, mas o bandoleiro "Cocada", seu amigo e inspirador, apelava para os conselhos do sonho.

....

Como complemento desses característicos de baixa inferioridade, Antonio Silvino é um reles glutão. A sua larga boca, que secunda solidariamente a imobilidade da face e da fronte, onde os olhos traem, a cada momento, os receios interiores do criminoso desconfiado, entreabriu-se num sorriso alvar, quando lhe falei ao instinto de nutrição, prometendo-lhe mangas. Então, todo aquele rosto parado se contraiu numa careta de apetite estimulado, e o pobre monstro, meu semelhante, mas tão remoto nos avanços da espécie, deu-me a impressão flagrante de uma fera enjaulada, cuja catadura estúpida e silenciosa despertasse na mobilidade dos olhos, na abertura das faces, na dilatação das narinas e agitação isócrona da cauda numa sinergia de movimentos reflexos, perante a ração costumada".

Que imensa contradição nesses depoimentos de testemunhas de vista! Dizia Stendhal que, somente por monografias de cada paixão do coração humano, se conseguiria conhecer o coração humano. Detalhemos Antonio Silvino, e, sem preconceitos, sem parcialidade, procuremos traçar-lhe o retrato, nem tanto ao mar como aquele que o chama *vir fortissimus* e alvo de simpatia, nem tanto à terra como este que o denomina fera enjaulada e o faz analgésico e regressivo, degenerado de última espécie.

Antonio Silvino deve ter alguns característicos de degenerescência, em que pese ao cientista que nele nada achou, não tantos quantos lhe viu o entusiasmo maravilhoso do talento de Carlos Dias Fernandes, mas alguns, porque as taras atávicas

nele hão de existir, porque seu pai, seu avô, seus tios foram cangaceiros e até mulheres de sua família cometeram crimes de mortes. Homem forte, tanto que suportou dezoito anos de desabrigo e caminhadas, com alguns instintos ratoneiros e inclinações cruéis que os exemplos do meio aumentaram, não acreditamos, entretanto, que seja simples preguiçoso cangaceirizado pelo temos do trabalho. Basta dizer que trabalhou nas roças e criações meses a fio, silenciosamente, matutando o modo de vingar o pai assassinado. Se o isolamento lhe deu inveterado hábito de silêncio, não deve ser bronco e perro de linguagem e inteligência quem tem o desplante de passar ao governador da Paraíba este telegrama:

"Monsenhor Walfredo Leal. Comprei oficial Gurinhem por 600$000. Ele me autorizou a dar duas surras, porém dei dez. Antonio Silvino da Paz tudo quanto promete faz"; e aquele já citado, com extraordinários trocadilhos para um simples analfabeto.

Esse homem, que no fim do seu sinistro perambular disfarçadamente roubava, era o mesmo que, no começo da sua vida terrível, dum cofre onde havia cinquenta contos pedia que tirassem e lhe dessem duzentos mil réis. Será um ladrão vulgar?

Facundo Quiroga lutou no pampa sozinho contra uma puma. Antonio Silvino penetrou na furna duma onça, de punhal na mão. Saiu ferido, mas deixou-a morta.

Não acreditamos seja covarde quem isso faz, embora na sua vida haja uma série de fugas aos primeiros tiros dos recontros. Não o elevemos tão alto quanto o fizeram lendas sertanejas nem o abaixemos a um simples degenerado da mais ínfima classe. A sua ignorância é o resultado do meio em que nas-

ceu, onde não frequentou a escola. Sua família quase toda não sabia ler. Como aprender? Esse ignorante, criado à lei da natureza, no rude viver do sertão, que nunca dominou paixões, que a elas se entregou, que jamais conheceu a menor sujeição, homem bárbaro, primitivo, impelido pelos exemplos constantes, ouvindo gabar o cangaço desde a meninice, torna-se bandido por vingar o pai morto por indivíduos que a sociedade não procurou castigar. A sua alma selvagem, diante da injustiça do meio, da falta de garantias de toda a sorte, do domínio brutal da força, ao invés de cair até a humilhação, elevou-se até a vingança. Ao depois, o correr dos tempos, a tensão nervosa fazendo crescer as tendências herdadas, modificaram-no. Mas o primeiro gesto foi honroso. A justiça, que não vingara seu pai morto, quis persegui-lo. Lutou. Silvino, com todas as crueldades e infâmias, tem para eleva-lo, a força de caráter e a confiança em si, que durante quatro lustros o fizeram desafiar uma sociedade inteira. Quem era essa justiça, para lhe tomar contas? Vexação dos fracos e amiga dos potentados, perseguidora que se iludia com facilidade. Por que respeita-la? Que benefícios lhe fizera ou aos seus? Que vantagens lhes trouxera? Na sua ignorância não podia de outra forma raciocinar. E todos os seus patrícios assim pensam. Pelo menos o dizem estes versos sertanejos a propósito dele mesmo e do primeiro crime por vingança:

"No bacamarte eu achei
Leis que decidem questão,
Que fazem melhor processo
Do que qualquer escrivão."

Silvino é um retardado social, um homem de outras eras, predisposto ao crime pela raça e pela educação, que uma

determinante brusca e a força indomável do caráter selvagem, ajudadas pelas condições do meio social, fizeram criminoso. É o maior expoente da energia sertaneja, que os governos criminosamente não aproveitam nem dirigem, deixando-a perder-se na vida aventurosa do cangaço.

Queremos pensar com um eminente escritor francês: "dia virá em que se historiará a grandeza do caráter onde for encontrada".

Neste caso, e na maior parte dos que registamos neste livro, infelizmente está no crime.

NOTA

A historia dum cangaceiro é a repetição da dos que o precederam. São pequenas as diferenças. Por isso, evitando cansar o leitor, somente narramos a vida daqueles que mais se notabilizaram, registando de outros simples episódios interessantes. Para que contar de Silvino Ayres, dos Dantas, de Godê, do Baptistão, de Meia Noite se os Viriatos, João do Bomfim e os Moquecas tanto se lhes assemelham?

Dever nosso declarar que a melhor parte das notas referentes aos bandidos paraibanos, especialmente aos Brilhantes e a Antonio Silvino, nos foram enviadas pela Sr. Pedro Baptista,. irmão do poeta popular Francisco das Chagas Baptista, nascido no Riacho Verde, serra do Teixeira, próprio *habitat* do banditismo. Na veracidade de seus informes repousamos com segurança.

O sr. Pedro Baptista publicou há pouco tempo um volume interessante: "Os cangaceiros de Nordeste", É um



01 VIAGENS AO NORDESTE DO BRASIL
Vol 1 Tradução. prefácio e comentários: Luís da Câmara Cascudo – 12ª Edição
HENRY KOSTER

02 VIAGENS AO NORDESTE DO BRASIL
Vol 2 – Tradução. prefácio e comentários: Luís da Câmara Cascudo – 12ª Edição
HENRY KOSTER

03 À MARGEM DA HISTÓRIA DO CEARÁ
3ª Edição · Vol 1 · Com as fotos da edição original
GUSTAVO BARROSO

04 À MARGEM DA HISTÓRIA DO CEARÁ
3ª Edição · Vol 2 · Com as fotos da edição original
GUSTAVO BARROSO

05 TERRA DE SOL – 8ª Edição
GUSTAVO BARROSO

06 HISTÓRIAS DAS LUTAS COM OS HOLANDESES NO BRASIL (Desde 1624 a 1654)
Vol 1 · Com os mapas das batalhas
F VARNHAGEM

07 HISTÓRIAS DAS LUTAS COM OS HOLANDESES NO BRASIL (Desde 1624 a 1654)
Vol 2 · Com os mapas das batalhas
F VARNHAGEM

08 O LIVRO DE GASPAR BARLAEUS – História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do Ilustríssimo João Maurício, Conde de Nassau etc.
4ª Edição Brasileira – Vol 1 – Com as ilustrações da edição "Princips", de Frans Post editado em Amsterdam, em 1647

09 O LIVRO DE GASPAR BARLAEUS – História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do Ilustríssimo João Maurício, Conde de Nassau etc.
4ª Edição Brasileira – Vol 2 – Com as ilustrações da edição "Princips", de Frans Post editado em Amsterdam. em 1647

10 OS HOLANDESES NO BRASIL
P M Netscher

11 O DESCOBRIMENTO DO BRASIL
Com mapas e ilustrações
J. CAPISTRANO DE ABREU

12 CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL
Com mapas e ilustrações
J. CAPISTRANO DE ABREU

13 CAMINHOS ANTIGOS E POVOAMENTO DO BRASIL
Com mapas e ilustrações
J CAPISTRANO DE ABREU

14 ALMAS DE LAMA E DE AÇO – *Lampião e outros cangaceiros*
GUSTAVO BARROSO

15 HERÓIS E BANDIDOS – *Os cangaceiros do Nordeste*
GUSTAVO BARROSO